

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é decorrente de uma investigação anterior, desenvolvida durante a elaboração da dissertação de mestrado, quando abordamos a Escola Alemã/Colégio Progresso de Curitiba, pelo viés da cultura escolar nela desenvolvida, ao longo da década de 1930.¹ Naquela ocasião, também contamos com as representações dos alunos que tiveram sua formação educacional intermediada pela instituição, o que nos permitiu perceber a escola como um espaço que ainda ansiava por identidade. A manutenção do idioma alemão e a presença latente de um sentimento do passado a inscrevia como lugar de preservação/transmissão de uma determinada cultura de origem germânica que, ao mesmo tempo, permitia a penetração de uma cultura propagada como nacional, em seu interior. A introdução de novos indivíduos no quadro docente e discente, os quais não compartilhavam a mesma ancestralidade germânica, proporcionou a geração de conflitos e dissensos, internos e externos, que interferiram no próprio fazer escolar. Com a instalação do Estado Novo e a legislação vigente, esse processo se acelerou, a escola foi repassada a uma outra instituição de ensino e seu edifício foi demolido para dar lugar a um espaço livre, que celebraria o Centenário da Emancipação Política do Paraná (1953). Ausente na paisagem urbana, sua imagem reside no tempo e em algumas memórias, envolta por uma aura simbólica, ora estigmatizada, ora enaltecida.

Ao pesquisarmos aquele momento da trajetória da escola, a década de 1930, ficamos intrigados com a relação entre o ausente e o provável na re-leitura deste passado que tinha a escola como ponto de convergência. Vislumbramos a insistência com que ex-alunos e os “amigos” da escola, como era denominada a população que estivera envolvida afetivamente com aquele estabelecimento de ensino, buscavam recuperar lembranças e reminiscências daquele lugar e entendemos o esforço de recuperação como um direito à memória que lhes havia sido furtado desde seu fechamento. Percebemos, entre alguns membros deste grupo, uma espécie de obrigação, e de pressa, em reabilitar alguns pontos, em manter algumas tradições, em fazer vir à tona alguns silêncios, e, à força de fazer lembrar, suas memórias escoravam-se em outras memórias, estas construídas com as experiências e vivências do presente, num processo vulnerável de reaquisição e de metamorfose. Esta memória das memórias, questionávamo-nos, seria a memória-dever da qual fala Pierre Nora (1993, p. 18),

¹ A pesquisa acadêmica resultou na dissertação de mestrado intitulada “*A estrada do poente: Escola Alemã / Colégio Progresso. Curitiba, 1930-1942.*” defendida em 2002, no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

que aprisiona o indivíduo? E, no dever de relembrar, onde também se inscreve o esquecimento, como fora idealizada e definida a focagem, o trabalho de enquadramento da memória (Pollak, 1989, p. 9)?

Se de um lado conseguimos auscultar alguns sintomas desta filtragem, de outro, a análise dos documentos escolares deixava clara uma ênfase a um “legado”, os costumes e as tradições alemães, em nome do qual se deveria formar o “espírito alemão” no alunado. Ou seja, no ambiente escolar visava-se a esta formação. Mas, em período anterior, este também seria o objetivo? Diante desta transmissão de valores e costumes, concebidos como característicos do grupo, uma questão se impunha: Como teria se desenvolvido este processo de seleção para que estes valores e costumes fossem compreendidos como tal? Em última instância, como se processou a formação desta identidade que demarcava o chamado espírito alemão?

“Memória em demasia, abusos de memória”, afirma reiteradamente Paul Ricoeur (2000, p. 98) ao longo de sua obra, quase como uma fórmula, e, longe de querermos nos prender em armadilhas, fomos então instigados a direcionar lentes para um passado mais distante, no qual, em nome de uma perpetuação imutável, a escola se dizia ancorar. Estendendo a pesquisa para um período temporal mais amplo, procuraríamos conhecer as imbricações existentes entre escola/sociedade e/ou educação/cultura. Com este objetivo, nossa primeira intenção foi a de buscar, na gênese dessa instituição de ensino, como o processo de “preservação cultural”, tão propalado pela escola, havia sido desencadeado, utilizando-nos de uma investigação histórica da *Deutsche Schule*, a Escola Alemã de Curitiba, desde sua fundação, até a Primeira Grande Guerra, em 1917.

Nosso ponto de partida, entretanto, necessitou de uma reavaliação. À medida que íamos organizando as fontes, selecionando referenciais teóricos e bibliográficos e incorporando conceitos, fomos percebendo que não teríamos condições de recuarmos nossa pesquisa até a data provável da criação da escola (1869). Esta condição, imposta pela escassez de fontes, levou-nos a deslocar o recorte inicial para 1884, o ano da fundação da *Verein Deutsche Schule*, a Sociedade Escolar que iria se encarregar de estabelecer diretrizes para a obra educacional, anteriormente à cargo da Igreja evangélica.² Sem pretender afirmar a ausência de uma formação religiosa – mesmo porque, como veremos, a grande maioria dos membros da diretoria, da Sociedade Escolar, de seu corpo docente e de seu alunado era

² Embasados em Dreher (1997) e Wirth (1998), utilizaremos o termo “evangélico” como sinônimo de “protestante”, relacionando-os, de forma abrangente, à implantação da Reforma empreendida por Lutero e sua doutrina.

membro participativo da Igreja evangélica, as aulas realizavam-se no interior de sua igreja e o pastor ainda exercia o cargo de professor – consideramos este um momento de ruptura (1884), quando as prioridades voltaram-se para o atendimento a uma população maior, em detrimento do caráter religioso de seu programa de ação.

A linha de chegada apóia-se no fato de termos encontrado aí uma brusca interrupção deste processo, quando a escola foi obrigada a cessar todas suas atividades, em 1917, após ter sido apedrejada por populares, revoltados com notícias do torpedeamento de “vapores” brasileiros por navios alemães. Reaberta somente em outubro de 1919, com um número de matrículas muito inferior ao do passado, esta situação perdurou durante a década de 1920, tornando-se necessário alavancar outros mecanismos de recuperação.

Para instrumentalizar a investigação, utilizamos como fontes as falas do Estado (correspondências do governo e legislação educacional), da escola (materiais produzidos e/ou utilizados por ela), da sociedade (jornais, revistas, almanaques, álbuns, memórias). Diante da ausência de um acervo documental concernente à *Deutsche Schule*, as fontes para a pesquisa foram buscadas em vários arquivos, inclusive particulares, as quais, em sua forma original, fotocopiadas ou fotografadas, vieram a formar um acervo próprio. Localizadas e selecionadas as fontes, foi necessário ainda um lento trabalho de tradução de originais em alemão, alguns em manuscrito gótico, trabalho este desenvolvido, em sua grande maioria, por pessoas bilíngües e alfabetizadas neste idioma. Entre os documentos remanescentes – manuais didáticos, cadernos, boletins, relatórios anuais, anotações esparsas, fotografias –, percebe-se a existência de lacunas significativas, embora o fato não tenha se constituído em um empecilho para que o material encontrado fosse interpretado enquanto vestígio de práticas educativas, levando em conta a forma e a maneira como foi construída/elaborada a ordem simbólica daqueles que as produziram/editaram.

Para a interpretação deste *corpus* documental, as leituras realizadas anteriormente, durante a elaboração da dissertação, apontavam-nos para a necessidade de considerar certas perspectivas. A primeira delas está relacionada à imigração, uma vez que a escola em foco fora efetivada pela iniciativa de imigrantes alemães. Estes, chegados em Curitiba, em levas contínuas, desde a década de 1830, procedentes de núcleos coloniais e inserindo-se na dinâmica da cidade, em tempos e de formas variadas, desenvolveram formas peculiares de organização e preservação cultural, vindo a formar uma “colônia urbana” (Fouquet, 1974, p. 37). O termo, utilizado para denominar o conjunto de indivíduos de origens diversas, estaria, portanto, atrelado a um pertencimento cultural e não a uma região geográfica ou área colonial,

onde imigrantes eram instalados pelos agentes de colonização.³ Outrossim, as pesquisas realizadas nos jornais coevos, editados em alemão e em português, colocam-nos à vontade para utilizarmos a denominação “colônia alemã” ao nos referirmos ao grupo curitibano, uma vez que esta era uma denominação usada e permitida pelos seus integrantes. No primeiro caso, podemos citar o jornal *Der Kompass*⁴ (14 de ago. de 1902), que desde seu primeiro ano de existência fez uso da expressão e, tomando apenas um exemplo ilustrativo, em sua seção permanente “Innland” [*sic*], anuncia nota de falecimento de um integrante da “deutschen Kolonie Curityba´s”.

Esta colônia alemã curitibana, público-alvo e majoritário da *Verein Deutsche Schule*, a Sociedade Escolar, passou a integrar nosso foco de análise. Como veremos, nem todos os seus integrantes eram alemães ou procedentes de territórios que vieram a formar a Alemanha, unificada em 1871, e muitos já haviam nascido no Brasil, mas a grande maioria, de uma forma ou outra, e com variações dialetais, utilizava-se do idioma relativo às regiões de língua alemã. O idioma, compreendido como parte da cultura do grupo e sua marca distintiva, caracterizaria o alemão do século XIX (Koch, 2003, p. 196), sendo que no início do XX ele era ainda considerado o veículo de transmissão de *seus* “valores espirituais”, a herança dos “velhos, os alemães, os alemães-austríacos, os alemães-russos, etc.” (Der Kompass, 1 abr. 1905). Sendo assim, mesmo considerando que a categoria “alemães” abarque subgrupos e não seja indicativa de homogeneidade, dela faremos uso, procurando compreendê-la também em sua diversidade.

A constituição de uma Sociedade Escolar – uma formação coletiva e diferenciada da direção anterior, cuja responsabilidade maior era arcada pelo pastor – além de indicar uma reestruturação interna na escola, levou-nos a abordar as formas associativas desenvolvidas por estes imigrantes e/ou seus descendentes, bem como a comunidade que alavancara o processo educativo (Schmidt, 1980; Nadalin, 2001, 1984, 1981, 1978, 1972). O interesse e a curiosidade de perscrutar os fazeres e os lazeres destes sujeitos em suas práticas associativas, sentindo-se como pertencentes ao mesmo grupo e partilhando das mesmas memórias, foram

³ Pensando em termos geográficos, não havia uma “colônia alemã” em Curitiba, embora alguns imigrantes alemães tenham sido assentados em colônias próximas à cidade (PARANÁ. *Relatório*, 1882).

⁴ Fundado em 03 julho de 1902, o jornal, publicado em idioma alemão, introduziu os primeiros caracteres góticos a partir de 19 de fevereiro de 1903. Em 12 de julho de 1903, sua folha de apresentação (39 x 28) inovasse, mostrando o título *Der Kompass* sobre fundo marítimo, no qual se visualiza um navio em sentido leste-oeste, reportando-nos à vinda dos imigrantes do continente europeu. Essa cena é emoldurada nas laterais e parte superior, por ramos de carvalho com seus frutos, árvore símbolo da Alemanha e, na parte inferior, por 2 ramos, de café e de palma, entrecruzados. No ponto de interseção destes, a figura da bússola – que dá nome ao periódico –, ladeada por uma âncora e uma cruz, explicitam sua vinculação ao catolicismo. Esta apresentação se mantém até seu número 102, de 28 de junho de 1905. Já na edição seguinte, correspondente ao número 1, ano 4, de 01 julho de 1905, o desenho é abolido e o tamanho das páginas é aumentado (53 x 36).

produzidos pela compreensão de que nessas práticas estaria sendo construído o sentimento de identidade, no sentido atribuído por Michael Pollak (1992, p. 204) “da imagem de si, para si e para os outros”. Na hipótese de que a escola estaria preservando, transmitindo e também gerando um sistema de referência e de significados e atribuindo para si o papel de agente ativo neste processo, este olhar sobre as associações poderia nos ajudar a distinguir o que lhe era próprio e o que lhe era estranho e a compreender as relações entre memória e identidade.

A proposta hipotética deve ser entendida numa dimensão maior, atrelada ao movimento de organização/afirmação da colônia alemã de Curitiba, sem perder de vista a possibilidade de atender a um processo de construção de pertencimentos, fundamentado em noções/ideais de germanidade (*Deutschtum*)⁵, com base na ancestralidade, que demarcaria o grupo étnico. Giralda Seyferth (1981), que analisou os conceitos de etnia, etnicidade, grupo étnico e identidade étnica, acredita que este último melhor instrumentaliza a análise, uma vez que, usados como critérios de classificação, incluindo/excluindo indivíduos, os símbolos de identificação podem variar nos processos de interação intra e extragrupos (p. 4-7). Ao focar o Vale do Itajaí e a imigração alemã, a autora bem demonstra que a concepção de uma origem comum, uma herança sangüínea que configura o caráter de pertencimento daqueles indivíduos, teria proporcionado a formação de uma categoria de identificação, “teuto-brasileira”,⁶ para os descendentes de alemães nascidos no Brasil. O sentimento de pertencer ao povo ou à nação alemã contribuiria, pois, para organizar a vida comunitária, promover o associativismo e criar sociedades culturais para o grupo, segundo seus padrões e objetivando a preservação da germanidade.

Por sua vez, os estados alemães, e posteriormente a Alemanha, em determinados momentos, movidos por interesses econômicos e/ou políticos, apoiaram as iniciativas destes imigrantes (Magalhães, 1998; Schubring, 2003) e contribuiram, direta ou indiretamente, para com a manutenção/expansão de suas escolas particulares, gerando algumas preocupações no interior da sociedade brasileira, principalmente entre aqueles preocupados com o processo de instauração/legitimidade do novo regime republicano e a formação de uma identidade nacional. Aproximando estas considerações de nosso centro de interesses, a cultura produzida/transmitida pela *Deutsche Schule* estaria respondendo a quais determinações? A escola gozava de uma situação financeira estável ou dependia de alguma espécie de auxílio

⁵ Utilizando-se de vários dicionários, Andréa Karastojanov (1999, p. 102, n. 130) aponta para a dificuldade de tradução da palavra e lista outros significados aproximativos: nacionalidade alemã, germanismo, caráter alemão, sentimento alemão, espírito ou índole alemã.

⁶ As fontes consultadas, por não priorizarem esta denominação, levaram-nos a optar por não utilizá-la da forma apontada por Seyferth. Fontes orais indicam, inclusive, um acento pejorativo ao termo, uma vez que o ditongo “eu”, no idioma alemão, tem outra sonoridade, ou seja, eles leriam/diriam *tóito*-brasileiros.

externo? E quais os usos sociais de seu capital cultural? Qual a formação de seu corpo docente e suas possibilidades de ação, na Curitiba da virada do século XIX?

Ainda dentro do tema da imigração, os autores consultados para dar apoio à pesquisa permitiram-nos apreender fatores envolvidos no processo de composição das chamadas "escolas alemãs" no Brasil (Oberacker, 1961; Schaden, 1963; Fouquet, 1974; Willems, 1980; Schröder, 2003). Nessas obras, enfatiza-se o período em que a colonização havia sido estimulada pelo governo imperial brasileiro, compondo núcleos populacionais muitas vezes bastante isolados da sociedade nacional, como um fator de peso para a formação dessas escolas, mas não encontramos maiores reflexões sobre as comunidades constituídas em núcleos urbanos. Nestas e em outras obras referentes ao tema, também não foram encontrados estudos sobre as escolas urbanas, dirigidas por sociedades escolares, com características mais próximas de nosso enfoque. Por outro lado, fomos levados a considerar a "escola alemã" como uma categoria de escolas particulares – criadas e mantidas por imigrantes alemães e/ou seus descendentes, ofertando o ensino na língua materna.

Entre os trabalhos que discutiram sobre a escola alemã comunitária, localizada em zona rural, as pesquisas de Kreutz (2005, 2003, 2000, 1998, 1994) e Rambo (1996), realizadas com base na documentação existente no Rio Grande do Sul, descortinam o envolvimento de outras esferas no trabalho educacional, no sentido de viabilizar um material didático específico e a formação/reprodução de um modelo único de currículo. A obra "Etnia e educação" (Fiori, 2003), uma compilação do trabalho de nove autores, analisa a escola alemã sob as lentes da Antropologia, da Educação, da Sociologia, da Literatura, enquanto nos estudos de caso, Donato (1993) privilegiou uma escola paulista, numa edição comemorativa; Klug (1994; 1997), experiências catarinenses, com enfoque na comunidade evangélica de Florianópolis; Zulian (1998) e Renk (2000), duas escolas alemãs formadas mediante empreendimentos católicos, de Ponta Grossa e Curitiba, respectivamente, fornecendo elementos para nossa compreensão.

Por sua vez, autores como Gertz (1998) e Meyer (2000) refutam a imagem monolítica atribuída aos imigrantes alemães, um bloco homogêneo e isolado geograficamente da população nacional. Para Gertz, os indivíduos pertencentes a este grupo devem ser analisados numa perspectiva histórica mais ampla, revisitando criticamente a história social das regiões e seus aspectos político-culturais, minimizando a importância da variável étnica que carece de poder explicativo. Nesta mesma linha de pensamento, Wirth (1998) nos fornece alguns exemplos de iniciativas escolares comunitárias nas quais se percebe uma flexibilidade tanto em aspectos religiosos quanto étnicos, obedecendo às demandas locais, que lhe permitem

lançar a proposta de relativizar a centralidade do fator étnico como decorrência de uma conjuntura histórica. Ou seja, há toda uma discussão a ser realizada sobre a diversidade de redes de relações sociais, dos grupos, em seus espaços de convívio, em suas instituições, e que devem ser pensados dentro de seu contexto e das condições sociais que os caracterizaram e, na compreensão da escola como elo entre a família, a comunidade e o mundo exterior a ela (Seyferth, 1981, p. 140), procuramos nos aproximar dos alunos, em seu ambiente familiar, voltando o olhar para o lugar onde estes recebiam sua formação inicial.

Sendo assim, a construção de nosso objeto de estudos foi pensada no sentido de estabelecer relações entre as propostas do grupo dirigente da instituição, a Sociedade Escolar e o grupo que a mantinha, pais de alunos e colaboradores, os quais tinham vínculos estreitos com a Igreja evangélica; e entre estes e a sociedade curitibana, ficando atentos às determinações legislativas e às práticas educativas efetivadas, numa articulação que permitisse também detectar os níveis de flexibilidade da escola, proporcionados pelas ações dos sujeitos, seus movimentos de colaboração e de contestação, de resistência e de adaptação aos constrangimentos que lhes foram impostos.

Estes aspectos são enfatizados pelos historiadores da educação em que fomos buscar apoio para dar continuidade às análises. A escola, pelo seu caráter criativo, é capaz de desenvolver uma dinâmica própria de organização e funcionamento que lhe permite certa flexibilidade para reagir ante as exigências externas, decidir sobre seus conteúdos e acionar mecanismos de transformação/seleção, que variam segundo o momento e o local em que está inserida (Chervel, 1990; Goodson, 1990; Forquin, 1993). As práticas diárias exercitadas no interior da escola podem ser interpretadas com base na análise de fontes escolares – regimentos, currículos, documentação estudantil – e relacionadas a outros aspectos, à legislação e às propostas dos inspetores, professores e diretores da instituição (Viñao, 1995). A interpretação dessas determinações, ou sua apropriação, no sentido concebido por Roger Chartier, permite-nos conceber a escola como instância de práticas e representações que ampliam, projetam e recriam a cultura escolar (Molero Pintado, 2000; Magalhães, 1998).

Como categoria de análise, entendemos a cultura escolar como um “conjunto de aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização” (Viñao, 1995, p. 68). Pelo seu caráter aglutinador, ela atua com elementos cognitivos e simbólicos, que normatizam, organizam e selecionam práticas e saberes, e sugere uma discussão sobre as atitudes, os rituais, as crenças, as festas, os valores circulantes no espaço educacional, aproximando-nos da realidade pedagógica e de seu processo de construção/decisão/ação, o qual se desenvolve por meio de seus agentes e de acordo com determinadas finalidades. A

perspectiva deixa entrever “todos os rasgos íntimos da vida da escola” (Molero Pintado, 2000, p. 227), aproximando-nos de sua individualidade. Entre frestas e fragmentos, reconhecemos, juntamente com outros autores (Nóvoa, 1993; Julia, 2001; Souza, 2000, 2001; Faria Filho, 2002), a organização hierarquizada daquele ambiente escolar, mas também sua vinculação com a sociedade mais ampla e complexa e suas circunstâncias históricas, e no mesmo movimento de reflexão, buscamos, na coerência de sua estrutura organizacional, suas práticas, seu cotidiano e os possíveis espaços de interpretação das normas impostas. E é neste encontro que se descortinam a ação e o movimento do fazer escolar.

A abordagem pelo viés da cotidianidade, permitindo apreender a dinâmica e as múltiplas facetas da realidade (Burke, 1992), insere a pesquisa nos estudos do cultural e utiliza-se da noção de cultura enquanto prática, um conjunto de significações comunicadas pelos indivíduos de um determinado grupo, por meio de suas interações (Chartier, 1990). Pensando a cultura como universo do simbólico, não se pode desvinculá-la do contexto social na qual ela se desenrola e, considerando as (cor)relações estabelecidas na escola e entre esta e sua clientela, como permeadas de intencionalidades e expectativas, não podemos deixar de pensar a escola como um espaço de conflitos onde se estabelecem relações de poder. O contexto no qual se produziam estas relações/interações, a pluralidade de culturas em contato com o grupo alemão, a diversidade de indivíduos pertencentes a este grupo, e ainda o movimento da imigração continuada, proporcionando novos contatos e elementos para outras composições/diferenciações, sugerem-nos também uma análise das permanências, dos rastros que ficam do passado (Vilar, 1998) e que nortearam essa construção cultural.

A forma relacional da abordagem nos aproxima da análise realizada por Clarice Nunes (1992), quando procurou perceber o caráter multifacetado do processo pedagógico carioca e seu trabalho de articulação, por meio das representações construídas *em* e *em torno* da escola. Neste sentido, os estudos acadêmicos de Bahls (1998), visitando praças, parques e jardins de Curitiba, e de Ramos (2002), que percorreu os trilhos do bonde, ampliaram nossos horizontes de pesquisa com seus percursos pela cidade e pelo local onde foi construído o edifício escolar da *Deutsche Schule*. Das leituras sobre a sociedade curitibana da virada do século XIX, incorporamos as que tangenciam a problemática da imigração e seu impacto na vida cotidiana urbana, revelando a situação precária dos recém-chegados e sua presença incômoda no centro da cidade, pela possibilidade da desordem e da miséria (Lamb, 1997; De Boni, 1998; Ribeiro, 1985). Como contraponto, alguns artigos (Costa, 1991, 1999; Santana, 1991; Balhana, 1991; Westphalen e Balhana, 1999) nos proporcionaram retratos do desenvolvimento econômico

paranaense e da expansão urbana de Curitiba, nos quais é atribuída aos imigrantes alemães uma significativa parcela de participação. Viñao (2000; 1998; 1990) e Escolano (1998) estiveram presentes com suas análises sobre o espaço e o tempo escolares, juntamente com Bencostta (2005a), que privilegiou a arquitetura dos grupos escolares de Curitiba.

Com vistas a conferir-lhe unidade, este trabalho foi organizado em dois eixos, aqui apresentados sumariamente.

A primeira parte consiste em situar o elemento propulsor da iniciativa escolar, a comunidade aglutinada em torno de sua fé religiosa, em Curitiba. Seus membros associados, vistos como parte de um grupo maior, a colônia alemã, vêm ao palco das discussões quando analisamos suas propostas educacionais, suas concepções e valores, mas também seus espaços de representação, nos quais os grupos desenvolviam formas de ver e dar-se a ver, construindo pertencimentos, produzindo sentidos, explicitando alteridades. Nessa perspectiva, seu trabalho, seus locais de lazer e de sociabilidade, inseridos na trama urbana e social, forneceram-nos elementos para interpretar as relações estabelecidas entre os imigrantes alemães e/ou seus descendentes e a sociedade majoritária.

A segunda parte é dedicada à internalidade da *Deutsche Schule*, suas questões pedagógicas e disciplinares, seu currículo formal e suas ações educativas. Os objetos e documentação disponível, escrita e imagética, desvelam-nos fragmentos da cultura material escolar, analisados enquanto vestígios da organização pedagógica da escola, e nos remetem também à reflexão sobre as razões dessa documentação ter sido selecionada para resistir ao tempo cronológico – cerca de um século – sem que alguém lhes atribuisse valor, além do simbólico. Estas fontes nos forneceram subsídios para a interpretação do cotidiano escolar, da organização dos saberes e dos tempos, possibilitando delinear o perfil do corpo docente e administrativo e de sua clientela. Os registros escolares dialogam com os oficiais, a imprensa e a legislação, em busca de informações que traduzam as especificidades e a dinâmica da ação educativa e as manifestações de valores e comportamentos que a permeiam. Utilizando-nos das categorias tempo e espaço, iremos buscar, nas práticas escolares e na cultura material, os significados atribuídos à cultura escolar.



REPRESENTAÇÃO DA COLÔNIA ALEMÃ DE CURITIBA E SEUS VALORES CULTURAIS.
Realizada por Maria Luiza de Almeida Scheleder com a técnica *Scherenschnitt*, que utiliza a tesoura como instrumento para fazer silhuetas em papel.

I – NAS MARGENS DE UM MUNDO NOVO: IMIGRANTES ALEMÃES E SUAS INICIATIVAS NO BRASIL DO SÉCULO XIX-XX

A primeira parte deste trabalho irá alongar o olhar para a colônia alemã de Curitiba, no interior da qual foi criado e efetivado um projeto educacional, no intento de melhor compreender a *Deutsche Schule* e as relações estabelecidas entre esta, aquela e a sociedade curitibana.

No período privilegiado pela pesquisa, 1884-1917, a capital do Paraná enfrentava um surto de crescimento em sua população por conta de diversos fatores, dentre os quais, a imigração alavancada pela política oficial. Com um novo perfil populacional, as trocas permanentes e a redefinição de espaços passaram a fazer parte da dinâmica da cidade, na qual os hábitos, costumes e atividades iam sendo diversificados.

Estes processos coincidiam com a derrocada da Monarquia e a emergência do regime republicano, com a formulação de medidas que previam atuar nas áreas econômica, política e educacional, organizando e controlando a vida coletiva. No âmbito destas preocupações e visando a sua legitimação, o novo regime atribuía à educação um papel preponderante, por meio da qual se construiria a nacionalidade brasileira. Com bases no saber científico e nos pressupostos da medicina, o binômio família/cidade torna-se alvo de atenções, atendendo às propostas da política governamentista.

Neste contexto, os imigrantes alemães e/ou seus descendentes procuraram criar condições de sobrevivência e adaptação, encontrando formas distintas de conviver e de manifestar-se. Num processo não interrompido, com fluxos de imigração e de contributos renovados e caracterizado por mecanismos de ajustes e reformulações, constituíram comunidades, fundaram associações, construíram identidades. E ainda asseguraram a educação formal diferenciada para seus filhos, criando algumas escolas, dentre elas, a *Deutsche Schule*.

1. *Entre pastores, carpinteiros, cervejeiros: a Communa Evangélica Allemã*⁷

A formação de comunidades evangélicas em território brasileiro está intrinsecamente relacionada ao processo imigratório, alavancado pelo governo imperial, no início do século XIX, com o intuito de povoar regiões inabitadas, por meio do sistema de pequenas propriedades e de arrematar braços europeus para a lavoura.⁸

Desde a primeira fase desse investimento, cujo marco é a fundação da colônia de São Leopoldo (RS), em 1824,⁹ os imigrantes alemães foram assentados principalmente nas províncias do sul do país, mas também em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Pernambuco e Ceará, embora em menor número (Karastojanov, 1999, p. 29). Entre estes, havia uma maioria de indivíduos acatólicos que necessitava enfatizar certos valores e práticas distintas da religião majoritária e oficial do país. Assegurados pelas leis vigentes, formaram suas comunidades e criaram locais onde pudessem celebrar seus cultos e desenvolver suas vivências religiosas.¹⁰

Tais iniciativas multiplicaram-se e tomaram formas diversificadas, no decorrer do tempo. A ausência de uma instância superior que estabelecesse diretrizes religiosas para as comunidades¹¹ dava margem para que estas atuassem de forma independente, cada uma enfrentando situações diferenciadas de participação e atuação. Outrossim, o movimento imigratório foi acompanhado de outros movimentos internos de migração de uma colônia para outra, dos núcleos coloniais para os núcleos urbanos e, à medida que as vias de comunicação foram sendo abertas, estes deslocamentos atingiram outras províncias e/ou estados brasileiros, conferindo a cada experiência comunitária uma dinâmica própria.

⁷ Optamos por essa denominação por ter sido assim registrada em Cartório do 1.º Ofício de Registro de Títulos e Documentos Pessoa Jurídica, sob n. 2, lv. 1, em 19 de ago. de 1902.

⁸ Estimulando iniciativas particulares e visando a instalação de agricultores livres e europeus, a política imigratória atendia também a outros interesses, como o “branqueamento” (Seyferth, 1981, p. 54) da população brasileira, a angariação de pessoal para a formação de batalhões, a substituição do trabalho escravo a partir da pressão, exercida por alguns setores da Inglaterra, para acabar com a escravidão.

⁹ A primeira experiência de colonização foi realizada com casais açorianos, no século XVIII. Entre 1808 e 1822, estrangeiros aqui aportaram atraídos pelas oportunidades de comércio e de concessão de terras, sendo que em 1821 foi fundada uma associação de comerciantes, a Sociedade Germânia, no Rio de Janeiro. Na contratação de pessoal estrangeiro, visando ao desenvolvimento da agricultura, a preferência por alemães e católicos ficou explícita na Lei de 16 de março 1820. Neste sentido, realizaram-se empreendimentos na Bahia (Leopoldina e São Jorge de Ilhéus) e no Rio de Janeiro (Nova Friburgo) sem, contudo, obter-se o sucesso esperado (Schröder, 2003).

¹⁰ Pela Constituição de 1824, em seu art. 5º, “a Religião Católica Apostólica Romana” continuaria a ser a religião do Império, embora “todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”.

¹¹ Somente na década de 1860 que algumas organizações missionárias do exterior iniciaram sua atuação junto aos protestantes alemães emigrados. Nesse mesmo decênio houve uma tentativa frustrada de reunir as comunidades em uma organização centralizada - sínodo ou organização sinodal. Em 1886, o Sínodo Rio-Grandense foi enfim constituído (Dreher, 1984).

A instalação dos imigrantes alemães em Curitiba ocorreu dessa maneira, por meio de um processo de migração, que se verificou contínuo, espalhando-se pelo meio urbano e, principalmente, no rocio da capital.¹² Ao final da década de 1870, seis dos quatorze núcleos coloniais existentes no município registravam a presença de alemães¹³ e, embora oriundos de outras regiões,¹⁴ preponderavam aqueles procedentes de Rio Negro e da Colônia Dona Francisca, atual Joinville (SC).

As primeiras famílias que chegaram a Rio Negro, em fevereiro de 1829, eram naturais de Trier e cidades vizinhas, na Prússia. Sua pretensão era de fixarem-se no Rio Grande do Sul, mas, ao aportarem no Rio de Janeiro, teriam recebido o convite para dirigirem-se ao Paraná,¹⁵ um povoado às margens do Rio Negro, denominado “Capella Curada da Matta no Caminho do Sul”, ao qual aceitaram.¹⁶ Outras famílias alemãs teriam também se deslocado para a região, entre 1833-1860, vindas de Santos, de Blumenau, de Joinville e de cidades do Rio Grande do Sul (Niemeyer, 192[9], p. 27).

Na Colônia Dona Francisca, as primeiras levas de imigrantes chegaram em 1851, trazendo alemães, suíços e também noruegueses, os quais se estabeleceram em três núcleos diferenciados. Com profissões e níveis financeiros variados,¹⁷ a grande maioria desses

¹² Em 1829, a Câmara Municipal de Curitiba solicitara ao governo provincial o envio de 29 famílias alemãs para o Assunguy. Na década de 1830, foram encontrados 19 pedidos de alemães para obtenção de cartas de data (quadro urbano), de terrenos foreiros (rocio e núcleos municipais) e de licença para construções, alinhamentos, etc. Na década de 1850, com a emancipação política do Paraná, esse processo se intensifica (Boletim do Archivo Municipal de Curitiba, v. XLIII a LXI). Em 1866, o número aproximado de terrenos foreiros, concedidos pela Câmara Municipal, era de 1.200, “dos quaes mais de 70 são familias allemães, formando mais de 300 pessoas” (Dezenove de Dezembro, 6 jan. 1875).

¹³ Argelina, Pilarzinho, São Venâncio, Abranches, Lamenha, Rivière, segundo quadro organizado por Balhana, Machado e Westphalen (1969, p. 163), que inclui outros indivíduos pertencentes à comunidade de língua alemã, como suíços e silesianos. Se estes forem incluídos nos dados, o número de núcleos com a presença do idioma alemão aumentará para oito, acrescido de Santa Cândida e de Santo Inácio.

¹⁴ No Relatório de Frederico José Cardoso de Araújo Abranches, de 15 fev. 1875, o autor remarca os locais de procedência dos imigrantes: “vindos de São Paulo e Rio Grande do Sul e, mais que tudo os que em massa nos vem de Santa Catharina por via terrestre procedentes das colonias Joinville, Itajahy ou Blumenau”. Ele aponta ainda para os números dos imigrantes encaminhados para a colônia Assunguy, em 1874: “308 colonos”, dentre eles, “49 allemães, 74 suissos” (Dezenove de Dezembro, 27 fev. 1875).

¹⁵ Estas famílias faziam parte de um grupo maior de “colonos alemães” que, por ordem de D. Pedro I, teriam sido encaminhados pelo presidente da província de São Paulo. O grupo foi desmembrado, instalando-se em Santo Amaro, Cubatão, Itanhaém e Rio Negro, sendo que estes foram trazidos pelo tenente-coronel João da Silva Machado, futuro barão de Antonina, para dar impulso à povoação (Celestino, 2002, p. 106; Karastojanov, 1999, p. 103).

¹⁶ Em novembro de 1829, chegou o segundo grupo de alemães. Há divergências quanto aos números de famílias e de indivíduos imigrados, conforme demonstra Celestino (2002, p. 102-106), e afirma-se que todos eram católicos (Livro Tombo da Igreja de Rio Negro, p. 51, apud Niemeyer, 192[9]). Somente em 1889 foi fundada a comunidade evangélica da cidade.

¹⁷ Até janeiro de 1852, a população perfazia 394 habitantes, destes, apenas 10 eram católicos, o restante era protestante. Quanto às profissões, havia 1 pregador, 4 professores, 1 jurista, 1 arquiteto, 3 médicos, 4 farmacêuticos, 16 oficiais do exército, 3 guardas florestais, funcionários públicos, 6 carpinteiros, 1 torneador, 1 vidreiro, 3 construtores especializados em máquinas e moinhos, 2 mecânicos, “2 ferreiros, 1 entendido em trabalhos de arames, 1 em trabalhos de cobre,” 2 ourives, 4 açougueiros, 1 padeiro, 3 jardineiros, 1 cervejeiro, 3

indivíduos era protestante. Desde o início, tentou-se ali uma organização de cunho político, com a instalação de um conselho comunal composto por onze membros eleitos pelos próprios colonos, o qual iria elaborar normas, no sentido de conter as desordens e estabelecer diretrizes para questões financeiras, jurídicas, religiosas e escolares. Os impasses e dissensos, todavia, abortaram essa ação, causando indignação por parte de seus idealizadores.¹⁸

Com base nestes dois exemplos, podemos perceber uma significativa mobilidade desses imigrantes,¹⁹ sendo importante considerar, no caso da Colônia Dona Francisca, o mapa demonstrativo elaborado por Rodowicz (1992, p. 35), o qual indica a saída de 29% de pessoas, apenas no primeiro ano de sua instalação. A região inóspita, as moléstias desconhecidas, a possibilidade de viver em ambiente urbano e exercer suas atividades profissionais – alguns haviam transportado mobília e maquinário, outros, como o carpinteiro Christian Strobel, procuravam meios de subsistência (Strobel, 1987), – tais fatores teriam contribuído para o êxodo dessa população.

Nessa colônia de maioria protestante, havia interesse pela manutenção de uma vida espiritual, conforme sua confissão religiosa, e a Sociedade Colonizadora de Hamburgo, responsável por aqueles primeiros assentamentos, contratara pastores para o atendimento religioso, ao menos num primeiro momento, entre 1851 e 1865.²⁰ As famílias vindas desta colônia catarinense estariam habituadas com a presença de um pastor que lhes ministrava os cultos regularmente e, ao estabelecerem-se em Curitiba, procuraram por alguém que pudesse dar continuidade a esse atendimento.

tintureiros, 1 pintor, 3 fabricantes de charutos, 1 fabricante de vinagre, 10 alfaiates, 5 sapateiros, 2 curtidores, 7 fabricantes de panos, 2 tecelões, 1 cordoeiro, 1 montador de carroças, 1 funileiro, 2 fabricantes de panelas de barro, “2 tanoeiros, 139 agricultores, 4 marítimos, 20 trabalhadores braçais” (Rodowicz, 1992, p. 34). Para o ano de 1860, Schröder (2003, p. 133) estima que a população seria de aproximadamente “três mil alemães na colônia.”

¹⁸ “O certo é que tudo isto não passou de medidas ‘proforma’ e externas, enquanto que os verdadeiros problemas continuariam sem solução. (...) Discursos e ‘escrivinhações’ somente, nada de ação. E se alguma vez se chegar a ela, estão sempre dentro daquela velha forma, indiferente se o pé cabe ou não lá dentro. Assim terminamos na Europa, assim começaremos no Brasil...” (Rodowicz, 1992, p. 107).

¹⁹ Segundo o parecer de um articulista, o freqüente deslocamento dos alemães em busca de trabalho seria uma herança das corporações de ofício e fazia parte de sua cultura, existindo um vocábulo específico para essa prática, *Wanderlust*, que pode ser traduzido como “vontade de caminhar, de deslocar-se”, e que foi tema de romances e canções (A República, 24 mar. 1892). Obs.: Este jornal aparece em 1886, como órgão do “Club Republicano” e sua publicação estendeu-se até 1930.

²⁰ Klug (1994, p. 74 ss) nos fala de 2 pastores, Jacob Daniel Hoffmann, de Lübeck, que exerceu a função pastoral entre dezembro de 1851 e julho de 1853; e Georg Hoelzel, vindo da Boêmia em junho de 1854. Creutzberg (2001, p. 39), ao mapear os hinários no Brasil, identificou 3 pastores na Colônia Dona Francisca, durante o período 1851-1865, contratados pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo.

Johann Friedrich Gaertner²¹ atendia algumas comunidades em um serviço itinerante, dentre elas, as de Morretes e de Curitiba, tendo celebrado seu primeiro culto no ano de 1860, nesta última cidade. A partir de então, ele passou a viajar a cavalo, tornando mais frequentes suas visitas aos fiéis evangélicos e criando assim um vínculo com eles. Os cultos eram celebrados em casas particulares, mensalmente, e o pastor recebia um mil réis de cada família, as que gozavam de melhor condição financeira arcavam com as despesas de alimentação e montaria (Nadalin, 1984).

Três anos depois, seu pastoreio atendia a vinte e cinco famílias radicadas na capital da Província²² e, em 1866, a então *Communa Evangélica Allemã* de Curitiba contava com quase o dobro de famílias associadas, procedentes de várias regiões do Império alemão e da Suíça.²³ O primeiro domingo do Advento, dia dois de dezembro, foi escolhido para a prédica inaugural e como data da fundação da *Communa*, cuja diretoria fora composta por Bernhard Wilhelm Meyer, Friedrich Wilhelm Bernhard Weigang, August Adolf Otto Schütze, Jakob Kummer, August Blitzkow.²⁴

É importante destacar que Johann Friedrich Gaertner também atuou como professor, ensinando as primeiras letras em língua alemã,²⁵ numa escola que teve seu funcionamento irregular, desde seu início, por não estar de acordo com a legislação vigente (Vechia, 1998a, p. 224-226). Seu pastoreio, da mesma forma, teve vida efêmera, ele foi acusado de não desenvolver corretamente suas funções pastorais (Schmidt, 1980, p. 33), opinião que não era

²¹ Schmidt (1980, p. 33) afirma que Gaertner era formado pelo seminário de professores de Mecklenburg e, juntamente com Nadalin (1984, p. 50), postula seu caráter de “pastor eleito”, na Colônia Dona Francisca, ou seja, embora não tivesse formação teológica, fora escolhido por aquela comunidade para proporcionar-lhes atendimento religioso alternativo. Nas fichas de reconstituição das famílias pertencentes à atual Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba (CELC), - organizadas por Sergio Nadalin, em cujo arquivo cada indivíduo é numerado de acordo com o *software* SYGAP [BIDEAU, Alain & LEGARE, Jacques. *SYGAP. Système de gestion et d'analyse de population. Villeurbanne: Programa Pluriannuel en Sciences Humaines Rhône-Alpes/CNRS, 1991*], - Johann Friedrich Gaertner (1808-1869) é mencionado como pastor, oriundo de Willershagen, Mecklenburg, tendo partido do porto de Hamburgo em 14 de agosto de 1858. Ingresso na colônia Dona Francisca como agricultor, veio para Curitiba oito anos mais tarde (CELC, n. 3568).

²² O rol de famílias encontra-se no *Kirchenbuch Protestantischer Gemeinde*, listadas juntamente com outras quatorze, da cidade de Morretes-PR (Schmidt, 1980, p. 77-78).

²³ Devido ao estado precário desse material, o *Kirchenbuch für die evangelische Gemeinde der Provinz Paraná*, os originais não puderam ser consultados, sendo disponibilizada apenas sua fotocópia, a mesma que está contida em Schmidt (1980, p. 79-85). Ali estão arroladas 55 famílias, com nomes de seus membros, origem e datas de nascimento, oriundas da Prússia, 18%; Suíça, 14,5%; Hannover, 12,7%; Pomerânia, 12,7%; Stettin, 9%; Sachsen, 7%; Mehren, Brandenburg, Mecklenburg e Hamburg, 3,6% cada; Braunschweig, Schwerin, Berlim, 1,8% cada, sendo desconhecida a origem de 8,8% das famílias.

²⁴ O nome do último membro listado não pôde ser identificado pela sua assinatura. A listagem era encabeçada pelos dizeres *Herr, hilf und lass alles wohl gelingen!*, pedindo ajuda ao Senhor para que tudo ocorresse com êxito.

²⁵ Gaertner argumentava que a alfabetização nesse idioma era considerada como elemento essencial para a prática religiosa, para a leitura e a aprendizagem da Bíblia, fonte do conhecimento da fé cristã, e do catecismo, que conduziria os aprendizes à confirmação de sua fé e os tornaria membros dignos da comunidade evangélica (Vechia, 1998, p. 226).

unânime entre os membros da comunidade. Uns tomaram o partido de Gaertner, outros optaram pela sua substituição e contataram o pastor Kröhne,²⁶ no Rio Grande do Sul. Malgrado algumas contradições nas datas de chegada deste, estima-se que sua vinda para Curitiba tenha ocorrido entre 1868 e 1869, mas, por não querer assumir a função de professor, foi também convidado a se retirar.

O grupo que permanecera junto ao pastor Gaertner logo se viu diante de outro impasse, em razão da morte deste. Ao encontrar-se dividida, sem assistência religiosa e professoral, a comunidade quase se dissolveu, uma situação que teria perdurado até a passagem do pastor Hermann Borchard por Curitiba, provavelmente em 1870, e a implantação de algumas medidas por ele tomadas.²⁷

As manifestações de descontentamento podem ser interpretadas à luz das análises de Osmar Witt (1996, p. 67-69), que observou ter havido uma resistência da maioria das comunidades, em relação à Igreja institucionalizada que haviam conhecido na Alemanha, evitando pastores ordenados e dispensando intervenções externas a elas, o que o autor chama de demonstrações de “independentismo”. No caso da *Communa Evangélica Allemã*, este independentismo deve, pois, ser relativizado, uma vez que sua reunião fora tornada possível com a intervenção de um representante da Igreja e vindo do Rio Grande do Sul. E, da mesma forma, não se pode descartar a hipótese de Borchard ter intermediado a vinda de um clérigo alemão para atender a comunidade, o pastor Roberto Krocher, o qual, por motivos desconhecidos, teve de retornar ao seu país, em 1871.²⁸ E a documentação analisada nos fornece elementos para considerar que, após a chegada de Wilhelm August Boecker,²⁹ a comunidade dá sinais de um restabelecimento. Em 1872, fora liberado o auxílio material, solicitado anteriormente para a construção de um edifício “destinado a servir de escola para os

²⁶ Provavelmente Cand. Kröhne era ordenado, pois este nome foi encontrado entre os de outros pastores enviados pelo Comitê Superior da Igreja e pelo Comitê para alemães protestantes de Barmen, para o Rio Grande do Sul, indicando que ele havia atuado em Mundo Novo (RS) e transferira-se para Curitiba, capital paranaense. Sua participação, em fevereiro de 1868, na primeira reunião sinodal, também foi registrada, o que nos leva a pensar em uma proximidade entre este e o pastor Hermann Borchard que convocara a reunião (Cem Anos..., 1999, p. 533-534).

²⁷ Hermann Borchard, enviado para São Leopoldo (RS), em 1863, contatara organizações alemãs para dar início a uma estrutura de sustentação às comunidades formadas no Brasil e viabilizar sua congregação e fortalecimento. Sua atuação estendeu-se a outras comunidades objetivando (re)ativar sua vida eclesial. Dreher (1984; 1986), embasado em fontes da Igreja Evangélica, na Alemanha, pontua para o ano de 1870, (28 de julho de 1870) o regresso do pastor Hermann Borchard para a Alemanha. Assim, discordando das datas fornecidas por Vechia (1999, p. 273) e Schmidt (1980, p. 34), podemos levantar a hipótese de este pastor ter estado em Curitiba, de passagem, para tentar reunir a comunidade e solucionar seus problemas, antes de seu regresso à Alemanha.

²⁸ Em ofício enviado ao Presidente da Província, Roberto Krocher “declara que resigna o cargo de pastor da communa evangelica protestante desta capital, visto ter de retirar-se para a Alemanha” (Dezenove de Dezembro, 16 set. 1871).

²⁹ Boecker (1872-1885) teria sido enviado pelo *Preussichen Kirchen-Konsistorium*, segundo Nadalin (2001, p. 24), chegando a Curitiba em 5 de novembro de 1872.

alemães estabelecidos no rocio da capital.”³⁰ A construção de uma casa pastoral, na qual seriam celebrados os cultos e acolhidos os escolares, foi concluída em 1873, passando a abrigar o pastor e sua família, que reservaram a parte superior da residência para servir de sala de aula.

O momento histórico apresentava-se favorável para a revitalização da comunidade, a qual se cotizou para enviar o montante às famílias dos combatentes na guerra franco-prussiana (Dezenove de Dezembro, 14 set. 1870)³¹ e, posteriormente, com a obtenção da vitória, os imigrantes alemães e seus descendentes sentiram reavivar um certo sentimento de orgulho em relação ao seu imperador, aos “seus valentes exércitos”, à “unidade do povo alemão”, triunfo traduzido em símbolos e comemorações publicadas pela imprensa (Dezenove de Dezembro, 7 jun. 1871).

O pastoreio de Wilhelm Boecker, porém, teria passado por alguns percalços após a revelação de que ele estaria vinculando alguns procedimentos inerentes ao seu ofício de pastor com o pagamento em espécie, ou seja, estaria cobrando seus serviços dos requerentes, mesmo em casos extremos de necessidade. A acusação, veiculada pela imprensa local, em 1875, e assinada por Carlos Köbsch,³² participa a todos que o pastor exigira “cinco mil reis” para batizar uma criança, filha do declarante, com dois dias de vida e em estado de saúde precário. Protestante, assim como toda a sua família, o pai fora obrigado a recorrer ao “vigário catholico”, o qual lhe atendeu, “sem exigir recompensa alguma”. Falecendo a menina dias após o batismo, o mesmo pastor estabeleceu o montante de dez mil réis como condição para o corpo ser enterrado no cemitério protestante. Abalado pelos fatos e inconformado, o pai fora à imprensa como forma de protesto, dizendo ainda: “A vista de tão *caridoso e humanitario* procedimento, venho tornar patente estas virtudes *evangelicas* do meu *bom pastor* que com

³⁰ Assinada por Venancio José de Oliveira Lisboa, Presidente da Província, a Lei Estadual n. 310, de 5 de abr. 1872. Não sabemos se e quando o auxílio autorizado para a construção desta escola foi liberado. A Câmara Municipal deferiu o pedido de 3 cartas de data, na Rua do Cerrito, em jul. 1872 (Colatusso, 2004), mas foram encontradas solicitações da comunidade, ainda em 1873, apelando para que se cumprisse o prometido. Em janeiro de 1875, o parecer do inspetor Bento Fernandes de Barros se apresentava favorável para que “quando o permitirem as forças do cofre provincial”, se entregasse a quantia para a construção “da casa destinada a escola alemã” (Paraná. *Correspondências de governo*, v. 1/2, AP 424, 425, 456, 1873/1875). Convém lembrar que, em 1875, o Presidente Abranches aponta como “obras” na Colônia Assunguy, “uma casa de oração para os colonos que professam o culto protestante” e “duas casas de habitação sendo uma destinada para o padre catholico e outra para o pastor protestante” (Dezenove de Dezembro, 27 fev. 1875).

³¹ O jornal semanal “O Dezenove de Dezembro”, de propriedade de Candido Martins Lopes, em seu artigo de apresentação, 1 abr. 1854, explica a escolha de seu nome “despertar e fazer perduravel a lembrança do dia 19 de Dezembro de 1853, em que (...) teve lugar a instalação da província do Paraná.” Em 1 jan. 1884, já com o artigo retirado de seu título, anuncia uma nova fase, com folha diária e “neutralidade política”. O último exemplar foi ao prelo em 15 fev. 1890.

³² Carlos Köbsh ou Car Kupk, tendo sido grafado da primeira forma na segunda reportagem, quando a *Communa* dá a sua réplica.

tanto amor aos cobres da humanidade, trata de apascental-os para o aprisco de sua algibeira!” [grifos no original] (Dezenove de Dezembro, 21 out. 1875).

Dias depois, o mesmo jornal publica, a pedido de membros diretores do conselho da *Comunna Evangélica* e “em respeito à imprensa do paiz hospitaleiro”, uma nota de esclarecimento, “para afastar de sobre o nosso dedicado e honesto pastor qualquer má impressão que contra elle podesse produzir as acusações”. Afirmando-se a “força da lei organica da communhão evangelica”, que obriga todos seus membros a dar sua contribuição,³³ e que o declarante, tendo estado presente no processo de discussão e aprovação dos estatutos da *Comunna* e sendo um de seus signatários, deveria estar ciente de seu artigo quinto que estabelecia essa quota, a qual seria revertida para a associação e não para o pastor, como havia sido entendido (Dezenove de Dezembro, 27 out. 1875).

O esclarecimento da questão, assinado por oito membros do conselho, levaria a crer na veracidade da explicação e legitimava a existência do grupo enquanto tal, reconhecendo-se e dando-se a reconhecer como agentes de uma ação coletiva. Sem pretender minimizar o fato de o pastor ter se negado a dar assistência espiritual a um membro de sua Igreja, levando-o a uma situação de abalo emocional e religioso, o que emergem desses procedimentos são as disputas de representações, na concorrência pela legitimação e competência religiosa. No momento em que padre e pastor são colocados em confronto e que a sociedade é convidada a participar dessa avaliação, com seu juízo de valor, os representantes da Igreja evangélica recorrem à sua força simbólica de “organismo” para justificar a demanda da quotização e o comportamento inelástico do pastor. Visando a obter o reconhecimento e a confiabilidade, a *Communa Evangélica*, ao introduzir seu esclarecimento, enfatizara que a reunião de seus membros em uma associação teria sido efetivada para prover seus membros de um pastor e de um edifício, para o culto e para a escola, sendo necessário, pois, a canalização de esforços para esse fim.

Não foram encontrados outros registros sobre o assunto específico e, conforme os objetivos acima definidos, os recursos eram encaminhados para as construções. Após a conclusão da casa pastoral, o templo passara a ser prioridade. Um edifício de tijolos e madeira, em estilo nórdico, segundo a descrição da comunidade, foi levantado à Rua Carlos Cavalcanti esquina com a Rua América, atual Rua Trajano Reis.³⁴ Não obstante ter sido

³³ Até 1895, todos os membros contribuía igualmente com um montante anual, e a partir de 1896, havia três categorias de contribuintes anuais. Casos de contribuições parciais e inadimplência eram comuns, revelando graus diversos de integração e aceitação de responsabilidades (Nadalin, 1978, p. 127-130).

³⁴ A data de sua construção até hoje não é confirmada historicamente. Segundo Heisler (192[9]), o templo teria sido terminado em 1876. No relatório acima citado, produzido pelo Presidente da Província, Frederico Abranches, em fevereiro de 1875, o edifício é apontado como obra executada “um espaçoso templo de *estyllo suisse* construído nesta capital pelos alemães protestantes residentes nos subúrbios e um bello e espaçoso

construída uma torre, esta não possuía sinos, atendendo parcialmente à Constituição de 1824, que proibia os locais de culto de externarem sua finalidade religiosa, e a imprensa não deixou passar despercebido o fato. De forma intrigante, juntamente com outras observações e opiniões de natureza diversa, todas iniciadas com um “*Não sei por que...*”, um colunista lança a pergunta: “*não sei porque a igreja protestante tem fôrma exterior de templo, indo de encontro às leis que nos regem*” [grifos no original] (Dezenove de Dezembro, 20 fev. 1875). Nenhuma outra nota referente ao assunto foi encontrada nas publicações seguintes, levando-nos a aventar a hipótese de a ereção da torre, sem a instalação do sino, ter sido compreendida, pelas autoridades locais, como portadora de outros símbolos, nem todos religiosos.³⁵

Ao longo dos anos, o estado de deterioração da madeira utilizada na construção da igreja passou a oferecer perigo para os que a freqüentavam. Primeiramente, demoliu-se a torre e, persistindo o problema, todo o edifício foi condenado. Sobre seus alicerces, um outro templo veio a lhe substituir, em 1894, quando as leis republicanas já permitiam a instalação de sinos em sua torre, explicitando sua condição simbólica de elo entre o céu e a terra. Ela viria a sinalizar a onipresença divina, tal qual “um dedo que aponta o que está em cima”, e propagar o som dos sinos, que “chamam e exortam” (CEC. *Cincoentenário...*, 1944).³⁶

No lançamento de sua pedra fundamental,³⁷ em 1893, a comunidade ali se reunira para festejar o acontecimento.

Todo o local estava decorado festivamente com bandeiras e verdes [folhagens], o pulpito estava decorado com panos pretos e brancos-vermelhos, e enfeitado com bandeiras alemãs e brasileiras. Entre o pulpito e a pedra fundamental estava sentado o presbitério e a comissão de construção, enquanto que no outro lado do pulpito os convidados de honra tomaram lugar: – o cônsul alemão Sr. G. de Drusina e três religiosos da Igreja Presbiteriana. As dez horas vieram as crianças da escola alemã, divididas por classes e acompanhadas por música e tomaram o seu lugar no local (CEC. *Lançamento da pedra fundamental*, s/d).

edifício no mesmo estylo destinado para a residência do pastor e escola” [grifos nossos] (Dezenove de Dezembro, 27 fev. 1875).

³⁵ Basta lembrarmos das torres de defesa das cidades fortificadas, da torre construída na Babilônia, ou ainda da torre que habita no imaginário infantil, um lugar de prisão e medo. Como teria afirmado Carlos Koseritz, a torre não é o distintivo de um templo, “pois o manicômio do Rio de Janeiro possui duas torres.” (Cem anos..., 1999, p. 537).

³⁶ O panfleto *Cincoentenário do templo da Comuna Evangélica de Curitiba*, datado de 14 maio 1944, foi distribuído à comunidade celebrando os 50 anos da construção do templo. Convocando os membros a efetuarem donativos para as obras mais recentes de renovação de seu interior: assoalho, telhado, pintura, bancos, foram impressos o discurso do presidente da *Communa Evangélica* e o sermão do pastor, pronunciados em maio de 1944. A citação foi extraída deste sermão.

³⁷ Em geral, uma solenidade acompanha o ato de colocação da primeira pedra, que porta o símbolo da perenidade. O costume de construir edifícios sagrados, a partir de blocos de pedra, é anterior à era cristã (Encyclopédie des symboles, 2002, p. 526).

Percebe-se pelo uso do espaço, pela ornamentação e pelas cores selecionadas, a representação simbólica de um conagraamento entre a Alemanha e o Brasil, bem como entre as confissões religiosas protestantes, cujas posições, ocupando lugares de honra, indicariam proximidade, entrelaçamento.³⁸ Nesta representação, a presença dos alunos da *Deutsche Schule* também é destacada e a sua entrada, à hora determinada, marcaria o início da cerimônia.

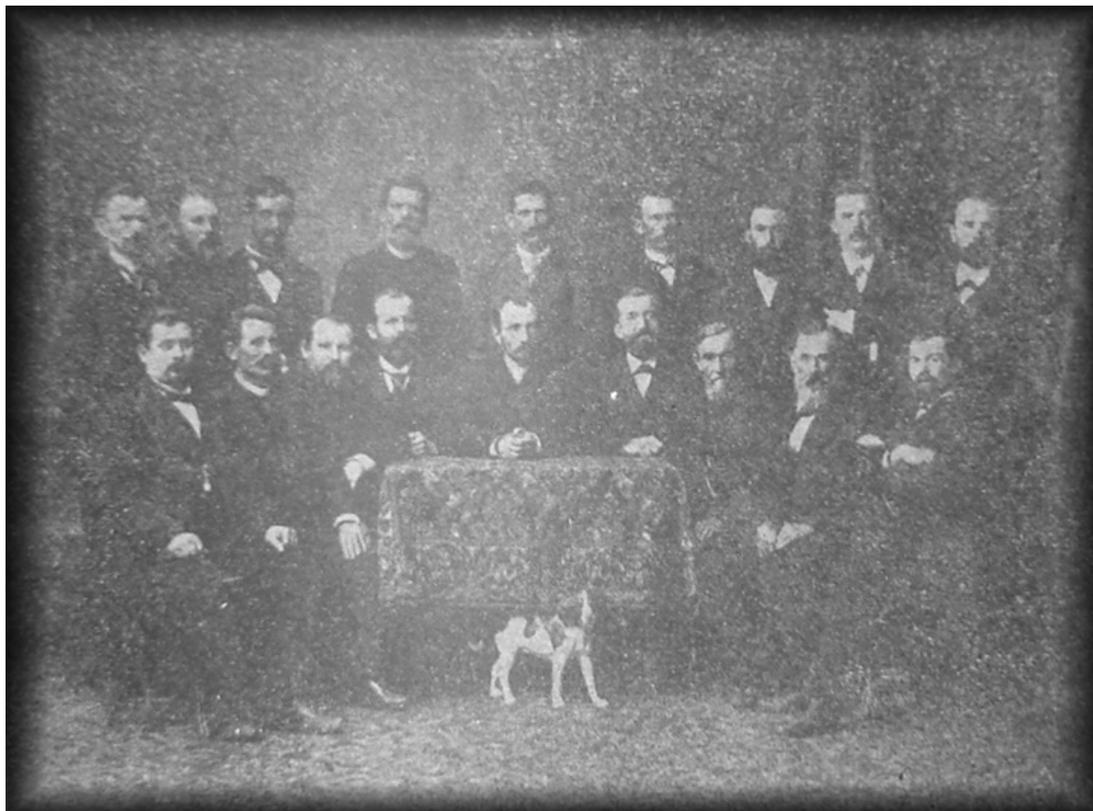
Junto à pedra fundamental, foi colocada uma caixa com a documentação que atestava as obras até então realizadas pela comunidade. Em seu interior foram guardados os discursos proferidos naquele dia, os jornais que noticiavam fatos importantes para o grupo, dados sobre a comunidade e fotografias da igreja demolida. Antes de a caixa ser lacrada e a pedra receber três batidas de martelo, ritual que foi acompanhado de um hino específico para a ocasião, cantado pelos alunos da *Deutsche Schule*, um último documento foi lido e colocado juntamente com os outros. Ele dizia: “Construam a casa do Senhor e deixem a palavra habitar entre vós, para que entre todos os alemães no Brasil sempre permaneça o temor a Deus e uma mentalidade cristã” (CEC. *Lançamento...*, s/d).

As palavras selecionadas para ficar *ad eternum*, destinando-se às próximas gerações, não estariam, forçosamente, expressando o desejo de todas as trezentos e sessenta famílias que compunham a comunidade em Curitiba, naquele ano de 1893. Elas soam mais como uma advertência, um alerta para que a paz, a tolerância e a união entre os cristãos estivessem sempre presentes, característica de uma instituição religiosa que esperava obter eco junto aos fiéis. Não obstante, para a Igreja evangélica, etnia e religião estariam atreladas, ou, segundo a análise de Seyferth (1981, p. 142), “o grupo étnico e o grupo religioso praticamente se confundem, se interpenetram” e aqui, a dimensão religiosa dá mostras de estar articulada a um elemento indicativo de unidade/coesão do grupo – “todos os alemães do Brasil” – permitindo-nos levantar a hipótese de que se visava a conferir uma identidade ao templo, não apenas religiosa, mas também étnica. Na prédica festiva, e em frente à pedra, o pastor havia enfatizado os valores da fé, da esperança, do amor, “para que em harmonia e com as forças reunidas seja construída esta casa de Deus, a qual de preferência mira como o empreendimento alemão e hoje não queremos colocar a denominação evangélica na frente” (CEC, *Lançamento...*, s/d). E, considerando ainda que mais da metade da membraia já era nascida no Brasil (Nadalin, 2001, p. 147), podemos interpretar as palavras como um

³⁸ Entendendo a comunidade como uma célula da organização sinodal, esse procedimento estaria de acordo com a afirmação de Reily (1993, p. 66) de que o Sínodo Rio-Grandense teria se interessado por manter relações amigáveis com outras Igrejas evangélicas, embora ele também aponte para exemplos contrários.

imperativo, visando-se a levar a termo a proposta político-eclesiástica de preservação da germanidade, lembrando a todos que ainda eram alemães.³⁹

Figura 2



MEMBROS DA COMISSÃO ENCARREGADA DA CONSTRUÇÃO DO TEMPLO DA
COMMUNA EVANGÉLICA ALLEMÃ. DÉCADA DE 1890.

Da esquerda para a direita, sentados: Emilio Sigwalt, Carlos Schaumann, Bernardo Amhof, Gottlieb Mueller, Emil Schulze, Frederico Gaertner, Augusto Strobel, João Schmidlin, Luiz Melzer. Em pé, também da esquerda para a direita: Emilio Voss, Henrique Vossgrau, Guilherme Krüger, Ewaldo Gänslly, Carlos Krüger, Roberto Strobel, Germano Strobel, Henrique Stahlke, Henrique Burmester. FONTE: Heisler, 192[9], p. 73.

De acordo com o projeto, elaborado por Carl Schaumann e sob a responsabilidade do mestre de obras Wilhelm Krüger, que contou com trabalhos de carpintaria realizados por Carlos Krüger e Roberto Strobel, a “nova igreja protestante da communa allemã, á rua

³⁹ Giralda Seyfert (1984) desenvolve a argumentação de que nacionalidade e cidadania eram concebidas pelos imigrantes alemães e seus descendentes de maneira diferenciada, possibilitando-lhes a construção de um duplo pertencimento, ser cidadão brasileiro e manter a nacionalidade alemã. Retomaremos a discussão no item 1.3.

América”,⁴⁰ seria inaugurada às dez horas da manhã do domingo de Páscoa (A República, 13 maio 1894). Sua decoração interna foi possibilitada pela cotização de recursos levantados pela congregação de senhoras da comunidade, os sinos foram pagos com a arrecadação conseguida por meio de apresentações teatrais, dirigidas pelo “professor” Carl Frank⁴¹ (Heisler, 192[9], p. 72), e de canto coral:

A diretoria da igreja da Comunidade Evangélica Alemã cumpre com muita satisfação o dever de agradecer publicamente ao coral misto pela brilhante apresentação no domingo passado. Graças ao seu esforço, foi possível quitar o último pagamento no valor de 200\$000 [duzentos mil réis] devidos pela compra dos novos sinos do templo (Der Beobachter, 06 fev. 1895).

O arrecadamento propiciado pelo coral misto, a declaração do montante da dívida e os agradecimentos públicos tendiam a elevar o gesto de desprendimento, incentivando outras iniciativas do gênero e dando destaque à comunidade, seus empreendimentos e seus esforços para alcançar os objetivos propostos. A publicação na imprensa reforça também o valor conferido ao trabalho comunitário e à participação conjunta da membrazia.

Cada um dos sinos havia recebido uma inscrição: “*Deutsche Evangelische Gemeinde, Curityba, 1894*”, “Deus nos proteja” e “A união fortifica”. A harmonia de seus acordes lembraria aos fiéis de seus deveres diante de Deus e da comunidade, colocando em realce a força da união. Esses valores – harmonia e unidade –, enfatizados pelo pastor durante as prédicas, eram retomados no cotidiano da comunidade. Entre os objetivos comuns ao grupo, deveria constar o auxílio mútuo, e em situações específicas e ocasionais, como uma enfermidade, a caridade cristã deveria falar mais alto, recorrendo-se à coletividade da colônia alemã. A notícia jornalística exemplifica essa afirmação, quando um indivíduo, forasteiro e estranho aos membros da *Communna*, busca seu auxílio:

Nos últimos dias fomos procurados por um pobre senhor idoso, dizendo chamar-se Johann Neuendorf, que estaria vindo da cidade de Rio Negro, para aqui em Curitiba submeter-se a uma cirurgia nos olhos. Trazia uma carta de apresentação do Sr Padre Peters, da mesma cidade, que fazia um apelo à generosidade da sociedade germano curitibana, no sentido de arrecadar a importância necessária para cobrir as custas da operação. O médico que havia orçado a cirurgia em 200 Milreis, [*sic*] diante da situação de pobreza do paciente, concordou

⁴⁰ A aquarela de Hugo Calgan, representando a imagem do primeiro templo, nos leva a crer, juntamente com Nadalin (2001), que este era voltado para a Rua do Serrito, atual Rua Carlos Cavalcanti, enquanto a nova construção, ainda existente no cenário urbano, tem sua frente voltada para a Rua Trajano Reis.

⁴¹ Aloys Carl Frank (1868-1918), natural de Römerstadt, Morávia, fixou-se em Curitiba em 1888 e já em 1890 habitava em casa própria na Rua Conselheiro Laurindo n. 6. Compôs músicas sacras e profanas e era o organista oficial da Catedral Metropolitana de Curitiba, tendo sido convidado para inaugurar o órgão dessa igreja, em 1893, apesar de ser protestante, de confissão luterana. Por ocasião de sua morte, foi o pastor Berchner quem pronunciou o necrológio (Grötzner, 2004).

em realizá-la por 100 Milreis [*sic*]. Como o médico estava com uma viagem programada e não houve tempo para uma arrecadação prévia, fizemos o adiantamento dos 100 Milreis, [*sic*] confiando que as doações da colônia germânica local cobrirão a despesa. A cirurgia foi realizada hoje, com total êxito. Agora pedimos a todos que quiserem ajudar-nos que nos encaminhem suas doações durante toda a próxima semana.⁴²

Utilizando como sistema de referência o sentimento de pertença, a justificativa se sustenta na necessidade de amparo – à velhice, ao enfermo, ao necessitado – e no dever de auxiliar o próximo – o mais próximo, o portador de uma origem comum – dando ênfase a esse tipo de ação caritativa conjunta, sem distinção de afinidades religiosas ou de procedência geográfica. Vindo de outra cidade, o “pobre senhor idoso” chegara com uma carta de apresentação, com o objetivo de solicitar junto a *Communa* os recursos necessários à sua cirurgia, indicando que a repercussão da organização comunal havia ultrapassado as fronteiras de Curitiba.

O pastor Emil Schulze (1892-1896), que assina o pedido, bem como seu antecessor, pastor Wilhelm Haarmann⁴³ (1886-1891), ambos haviam sido enviados para Curitiba, pelo Conselho Superior Eclesiástico de Berlim (*Evangelischer Oberkirchenrat*) (Schmidt, 1980), o qual se posicionava em defesa de uma política de preservação da germanidade, junto aos indivíduos emigrados para o Brasil, subvencionando escolas, enviando pastores e auxílio financeiro às comunidades. Sendo assim, o fomento das questões relativas à união, à colaboração e à coesão do grupo pode ser buscado em fatores exógenos à comunidade, intrinsecamente vinculados a decisões e interesses da política expansionista alemã.⁴⁴ A *Communa Evangélica Allemã* comungava desses objetivos preservacionistas e, até pela sua denominação, nos faz supor uma seleção, estabelecendo critérios de pertencimento. Agregando indivíduos que comungam do mesmo idioma e confissão religiosa, por meio de suas práticas religiosas, ela vai ao encontro de seus estatutos que registram esta associação “com fins puramente religiosos, proporcionando aos seus associados os meios de se entregar à prática da doutrina, culto e disciplina protestante e mantendo inalteráveis as respectivas tradições” (OFÍCIO, n. 2, lv. 1).

⁴² A notícia era assinada por Friedrich Gaertner, filho do primeiro pastor, e por [Emil] Schulze, presidente e pastor da *Communa Evangélica Allemã*, respectivamente (Der Beobachter, 29 jan. 1896).

⁴³ Este respondeu a um processo de acusação por ter realizado um casamento “misto” entre Anna Brechmann, católica, e Max Schubert, protestante, sem que a nubente houvesse abjurado sua religião de forma legal (Dezenove de Dezembro, 6 jul, 3 ago. 1886), no período anterior à República, quando apenas os casamentos católicos tinham valor civil. Sobre os procedimentos exigidos pela Igreja Católica, cf. Ranzi, 1996, p. 155.

⁴⁴ O referido Conselho, por exemplo, exigira do pastor Hermann Faulhaber, dias antes de assumir o cargo em Blumenau (SC/1889), um documento assinado por ele jurando fidelidade ao Imperador e à Igreja Territorial da Prússia (Klug, 1997, p. 127).

O atendimento pastoral de Emil Schulze demonstra uma singularidade. Segundo Sérgio Nadalin (2001, p. 59), “para todo luterano, o sepultamento eclesiástico é muito importante, da mesma forma que o anúncio do falecimento de um membro da comunidade durante o culto, junto com a ‘oração memorial’ (*Danksagung*)”. Desta maneira, as famílias preocupavam-se em notificar as ocorrências de óbitos para que fossem feitos seus registros e encomendadas suas almas, se alguma eventualidade tivesse impedido o pastor de comparecer junto à família enlutada. De acordo com o levantamento que o autor fez a respeito dos sepultamentos, notamos que os registros realizados há mais de um dia após a morte, ou por falta de atendimento pastoral ou por falta de comunicação dos passamentos, não ultrapassaram 0,8% naquele período, o menor índice encontrado.⁴⁵ Ou seja, o ministério do pastor Schulze tinha ligações estreitas com as famílias e demonstrava grande cuidado com as lides burocráticas que faziam parte de seu ofício, colaborando para tornar possível o conagraçamento da membrazia.

O Conselho Superior Eclesiástico enviou ainda um último pastor, Siegfried Schultz (1897-1900), para o atendimento espiritual da comunidade. Seu pastorado coincide com o período de reestruturação curricular da *Deutsche Schule*, gerando protestos na colônia alemã e desencadeando uma fase de turbulência para a comunidade que culminaria com sua divisão. Alega-se que o referido pastor, ao lamentar o conhecimento religioso deficitário dos jovens que ele preparava para a confirmação de fé,⁴⁶ atribuíra o fato à retirada das aulas de religião no ambiente escolar, chegando a requestar o retorno delas, que atendiam tanto a católicos quanto a protestantes. Como sua proposta fora desconsiderada, ele fundou uma escola confessional.⁴⁷ Nem todos os membros da comunidade aceitaram de bom grado as tomadas de decisões e, mais uma vez divididos, convocaram assembléias para deliberar sobre o assunto. Na decisão final, exigiu-se a retirada do pastor (Schmidt, 1980).

Ao demonstrar descontentamento em relação ao nível do conhecimento religioso de seus confirmandos, o pastor Schultz talvez estivesse apenas pleiteando a obrigatoriedade do ensino de religião ou o aumento de sua carga horária, no currículo escolar. Sua atitude posterior de fundar outra escola, entretanto, pode ter melindrado parte da membrazia que a

⁴⁵ Nos outros períodos, os resultados aproximados são os seguintes: 1860-1871, 10%; 1872-1885, 26%; 1886-1891, 3%; 1897-1900, 8%; 1901-1930, 6% dos registros foram feitos após um dia do falecimento do membro.

⁴⁶ Ao atingir a idade média de 14-15 anos, o jovem era convidado a integrar-se ativamente à vida comunitária, por meio da cerimônia de “confirmação”, quando atesta sua aceitação de Deus no batismo. Para tanto, o pastor prepara o “confirmando” para esse momento de engajamento pessoal e público de fé (Nadalin, 1978, p. 124). A confirmação também pode ser interpretada como um momento de transição, em termos de fases de vida. Cf. DROOGERS, André. *Religiosidade popular luterana*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

⁴⁷ Tudo indica ser a *Evangelische Schule*. Voltaremos ao assunto no item 2, “ações educacionais”.

teria entendido como uma tomada radical e autoritária, demonstrando não haver uma preocupação, por parte do pastor, com a edificação da comunidade, com sua comunhão, conforme estabelecem os Evangelhos, e o pastor não estaria conseguindo distinguir os assuntos da fé dos problemas de ordem social que lhe eram colocados (Schneider, 1995).

A possibilidade de o descontentamento da membrazia ter suas origens no campo da confessionalidade e das matrizes doutrinárias do atendimento religioso pode ser confirmada pelo fato de, no início do ano de 1901, o pastor Otto Kuhr,⁴⁸ vindo de Castro (PR), ter conseguido arrebanhar fiéis para a fundação da “Comuna Evangélica Lutherana – Christus.”⁴⁹ Esta organizou uma escola própria, criou seu jardim de infância, um cemitério próprio e um templo, em 1913.

Quanto ao pastor Schultz, ele voltou para a Alemanha por ordem do Conselho Superior Eclesiástico. As fontes silenciam sobre as razões desse chamado ou as possíveis exigências do Conselho em relação à comunidade, mas durante esse período, a *Communa Evangélica* rompeu relações com o órgão eclesiástico alemão.⁵⁰ Sergio Nadalin (2001, p. 29), também instigado por esse “silenciamento” histórico, e aventando possibilidades explicativas para esse rompimento profundo, nos faz lembrar a carga pejorativa atribuída às denominações das duas Igrejas, a *Grossekirche* e a *Kleinekirche*,⁵¹ e os conflitos advindos quanto ao uso e à proibição de utilização das dependências do antigo cemitério. De fato, com a divisão da comunidade, a “evangélica” ficara com a posse do cemitério e passara a exigir preços considerados abusivos para o sepultamento de não-sócios. Sendo assunto de sua competência, a Câmara Municipal decidiu pela organização de uma tabela de preços e, posteriormente, pela demarcação de uma área, junto ao cemitério público, para ser concedida às comunidades “Lutherana e Presbyterana” (Curitiba. *Annaes...*, 1902).

⁴⁸ Otto Kuhr (1864-1938) fora enviado ao Brasil pela Federação das Associações Luteranas da Caixa de Deus, em 1897, com vistas a uma organização sinodal independente da Igreja estatal alemã, embora “cultivando os vínculos da fé e vivência com a velha pátria” (Reily, 1993, p. 205), efetivada com a fundação do sínodo da Caixa de Deus, *Gotteskastensynode*, ou Sínodo Evangélico-Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados, em 1905. O pastor estivera a serviço do sínodo de Iowa (EUA; Klug, 1994, p. 99) antes de fundar a comunidade de Castro (1899-1901) e a de Curitiba (1901-1907), onde esteve domiciliado na Rua América quando seguiu para a cidade de Ponta Grossa. Seu atendimento estendeu-se às comunidades de Porto União da Vitória, São Roque e outras, ao norte de Santa Catarina.

⁴⁹ Seus estatutos encontram-se registrados no Cartório do 1.º Ofício de Registro de Títulos e Documentos Pessoa Jurídica, sob n. 163, lv. 2.

⁵⁰ O reatamento de laços com esse órgão só efetivou-se em 1926.

⁵¹ O templo da Rua Inácio Lustosa, pertencente à Comunidade Evangélica Lutherana Christus, era conhecido como a “igreja pequena” (*Kleinekirche*) em oposição à outra, a *Grossekirche*. Os membros dessa comunidade habitavam em sua maioria nos arredores da cidade e filiaram-se ao Sínodo Evangélico-Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados. Somente bem mais tarde, em 1947, as duas comunidades se fundiram.

Para assumir o cargo vago da *Communa Evangélica Allemã*, foi convidado o pastor Gustav Berchner que atuava como pastor e professor em Ponta Grossa, onde contava com sete alunos (Lemke, 1992, p. 320). Em Curitiba, desde 22 de janeiro de 1901, ele deu início a um trabalho mais amplo, de cunho social, investindo na construção de uma casa de abrigo comunitária e chamando uma diaconisa para o atendimento aos doentes. Essas ações empreendidas pelo pastor podem estar vinculadas à demanda crescente da membraia, pois, durante seu pastoreio, encontramos um número significativo de crianças nascidas fora da comunidade e aqui batizadas, conforme o livro de registros, examinado por Sergio Nadalin (1978, p. 386).⁵² Na percepção de Ernesto Niemeyer (192[9], p. 151), pastor Berchner,

orador sacro de raro talento cuja palavra fascina tanto no púlpito como em festas profanas, (...) exhortava os cidadãos brasileiros de sangue germânico a serem ufanos de terem herdado a alma allemã, pois com esta poderiam ser bons brasileiros sem esquecerem a patria dos pais, terra a quem tanto devem em bens espirituaes.

Até o período que antecede a Primeira Guerra, as duas comunidades atuaram isoladamente. A Evangélica conheceu um período de relativa estabilidade. Ao ser sepultado, em 1932, o pastor Berchner recebeu em sua lápide uma homenagem de reconhecimento: “ele trouxe a paz para nós”. Com essas palavras talvez possamos melhor compreender o sentido e o papel das comunidades, qual seja o de promover a concórdia, o auxílio mútuo, congregar seus membros e torná-los participantes e testemunhos de sua fé.

Pelo que discutimos até aqui, é possível perceber que em alguns momentos essa participação foi dificultada pelas diferenças existentes tanto no interior da colônia alemã como no de seu segmento, a *Communa Evangélica*, traduzidas em atritos, dissensos e cisões. Moldando um modo de conviver, tentava-se ignorar essas brechas e pretendia-se instaurar um clima de paz e fraternidade, abarcando a todos de ascendência comum, na qual deveriam predominar alguns integrantes dignos de representar o grupo. Essa valoração e seu processo de produção/reformulação serão objeto de análise no próximo segmento que trará ao palco o grupo maior da colônia alemã curitibana.

⁵² Divididos em decênios, com o total de registros entre [], temos os seguintes resultados: 1870-79, [10] 3 batizados de crianças nascidas em Santos e Rio de Janeiro; 1880-1889, [27] 6 crianças de Joinville, São Paulo e Franca; 1890-1899, [13] 5 nascidas em Joinville e São Francisco; 1900-1909, [33] Santos, Alemanha e local indeterminado perfazem 4 batismos. Entre 1910-1919, [77] o local de nascimento se torna mais variável – inclusos Holanda, Chile e outras cidades de SP, SC, RS, RJ, ES, MG e interior do PR – com 36 registros.

1.1 Construção, transmissão e manifestação de valores culturais

Os imigrantes alemães, atraídos pelo aceno de oportunidades que o meio urbano, a capital da Província do Paraná poderia lhes oferecer, logo sentiram a falta de instituições que respondessem aos seus interesses, tanto individuais quanto de grupo. Após as preocupações iniciais com a garantia de meios de subsistência para si e suas famílias, procuraram criar locais para o atendimento escolar e religioso, tornando possível efetivar algumas práticas e dar-lhes ressignificados, facilitando o processo de adaptação ao novo ambiente.

Os primeiros deslocamentos, entretanto, exigiram providências mais imediatas para atender às necessidades prementes, afinal, “*Aller Anfang ist schwer*” (todo começo é difícil), diz o provérbio alemão. Antes da primeira habitação, possivelmente depararam-se com as agruras da instalação provisória e da inserção no mercado do trabalho até que se estabelecessem com uma propriedade, recebendo cartas de data ou de foro.⁵³ As administrações provinciais, mesmo incentivando a imigração e promovendo colocações nas obras públicas, ainda em 1877 não contavam com um local próprio para alojar os recém-chegados, ficando estes “hospedados até nos corredores das casas de pasto desta cidade”.⁵⁴ Aos poucos, a região urbana de Curitiba e principalmente suas cercanias ao norte, uma área ondulada com mata e campos naturais⁵⁵ (Bigarella, 1998, p. 208), foram sendo ocupadas pelos imigrantes alemães.

Nas chácaras, à medida que se adaptavam e os trabalhos da pequena lavoura familiar se desenvolviam, outras dificuldades teriam de ser ultrapassadas, como a precariedade de vias de comunicação e a falta de transportes, para que os excedentes de sua produção pudessem ser encaminhados, mais facilmente, para a venda na região urbana. Porém, com os conhecimentos

⁵³ A Câmara Municipal de Curitiba concedia “cartas de data” de terrenos devolutos, nos limites do quadro urbano, ou distribuía terrenos foreiros, no rocio, mediante o respectivo pagamento. Pela Lei de Terras de 1850, somente após 3 anos de trabalho no lote o requerente poderia tornar-se seu proprietário (BRASIL. *Collecções...*, 1851).

⁵⁴ Em seu Relatório, apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná, em 15 fev. 1877, o Presidente Lamenha Lins afirma que os “colonos” ficavam numa “chacara situada á margem do rio Belém, na entrada da cidade”, provavelmente a conhecida como “do Bittencourt”, que mais tarde foi incorporada ao atual Passeio Público. (Dezenove de Dezembro, 28 abr. 1877). Temos notícias de imigrantes “no lugar chamado Bariguy”, antes de instalarem-se na Colônia Assungui (Dezenove de Dezembro, 23 mar. 1874), e posteriormente, de uma hospedaria de imigrantes, onde estes ficavam alojados, de forma precária, à espera de seu deslocamento, no prolongamento da Avenida São José, atual Rua Marechal Floriano Peixoto (A Federação, 27 ago. 1892). Na planta de Curitiba, de 1914, ela pode ser localizada na Rua Ivahy, atual Av. Getúlio Vargas.

⁵⁵ Entre 1855 e 1866, cerca de 50 famílias localizadas ao norte da cidade, em chácaras de meio a dois alqueires, plantavam cereais, apresentando panorama pitoresco em contraste com as florestas vizinhas (Martins, 1941, p. 60). Em 1872, podiam-se observar pinheirais e pastagens, sendo que para o sul, “tudo era uma planície aberta de se perder de vista” (Bigg-Wither, 2001, p. 79) [traduzido do original, em inglês, publicado em Londres, em 1878].

trazidos de sua terra natal, alguns imigrantes alemães conseguiram desenvolver mecanismos e adaptar técnicas e instrumentos que facilitassem sua labuta diária e lhes trouxessem proveitos.

Este parece ter sido o caso de Wilhelm Mayer, conhecido como *Buddelmayer*, que trouxera de Dona Francisca (SC) uma carroça desmontada em lombo de mulas⁵⁶ e forjara um tipo de arado mais eficiente, agilizando o trabalho que antes necessitava ser complementado com o uso da cortadeira e da enxada (Heisler, 192[9], Strobel, 1987). O ferreiro Miguel Müller,⁵⁷ já oferecendo seus serviços de ferrar cavalos e comercializando produtos de seu estabelecimento, como foices e machados, tratou de iniciar-se na construção de carros e arados semelhantes. Segundo Heisler (192[9], p. 58), Miguel Müller havia introduzido o uso do carrinho de mão, de fabricação própria, cultivado uvas e as primeiras batatas inglesas da região. Estas e outras práticas desenvolvidas pelos imigrantes alemães contribuíram para que se formassem relações de interdependência entre estes e a sociedade de acolhimento e que fossem registradas como práticas inéditas para a população curitibana:

Colonos allemães (...) realisavam a obra magnifica de uma victoriosa adaptação e não somente prosperavam nos trabalhos da pequena lavoura, com cujos productos abasteciam a cidade, como, também, introduziram nos nossos costumes e processos ruraes, exemplos de ordem e de simplificação que os nacionaes iam aceitando e praticando. Um dentre muitos, por mais interessante: - foram os allemães que generalisaram o uso do cavallo pra tracção, até então, entre nós, exclusivo do boi carreiro (Martins, 1922, p. 182).

A presença destes indivíduos, introduzindo uma marca diferenciada nos trabalhos agrícolas e no serviço de transportes, era extremamente significativa se considerarmos que a criação de uma agricultura de abastecimento fora o mote da política imigratória, no Paraná, e essa nova parcela da população estaria “generalizando” técnicas e meios diversificados que poderiam atingir maior produtividade e vir a atender aos objetivos governamentais.⁵⁸ Na primeira metade da década de 1870, imigrantes alemães mantinham o monopólio dos serviços de transporte em carroças (Big-Wither, 2001, p. 83) e traziam em “diligencias”, para a capital e núcleos coloniais, novos imigrantes, procedentes de várias regiões “d’além-mar” e

⁵⁶ Seu nome consta na relação de passageiros do navio Florentin, tendo chegado com mulher e 4 filhos, em 19 jul. 1852, dirigindo-se para Curitiba, em fev. 1854 (CELC, n. 5519).

⁵⁷ Procedente de Rio Negro, Miguel Müller, ou “Miler”, conforme a fonte, em 1835, requeria “60 palmos de xaons [chãos] na rua das Flores” e ainda um acréscimo de 10 palmos, ao qual foi atendido (BOLETIM do Archivo Municipal de Curitiba, v. XLVII, 1930, p. 85), e já no ano seguinte, 1836, pedia carta de data para “duas moradas de casas na rua nova da Entrada” (BOLETIM..., v. XLVIII, p. 36). Atribui-se a este ser “O primeiro alemão de Curitiba”, conforme o título do livreto de Iseu Affonso da Costa, que nos foi gentilmente ofertado pelo autor.

⁵⁸ A economia paranaense, voltada para a cultura do mate, deslocava a maior parte da população livre e escrava para esse mercado, provocando esvaziamento de mão-de-obra para os setores de subsistência. O trabalhador estrangeiro, dedicado à produção agroalimentar, seria a solução para o problema e esperava-se que, com ele, se alcançasse o desenvolvimento econômico da província e se resolvesse o impasse da ameaça de extinção do sistema escravista (Santos, 1995).

aportados em Antonina (Dezenove de Dezembro, 15 fev. 1873). Entre 1869 e a década de 1880, quando diminuíram as iniciativas tuteladas pelo governo, Curitiba recebeu poloneses, italianos, ingleses, franceses, argelinos... Ouvia-se “a miudo vozes sonóras de italianos, outras guturaes de polacos, e sibilantes do velho alemão” (Dias, 1904, p. 383). Ao final da década de 1880, a população de 15 mil habitantes era composta de aproximadamente 25 a 30% de estrangeiros, sem que se possa computar o número de “remigrantes”, aqueles vindos de forma espontânea (Nadalin, 2001, p. 176).⁵⁹

Na vida rotineira, na concretude dos distintos momentos de seu viver, por meio da observação e do contato com esses grupos e com a população nacional, os alemães percebiam e definiam o que lhes distinguiu e o que lhes assemelhava com os outros. À medida que se demarcavam igualdades e diferenças, o sentimento de pertença que caracteriza as identidades, recorria-se a critérios objetivos e subjetivos que lhes fornecessem um sentimento de unidade, e, para o grupo alemão, considerava-se o critério sanguíneo uma invariável, por ancorar-se na crença em uma origem comum, biológica, capaz de agregar e definir a condição étnica do grupo. Entretanto, para Eric Hobsbawm (1998, p. 78-94), um grupo étnico, como forma de organização social, também estabelece critérios culturais de pertença, os quais agregariam esta população heterogênea, deslocada de várias regiões e estabelecida num local comum de convivência, reforçando sentimentos e acionando signos, em oposição a outros, manifestos como diferenciadores, por meio de práticas coletivas comuns, que conferem sentidos e irmanam populações dispersas. Esta forma relacional de viver, que se conserva ou não no conviver, pode ser pensada no caso dos imigrantes alemães, em Curitiba, com origens diversas, assentados em novo ambiente, este repartido entre outros imigrantes, remigrantes e “nacionais” e renovado com relativa constância pelos fluxos imigratórios, fazendo uso de costumes e idiomas próprios, tentando compreender e se fazerem compreender, muitas vezes por meio de sinais, gestos e expressões fisionômicas. Um clima propício para que os grupos estabelecessem distinções culturais, cada um atribuindo para si características particulares, (re)definindo suas variáveis, em busca de formas específicas para se reconhecerem e serem reconhecidos como tal.

Neste processo de seleção/construção, talvez seja interessante refletir, a partir da perspectiva de Meyer (2000, p. 48), que ele tenha sido alavancado antes mesmo da emigração, quando as possibilidades do empreendimento passaram a envolver seu planejamento e uma

⁵⁹ Em 1877, Lamenha Lins afirmava existirem 4 mil imigrantes em núcleos próximos a Curitiba além de 2 mil imigrantes espontâneos estabelecidos na cidade e seus “suburbios”, computando o total de 6 mil indivíduos “laboriosos e morigerados” no município (Dezenove de Dezembro, 14 abr. 1877). No início do século XX, estimava-se que cerca de 60 novas famílias estabeleciam-se mensalmente na cidade (Ramos, 2002, p. 21).

série de decisões/ações a serem tomadas e efetivadas, até a chegada ao futuro destino, este também supondo uma escolha. Neste sentido, os imigrantes já chegavam pressupondo que iriam enfrentar um meio diverso daquele que haviam experienciado, e teriam ensaiado posturas/attitudes que lhes possibilitassem as alteridades e lhes servissem de instrumento para se colocar na nova sociedade.⁶⁰ Importa, pois, compreender como os mecanismos de diferenciação/identificação foram acionados, num espaço e tempo determinados, buscando nas práticas coletivas, em seus traços, em seus símbolos, em suas dimensões ocultas, os elementos valorizados, utilizados e partilhados pelo grupo alemão, como marcadores de sua identidade, e reconhecidos como tal, nas relações sociais que se estabeleciam cotidianamente. Considerando, pois, que a etnicidade não é vazia de conteúdo cultural e implica “um processo de seleção de traços culturais dos quais os atores se apoderam para transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com um grupo étnico” (Poutignat; Streiff-Fenart, 1998, p. 129), é nos costumes compartilhados pelo grupo, na dinâmica dessas relações que poderemos encontrar subsídios para melhor compreender valores e significados de práticas desenvolvidas na *Deutsche Schule*, o ambiente criado por e para suas crianças, em idade escolar.

Paulatinamente, numa redefinição incessante de situações de contato entre “nacionais” e uma gama heterogênea de imigrantes e culturas, a cidade colhia os frutos do trabalho agrícola. Com o solo “roteado á arado, estrumado e plantado de centeio, cevada, favas, ervilhas e outras hortaliças, forragens e algum trigo”, desde 1866,⁶¹ uma parte da produção foi sendo destinada ao mercado curitibano, o que provocou lentas mudanças nos hábitos e consumos alimentares da população. A estes foram introduzidos a broa ou pão preto, à base de centeio; a *Wienerwürstchen* (Der Kompass, 20 ago. 1903), incorporada ao vocabulário coloquial curitibano como “vina”⁶² e exposta em estabelecimentos comerciais como a Confeitaria Cometa, de Henrique Hencke Jr. (A República, 27 jul. 1903); a gengibirra⁶³ e a cerveja, esta concebida como um elemento da cultura alemã. A imprensa coeva, utilizando-se das sensações olfativas para caracterizar cada país, chegou a afirmar que a Alemanha cheirava

⁶⁰ Dreher (1998) e Kreutz (1999) abordaram as dificuldades decorrentes do que eles chamam de “utopia” dos imigrantes e seu enfrentamento com a realidade brasileira, levando-os muitas vezes a situações de desespero.

⁶¹ Sob o título “A colonização na província do Paraná”, o jornal Dezenove de Dezembro, em 6 e 9 jan. 1875, transcreveu artigos publicados pelo jornal O Globo, do Rio de Janeiro, contendo as impressões colhidas pelo agente oficial de colonização do Império, Ignácio da Cunha Galvão, quando de sua visita a Curitiba, em 1866.

⁶² Nos Estados Unidos, considera-se que o *hot-dog* ou cachorro-quente, uma combinação do pão com uma espécie de salsicha vienense [*Würstchen* é diminutivo de *Wurst*, salsicha], foi improvisado a partir da comida introduzida pelos “americanos de origem alemã”, bem como o hambúrguer, a cerveja e o mingau de aveia, alimentos que se tornaram “parte do sistema americano de vida” (Sowell, 1988, p. 73).

⁶³ Também chamada *Spritzbier*, resultado de uma mistura de fubá, gengibre, açúcar e casca de limão, basicamente, engarrafada e guardada em local fresco por uns dez dias (O Estado de São Paulo, 1978, p. 16).

“a cerveja, a salpicão e a repolho” (Diário da Tarde, 23 jun. 1906),⁶⁴ dirigindo o fluxo da memória coletiva e reforçando pertencimentos socioculturais (Pollak, 1990). A bebida, largamente produzida em Curitiba pelos imigrantes alemães,⁶⁵ contava com grande número de apreciadores curitibanos e não poderia faltar em reuniões, patuscadas e comezainas por eles preparados (Dezenove de Dezembro, 15 abr. 1871).

Para os entretenimentos e as atividades de lazer, que iriam promover maior conagração entre os alemães, criavam-se ou adaptavam-se espaços onde a música era uma constante. O já citado *Buddelmayer*, por exemplo, residindo nas proximidades do cemitério municipal, onde mantinha um bar-restaurant (Colatusso, 2004, p. 40), construía uma cancha de boliche e, em um pequeno salão, ao som de um violino ou de uma gaita de foles, os freqüentadores dançavam (Strobel, 1987). Em outros salões públicos, eram apresentadas audições de música e representações teatrais, pedindo-se o prestígio e o apoio de todos os “alemães civilizados” para sua continuidade (Dezenove de Dezembro, 12 dez. 1877). Estas expressões culturais parecem distanciar-se de outros tipos de lazer, como os “bailes de operários, creados e carroceiros alemães”, denominados *Sümpfe*.⁶⁶ Realizados aos sábados e domingos, “congregando a imoralidade e o vício” (Dezenove de Dezembro, 7 nov. 1878), dentro do quadro urbano, e mesmo em sua principal artéria (Dezenove de Dezembro, 20 maio 1884), estes bailes públicos comprometiam “o socego publico” quando, em horas mortas da noite, “levantam-se alaridos e fazem-se sapatadas” (Dezenove de Dezembro, 8 nov. 1884).⁶⁷ Tendo sido condenados pelas autoridades policiais e parcelas da população como desviantes, comprometendo a ordem e os bons costumes,⁶⁸ os *Sümpfe* desapareceram do cenário curitibano. Seus registros evidenciam condições econômicas desiguais e concepções de vida social diferenciadas entre os imigrantes alemães, algumas incompatíveis com a imagem do

⁶⁴ O “Diário da Tarde” teve sua primeira edição em 1897 e dizia ter como “roteiro e norma suprema, rigorosa linha de independência, desde seu principio, pelo bem publico e a grandeza do Paraná” (Diário da Tarde, 18 mar. 1909).

⁶⁵ Em 1888, já havia um número considerável de cervejeiros: João Leitner, G. A. Mensing, Fr. Johnscher, Weigang Höber, F. G. Schulz, Meirelles & Wolk, Georg Grafssell, P. Weigang, L. Fleischmann (Dezenove de Dezembro, 30 jun. 1888) e algumas de suas “fábricas de cerveja” foram passadas a seus descendentes, como a “Cruzeiro”, da família Leitner, que até 1904, chamava-se “Tivoli” (Diário da Tarde, 9 jul. 1904). Em 1907, das 19 cervejarias, 18 eram de alemães (Westphalen; Balhana, 1999a).

⁶⁶ Dependendo da fonte, foram encontradas outras grafias: Sumpfs, Zumps e Zumpz. Em alemão, a grafia correta é *Sumpf*, tomando a forma *Sümpfe* para o plural, e significa pântano, atoleiro, charco. O chefe de Polícia, Carlos de Carvalho, traduzira o vocábulo como “lodaçal, tremendal”. Em seu modo de compreensão, “uma expressão feliz e verdadeira. Pouco se distanciam dos fandangos” (Paraná, *Relatório*, 1879a).

⁶⁷ Onde foi publicado o Relatório de Walfrido da Cunha e Figueiredo, apresentado a Luiz L. de Oliveira Bello.

⁶⁸ Magnus Pereira (1996) analisou a questão dos fandangos, batuques, “*Sumpfs*” e divertimentos afins como expressão cultural popular, que vinha de encontro ao ideário da burguesia curitibana que pensava a morigeração “mais em função de um modelo de camponês idilizado do que em termos de um proletário rural ou fabril socialmente adestrado” (p. 174).

“bom imigrante”⁶⁹ que vinha sendo esculpida, embora essa prática tenha contribuído para a aproximação de hábitos, ritmos, danças e gostos musicais.

Um outro costume, já praticado pela tradicional sociedade curitibana, sobretudo em ocasiões de festas religiosas, o de realizar excursões campestres em piqueniques (Westphalen; Balhana, 1983), generalizou-se entre os alemães. Designados pela imprensa de convescote, caracterizando-os pelo convívio próximo, quando promovidos pelas diversas associações, atraíam “enorme multidão loura e rosada de homens, mulheres e crianças, encadernados em costumes de cores vivas e variegadas” (Dezenove de Dezembro, 15 out. 1884) até o local predeterminado, geralmente uma das chácaras existentes nas cercanias da cidade. Organizados também pelos grupos familiares⁷⁰ e pelas escolas, sazonalmente, os piqueniques provocavam a ansiedade das crianças:

Nós saheremos já demanhã cedo às 8 horas Também ahi estaram alguns carros, para que os menores, que não podem agüentar o caminho até lá, possam ir de carro. Por isso também poderás levar teu irmãosinho, que gosta de andar á carro. Nós tambem executaremos num sombroso matto proximo vários jogos, como p. ex., pegar lingüiça e correr sacco. Tu não precisas encommodar-te com nada, por que nosso mestre aranjou já tudo que fôr necessario. Nos ficaremos até 5 horas e depois tornaremos a voltar. Então tu vês que não fica muito tarde. Assim mesmo tambem poderás pousar comnosco, em minha casa.⁷¹

As brincadeiras ao ar livre faziam parte do cotidiano infantil e ruas e logradouros públicos tornavam-se palco para toda espécie de descoberta e de incursões ao não permitido, tais como caçar passarinhos com “espingarda pica-pau” (Hatschbach, 1981). O extrato, porém, convida-nos a pensar sobre esse momento particular de viver, quando as diversas faixas etárias se encontravam e sentiam-se unidas, reforçando laços intrafamiliares, alargando o círculo de famílias e excluindo os estranhos a elas. Mesmo mantendo suas formas originais, os piqueniques adquiriam novos significados e diferenciavam-se pela sua organização, “como que regulada por uma cerimonia mesmo quando parece attingir ao maior gráo de expansividade. Os folguedos em correrias e diabruras” (A República, 16 mar. 1910), os jogos alegres e competitivos contribuía para sociabilizar a criança e desenvolver sua capacidade de comunicação. Planejados pelos adultos e direcionados ao público infantil, no ambiente

⁶⁹ Roberto Lamb (1997) enfoca as situações de tensão e conflito que envolviam os contatos étnicos, e trabalha com a oposição *bom/mau* imigrante, o trabalhador e cumpridor das leis / o indolente e agitador, este o que não concorria para o progresso da província.

⁷⁰ As famílias não eram pequenas, de modo geral. Embora os dados para o período 1895-1919 só possam ser estimados entre os membros da *Communa*, ali o número médio de crianças por família é de 4,5 filhos (Nadalin, 1978, p. 323).

⁷¹ Extraído de uma carta, – datada, redigida em português com as correções e a assinatura do professor, em vermelho – que optamos por copiá-la com a interferência feita pelo professor. O autor, como veremos adiante (item 5.2), fora aluno da *Deutsche Schule*, embora não possamos afirmar que no dia de sua redação ele ainda fizesse parte do seu corpo discente (Straube, *Caderno*. 28 maio 1903).

descontraído nada impedia que todos participassem das práticas lúdicas, divertindo pequenos e grandes.

Figura 3



CONVESCOTE ALEMÃO. FONTE: A República, 16 mar. 1910.

Atreladas ao calendário religioso, outras festas iriam cumprir com o papel de irmanar as famílias e contar com a participação ativa das crianças, especialmente o Natal e a Páscoa. Nesta, os alemães costumavam prolongar o descanso da semana santa até a segunda-feira, quando a maioria de seus estabelecimentos comerciais cerrava suas portas no período da tarde (A República, 14 abr. 1903). O Natal era antecedido por um período de preparativos que correspondia às quatro semanas do Advento.⁷² Nas residências, o preparo dos alimentos iniciava-se com antecedência. Ao redor do fogão, enquanto as brasas eram aticadas, alimentava-se a memória transmitida pelos ancestrais, temperando lembranças, afirmando identidades.⁷³ Numa adaptação de ingredientes do receituário conhecido aos recursos do comércio ou do pomar, tentava-se dar formas às imagens que se queria lembrar. Geléias, biscoitos, pães com frutas e/ou sementes, *Marzipan-Torten* eram elaborados e acondicionados cuidadosamente para serem saboreados e admirados, na noite de Natal. Algumas massas, feitas em casa, eram levadas aos fornos das padarias para serem assadas, outras se transformavam em enfeites para o pinheirinho, o *Tannenbaum*.

⁷² No ano litúrgico, os 4 domingos que antecedem ao Natal foram previstos para o preparo espiritual. Sem podermos precisar a época, foram introduzidos os “calendários do advento”, pequenos quadros de papel com 25 janelas numeradas, correspondentes aos primeiros 25 dias de dezembro. A criança abre uma janela por dia em busca da surpresa: pequenos desenhos relacionados com a data máxima da cristandade.

⁷³ O alimento, seu consumo, sua utilização, como critérios de afirmação da identidade e como componentes de uma determinada tradição cultural, foram discutidos por Juliana Reinhardt (2002), ao enfocar a Padaria América, que atende ao público curitibano desde 1913.

A árvore do Natal (*Weihnachtsbaum*) considerada um dos costumes germânicos⁷⁴ introduzidos “em nossa sociedade, que até então limitava as suas *soirés* festivaes em bailes e na devoção da missa do gallo” (A Galeria Illustrada, 1888, p. 34), foi alvo de alguns protestos, pela imprensa, em determinados momentos de nosso recorte temporal. Alguns não lhe atribuíam significados e defendiam os “presepes que incontestavelmente reuniam mais graça, mais de acordo com a historia do nascimento do menino Deos,” considerando-os como “legados pelos nossos antepassados” (Diário da Tarde, 28 dez. 1906). Outros não encontravam razão para “o abandono da formosa tradição tão nossa” em troca do “insipido pinheirinho” e alertavam para o “malefício” que poderia representar “para a nossa riqueza florestal” o corte do pinheiro tenro se a “mania fôr augmentando...” (A República, 24 dez. 1907). A discussão sobre os símbolos natalinos persistia em 1913, quando um articulista ensaiou uma explicação para fazer cessar o que ele chamou de “a grande guerra contra os pinheirinhos”. Argumentando que as festas remontam aos “tempos primitivos”, aos “resíduos de cultos metereologicos” e que mais tarde lhes foi dada a significação religiosa, afirmava seu ponto de vista: “Veneramos as cousas passadas, mas não desejamos vel-as perpetuadas. (...) A humanidade não avançaria, adstricta á tradição, que é a affirmação do dia de hontem, quando o progresso (...) é justamente a negação desse dia” (A Tribuna, 25 dez. 1913).⁷⁵

Alheios a esse embate, crianças de todas as idades eram atraídas pela magia do pinheirinho. Sustentando velas em seus galhos verdes e exalando odor característico, na noite de Natal, ele podia ser visto pelos passantes através das vidraças a “altear-se num deslumbramento de luz e de enfeites polychromicos” (Diário da Tarde, 25 dez. 1906). As cores, as luzes, as guloseimas, os aromas faziam parte do espírito festivo que inundava o período, juntamente com o som dos hinos e canções natalinas anunciando que “sempre todos os anos, vem o menino Jesus (...), vem trazendo sua bênção a todos os lares” (Gebhardt, 1898, p. 58). No ritmo da espera, os brinquedos fariam o regalo da “pequenada. Ella vê no natal o renascimento das alegrias triumphantes” (A Tribuna, 11 dez. 1913), e poderia ser brindada com a alegria de receber um presente, confeccionado por mãos habilidosas ou adquirido no

⁷⁴ Em 1868, um articulista fala sobre os costumes natalinos em diversos países, atribuindo para a “Allemanha e a Alsacia” o costume da “*arvore do Natal* onde o *Christ Nacht* é impacientemente esperado pelos meninos. Em um canto do salão se colloca um grande ramo de arvore (aberto) ornado de fitas, de anjinhos de cera, nozes douradas, canutilhos, confeitos e mil pequenas cousas bonitas: no meio há uma mesa cheia de brinquedos e gulodices” (Dezenove de Dezembro, 26 dez. 1868). E no final do século XIX a Casa Chinesa ofertava “grande sortimento de enfeites para arvore de Natal” (Dezenove de Dezembro, 4 jan. 1887).

⁷⁵ “A Tribuna” se dizia um jornal independente e estava sob a direção de Miranda Rosa Jr.

comércio local.⁷⁶ Alguns textos escolares incentivavam o sonho infantil e estimulavam sua imaginação, ao estipular quais seriam os “desejos de uma criança”:

Um cavalinho para montar, uma bonequinha para vestir, um carrinho para passear, um cofrinho para suas moedinhas. Para cozinhar, uma pequena cozinha, para ler, um livrinho. Muitas peças de madeira para construir, muitas maçãs para mastigar, um sininho para tanger, *Christkindlein*, o Menino Jesus, vai trazer (Kahnmeyer; Schulze, 1904b, p. 29).

Como um jogo de imitações, os objetos reproduzidos em escala menor, especialmente para as crianças, proporcionavam meios de identificação com os adultos. As famílias mais abastadas contavam com um considerável leque de ofertas destes produtos “archititados pela indústria” cujo desejo “é de reproduzir na natureza morta, a natureza viva”.⁷⁷

Balanças e quartos de bonecas, cabeças e braços de bonecas, jogo de bola aos pinos, soldados de vários tamanhos, bondes, trilhos e trens elétricos, cavalinho de pau, cavalos de balanço (Der Kompass, 3 e 10 dez. 1904). Brinquedos, de todo o tamanho, animaes de feltro, velludo, pello, folha e madeira, aparelhos de diversos tamanhos de folha louça e folha esmaltada, gaitas de bocca e mão, rabecas, tambores de diversos tamanhos e qualidades, aparelhos para lavatório, chapéos de sol para bonecas e crianças, chapéos para bonecas bengalinhas, pianos, lanternas mágicas, malinhas e cestinhas para doce, espadas, espingardas de diversas qualidades, machinas de costura, fogões cestinhas com trabalhos, caixa de velludo com estojo, cornetas, berços, camas, mobílias completas, relógios, lampeões de diversas qualidades, bolas de vidro e borracha, chocalhos, carrinhos com e sem mola, bicycletas, pás, enxadas, baldes, soldadinhos, chicotes, canhões, vísporas, xadrez, corda para pular, bolcinhas, ratinhos de mola, gafanhotos de mola, bisouros, palhaços, flautas, sapatos, meias e luvas para bonecas, escolas, velinhas, castiças e grande variedade em enfeites para pinheirinho e presepes (Diário da Tarde, 26 dez. 1906).

Os produtos elencados, de formas e linguagens diferenciadas e criados para pertencer ao universo lúdico infantil, vinham “directamente da Europa”, segundo o anúncio da Casa Bichels. Seu proprietário, Alfredo Bichels, atendia pessoalmente a freguesia “com aquelas maneiras peculiares ao bom negociante germânico. Alto, louro, um tanto encurvado e sempre gentil com a freguesia” (Sabóia, 1978, p. 51-52). Inseridos no comércio desde meados do século XIX, os imigrantes alemães e/ou seus descendentes criaram maneiras singulares de

⁷⁶ Na década de 1870, Germano Lindmann vendia “brinquedos para crianças” (Dezenove de Dezembro, 1 fev. 1873) e Oscar Gerhard participava o recebimento de um variado estoque de brinquedos (Dezenove de Dezembro, 13 dez. 1874) e, no decênio de 1890, velocípedes, cavalos de balanço para montar, carros de todos os tamanhos “para serem puchados por petiços”, bonecas de todos os gostos podiam ser encontrados nas casas comerciais de Alfredo Hoffmann, Francisco Weiser e Guilherme Etzel (A República, 14 dez. 1894 e 20 dez. 1894).

⁷⁷ Cf. “A Tribuna”, 11 dez. 1913 que se reportava aos produtos ofertados pela “casa de fazendas, armarinhos e brinquedos” de Max e Albino Amhof. Segundo notícia anterior, a indústria de brinquedos europeia estava em grande ascensão no final do século XIX, destacando-se a francesa “pelo seu luxo, bom gosto e perfeição” e a alemã, com brinquedos “muito menos bonitos” mas por serem baratos, enfeitados e coloridos “vão tendo extracção crescente” (Dezenove de Dezembro, 20 set. 1889).

atendimento ao público e, no final do Oitocentos, predominavam no setor de ferragens,⁷⁸ instrumentos musicais, e no da fabricação de artefatos de couro, de madeira, entre outros (Balhana; Westphalen, 1986). Nas lojas e fábricas, outros imigrantes tornavam-se aprendizes, caixeiros, operários, empregados, situados em posições subalternas como trabalhadores assalariados.

Os comerciantes e fabricantes bem-sucedidos, presentes nas estatísticas, possivelmente haviam percebido as lacunas existentes em diversos setores da sociedade curitibana e envidaram esforços para desenvolver capacidades de ação, visando a atender tais carências e melhorar sua condição financeira. Esta mobilidade, na “hierarquia de status”, para o período anterior à República (1869-1889), foi percebida por Denise Colatusso (2004), que ao analisar as Atas da Câmara Municipal de Curitiba e os anúncios veiculados pela imprensa, pôde acompanhar a inserção de alguns destes indivíduos no mercado de trabalho. Trabalhando com a configuração estabelecidos/*outsiders* formulada por Elias e Scotson, a autora revela que os alemães, enquanto *outsiders*, aproveitaram as brechas oferecidas, naquele momento de estruturação social e urbana, para inserir-se no mundo do trabalho, criar redes de interdependência e tentar sua mobilidade social na sociedade dos estabelecidos. Suas pesquisas demonstram que nas relações de complementaridade e de conflito que se desenvolviam entre os grupos, houve uma tendência, por parte dos alemães, de exercerem funções múltiplas, – iniciando-se no trabalho da lavoura, migrando para o setor de obras públicas, onde trabalhavam como empreiteiros e/ou carroceiros, para, posteriormente abrirem suas casas comerciais, – e de agrupar suas famílias em torno de objetivos comuns, incluso o lazer e a educação.⁷⁹

Sendo assim, essas famílias, que participavam da vida urbana, desenvolviam práticas sociais e ocupavam posições de destaque, chamavam a atenção da sociedade curitibana, em geral, por alguns de seus traços culturais, estes buscados em suas memórias, alimentados pelas novas levas de imigração e recriados na interação com o meio. No contexto republicano, quando família e escola tornam-se sustentáculos do projeto regenerador da sociedade e a mulher é reconhecida como a figura responsável pela saúde e bem-estar do núcleo familiar, transmitindo hábitos e costumes, muitos deles ditados pelo receituário higienista como

⁷⁸ Podemos citar a Casa da Louça, de Carlos Meissner, fundada em 21 ago. 1880; a dos irmãos Augusto e Francisco Hauer, 1884; Casa Glaser, de Wenceslau Glaser, fundada em 1887; Casa Porcellana, estabelecida em 1896, de Frederico Schmidlin, Guilherme Tamm e Fernando Hürlimann. No início do XX, a Casa Crystal, fundada em 1907 por Ewaldo Wendler, Theodoro Schneider e Gustavo Keil e Casa Metal, 1911, de José Hauer Jr. e Paulo Weiser (Boletim ..., 1996).

⁷⁹ O mesmo processo de inserção pôde ser observado em Campinas (SP). Cf. Karastojanov, 1999, especialmente seu capítulo 3.

propícios para promover o progresso da nação, a imprensa manifesta sua concepção do ideal feminino. Dentre os temas variados, um deles dirigido às leitoras se reporta à economia doméstica e estabelece um paralelo entre as donas-de-casa “patricias” e “estrangeiras”, não sem antes o articulista ter afirmado sua “penosíssima missão” e negado “o intuito malévolos de molestar a quem quer que seja”:

Para toda a mulher amiga da boa ordem e da economia nada é inútil e desprezível. A estrangeira, muito especialmente a alemã, é sobria e econômica. Sabe tirar partido de tudo; com o mínimo de recurso obtém o máximo de efeito; disfarça a penúria e sabe converter as faltas em bem estar, sempre sorridente, sempre alegre, sempre satisfeito. Faz verdadeiros prodígios e quotidianamente, de uma maneira incessante, produz maravilhas. Se o marido é comerciante, conhece tão bem ou melhor o estado de prosperidade dos negócios do que elle próprio. Accumula as funções domesticas ás de gerente do estabelecimento, com vantagens sobre o próprio dono. O inverso nota-se nas nossas patricias. Casam-se, logo exigem uma creada para isto, outra para aquillo, saia dinheiro donde sahir (Diário da Tarde, 6 dez. 1913).

O zelo da “estrangeira” para com os membros de sua família, especialmente no trato com o orçamento doméstico, se sobressai no extrato, elevando-a a posição de destaque na estrutura econômica familiar e no preparo de um ambiente harmonioso e acolhedor. Tentando estabelecer parâmetros de comparação e fixar padrões de comportamento, a representação simbólica da mulher dedicada ao lar é corporificada “especialmente” pela alemã, a quem se contrapõe à brasileira, exigente, pouco afeita ao trabalho cotidiano e perdulária. A uma, a narrativa oferece um ritmo apressado, pleno de atividades, sempre atenta às necessidades de sua família e disposta a contemporizar, à outra, lentifica seu ritmo, sugerindo ociosidade, alheação.

Os perfis da boa dona de casa, com permanente bom humor, da esposa conveniente, que sabe gerenciar despesas e negócios, corresponderiam às expectativas do universo masculino e dificilmente poderiam ser representativos de um grupo. Malgrado essa representação idílica, a citação nos traz possibilidades de interpretação das funções atribuídas ao papel feminino e de práticas vivenciadas/manifestadas nos lares dos imigrantes alemães. Se a maioria das mulheres não contava com a presença de serviçais no âmbito familiar, esta não era a norma.⁸⁰ Os afazeres domésticos, geralmente realizados pelas mulheres, exigiam muito de seu esforço físico naquele ambiente em fase inicial de urbanização e a divisão de tarefas

⁸⁰ Convém lembrar que, embora os imigrantes não eram tributários do sistema escravista, recém-abolido no Brasil, há a possibilidade de alguns terem dele usufruído, comprando ou alugando escravos. É o que indica o jornal *Dezenove de Dezembro* (24 nov. 1869), referindo-se a Rio Negro: “os velhos allemães aqui estabelecidos tem comprado escravos para o trabalho de suas lavouras, pela falta que há de jornaleiros” e Karastojanov (1999), ao focar a comunidade alemã de Campinas. Quanto ao emprego da mão-de-obra livre, as chamadas “creadas de servir”, presentes nos depoimentos trazidos por Renaux (1995) referentes a uma região de indústrias, o Vale do Itajaí, e o registro encontrado no jornal *A Tribuna* (6 dez. 1913) nos levam a pensar que esta poderia ser uma prática adotada, ao menos entre algumas famílias da colônia alemã de Curitiba.

com os filhos era entendida como necessária, além de produzir aprendizagem, por meio da experiência. Neste sentido, não era incomum que os filhos homens, desde cedo, fossem aprender um ofício junto a um artesão especializado,⁸¹ ao passo que a escola reafirmava a eficácia dessa forma de aprendizagem. Tanto a *Deutsche Schule* quanto o colégio católico, dirigido pelas Irmãs da Divina Providência, cujo método visava à “prática de como manter uma casa, combinando a física com as ocupações na cozinha”, atendiam à “educação das meninas e suas futuras necessidades como dona-de-casa” (Der Kompass, 24 e 31 dez. 1903), a *Hausfrau*, aquela que saberia desempenhar seu papel de esposa e mãe, administrando seu lar.

O suporte da mulher imigrante às atividades do marido, ou no trabalho com a terra ou em seus negócios, aumentando o orçamento familiar, não implica sua inserção no campo das decisões. E havia famílias nas quais prevalecia a regra de afastá-las de qualquer imediação do mundo dos negócios, como indica o depoimento de Hatschbach (1981), que, após o casamento de seu sócio e parente, fez-lhe ver que em sua casa comercial “as mulheres não tinham que pôr o bico”. Embora em situações diferenciadas, a atuação “permitida” destas mulheres no processo produtivo as insere como partícipes e revela “outras maneiras de viver e entender a função ou o papel da mulher no interior das relações sociais” (Bueno, 1997, p. 40).⁸² Essas experiências permitiam-lhe aprendizado e interação com os segredos do ofício, como foi o caso de Francisca, esposa de H. Adolpho Volk, “fundador dos ateliers photographicos de Curityba” (A República, 14 maio 1903).⁸³ Após seu casamento, em 1886, acompanhava o marido ao estúdio para auxiliá-lo. Em 1904, ele decidiu retornar à Alemanha e ela pode dar continuidade ao estabelecimento, chegando a ser agraciada com medalha de ouro em exposição realizada na capital, em 1910 (Boletim..., 2005, p. 4).⁸⁴ Anna Schaffer Weigert,⁸⁵ participando ativamente dos trabalhos em sua chácara, com moinho de cereais,

⁸¹ Rodolpho Hatschbach (1981) lembra que aos treze anos fora obrigado pelo pai a aprender o ofício de alfaiate e Gustav Strobel (1987) entendia seu trabalho não remunerado como uma aprendizagem.

⁸² A autora analisa as evidências culturais da mulher polonesa, entendida pela sociedade curitibana como marcadoras de sua identidade, e lembra que em sua organização social não lhe era exigida a submissão absoluta. Reconhecendo a autoridade masculina de chefe de família, a mulher partilhava, ao lado deste, experiências e atribuições, divergindo da tipologia apregoada à mulher brasileira da época e aproximando-se do padrão desenvolvido pelos imigrantes alemães, demonstrado por Renaux (1995).

⁸³ Podemos citar para o período outros fotógrafos pertencentes à colônia alemã, como os Irmãos Weiss, José Ruhland, Lizmeyer, Max Kopf, Fleury, Bruno Lehmann e Hugo Barthels, estes dois últimos ajudantes e “sucessores de Volk” (A República, 19 dez. 1900).

⁸⁴ O não retorno de Volk teria propiciado elementos para que ela desejasse “ser investida na autoridade de cabeça do casal”, tendo sido inquiridas testemunhas que provassem a ausência do marido (Diário da Tarde, 26 ago. 1905). Percebem-se manifestações preliminares de pedido de divórcio, – apelação civil n. 264 – impugnadas pela justiça (Diário da Tarde, 20 out. 1905), e o final do imbróglgio jurídico, com a morte de Volk, na Alemanha (Diário da Tarde, 28 ago. 1907). Outras ações de divórcio, envolvendo autores alemães, foram localizadas no início do Novecentos (Diário da Tarde, 24 ago. 1904 e 14 dez. 1908).

⁸⁵ Anna nascera em 4 set. 1862, em Römmerstadt, pertencente ao Império Austro-Húngaro, vindo com seus pais ao Brasil no ano seguinte. Cresceu nas cercanias de Curitiba, no atual bairro do Pilarzinho, ajudando sua mãe nos

situada próximo à atual Avenida Manoel Ribas, ao ficar viúva, teve de assumir o comando de sua propriedade. Contou com a ajuda dos filhos, fez melhorias e, junto com a escrituração comercial, anotava intenções e realizações de projetos, investimentos, aquisições de maquinário, podas de árvores e atividades relevantes que quebravam a monotonia do cotidiano: viagens, passeios, bailes. São registros dos acontecimentos diários, da memória familiar que denotam a eficiência de sua administração (Bigarella, 1998).

Auxiliando ou provendo o sustento da casa,⁸⁶ a imigrante alemã deveria ainda ocupar-se de sua família e da administração doméstica, atenta com a alimentação, limpeza, manutenção da ordem e a aparência de sua propriedade, vindo a alimentar as concepções elaboradas em torno de sua figura feminina. A casa faz parte do conjunto de representações dos alemães (Seyferth, 1981, p. 163) e apontada por aqueles que não possuíam ascendência germânica como elemento distintivo, “próprio” do elemento germânico, que conferia uma feição européia à paisagem, cultivando em torno de “garridos chalets de madeira”⁸⁷ ou de “elegantes vivendas” (Almanach do Paraná, 1900, s/p), hortas, pomares e jardins que chamavam a atenção de observadores do cotidiano.

Ocupando o centro da esfera doméstica, a mulher usufruía certa liberdade para gerenciar os usos de seu tempo encontrando momentos para a execução de trabalhos manuais. Com linhas e agulhas, seja por necessidade, dever ou prazer, ela remendava, cosia e/ou bordava, enquanto dava asas à sua imaginação e criatividade. O resultado destes trabalhos lhe proporcionava condições para exercer seu poder de controle e preservar alguns traços culturais identificados com sua origem, como os “panos de amostra”, com iniciais bordadas, e os “panos de parede”, nos quais, ponto por ponto, havia sido deixado inscrito um provérbio de sua escolha. Expostos aos olhares de familiares e de visitantes, estes trabalhos exerciam uma função pedagógica e proporcionavam visibilidade às habilidades, virtudes e sabedoria da dona-de-casa (Favaro, 2003).

afazeres domésticos, enquanto seus irmãos, Johann e Francisco, auxiliavam na lavoura e nos trabalhos de agricultura. Seu pai contratara um professor para lecionar em casa. De religião católica, casou em 1888 com Robert Weigert, luterano, nascido na Silésia, que também emigrou com os pais e três irmãos, em 1869, estabelecendo-se em Curitiba após um período aproximado de 3 anos na colônia Dona Francisca.

⁸⁶ Encontramo-las inseridas em outras profissões, como bordadeira, Elisa Helsselman (A República, 14 out. 1884); modista, “Madama Wagner” (Diário da Tarde, 17 dez. 1904); dando cursos “práticos de talhar vestidos para senhoras”, Anna Schwanssee (A República, 16 jun. 1900); atuando como parteiras, Mme. Elisa Elwanger (A República, 27 maio 1900), Anna Otto (Diário da Tarde, 9 set. 1905), Carolina Zimmermann (Diário da Tarde, 10 jan. 1906), Anna Glaser (Hatschbach, 1981) e Emilia Schlender, “diplomada” (Diário da Tarde, 4 nov. 1912); e oferecendo-se como criada, “para lavar e engomar, sendo alemã porem falando bem o portugues” (Diário da Tarde, 16 jan. 1912), mas não podemos deixar de pensar naquelas anônimas, empregadas em fábricas ou oferecendo seus serviços em outros setores. Para um período posterior ao nosso, as experiências da trabalhadora descendente de imigrantes foram discutidas em BOSCHILIA, Roseli. *Vivências e falas: trabalho feminino em Curitiba, 1925-1945*. UFPR, dissertação de mestrado, 1994.

⁸⁷ O autor refere-se ao ano de 1885 (Santos, 1996, p. 75).

Os cuidados com a prole envolviam valores e princípios de fé, disciplina e trabalho, e se necessário, cabia a ela encarregar-se de seu ensino formal, mesmo que de forma precária.⁸⁸ No exercício de suas (múltiplas) funções, era-lhe cobrada uma conduta moral apropriada e um bom desempenho, ficando ao seu encargo a manutenção da língua materna, aquela que também seria utilizada nos espaços de sociabilidade, no religioso e no escolar.

As manifestações de valores culturais até aqui delineadas, estruturadas em torno da religião, do trabalho e do lazer, podem ser compreendidas como inseridas no universo das práticas culturais típicas de um ambiente urbano, da Curitiba de final do século XIX e início do XX. E, como tal, compreende-se que parcelas desta sociedade enfrentaram problemas diferentes e de formas diferenciadas, favorecendo relações de integração e de conflito, levando indivíduos e/ou grupos a alavancar mecanismos de diferenciação, utilizados nessas relações, o que implica dinâmica e reordenamento (Cuche, 1999, p. 182-183).

As visões opostas, de “nacionais” e “estrangeiros”, “brasileiros” e “alemães”, as diferenças culturais e o direito a elas são questões que permearam o cotidiano da sociedade, dando margem a manifestações de descontentamento, por parte da população, e farão parte de nossas discussões no próximo item.

⁸⁸ Gustav Strobel (1987, p. 94) foi alfabetizado em casa pela sua mãe por não haver escolas nas proximidades de sua residência. Carl Raeder relembra que sua mãe encarregava-se de supervisionar suas tarefas e, durante o período em que a *Deutsche Schule* permaneceu fechada, ele estudou com a mãe até conseguir aula particular com o professor Staude (Raeder, *Entrevista*, 1998).

1.2 Desfiles, discursos e símbolos: nacionalismos “expostos”

No Paraná do último quartel do século XIX, a inserção de imigrantes alemães havia se estendido a outros núcleos mais distantes da capital, como Ponta Grossa, Palmeira, Lapa, Prudentópolis, e o mesmo movimento de ocupação ocorrera em outras regiões, especialmente no sul do Brasil. Os dados estatísticos dessa presença em território brasileiro, entretanto, permitem-nos apenas números aproximados devido aos registros díspares, as migrações internas de uma localidade a outra e os retornos aos países de origem. Estima-se que, entre 1865 e 1899, dos 771.609 imigrantes que entraram no Brasil, 39.745 eram alemães, ao passo que no período 1890-1914, do total de 2.524.504 imigrantes aqui chegados, 50.583 seriam alemães.⁸⁹

Por parte de alguns setores alemães, tais como bancários e empresariais, o contingente populacional que havia escolhido a emigração como alternativa passou a ser encarado como possibilidade de vir a atender a seus interesses econômicos, por intermédio de transações comerciais.⁹⁰ A Alemanha industrial procurava territórios de expansão econômica e não desejava repetir a experiência obtida junto aos emigrados para a América do Norte. Ali fora observado que os laços com a pátria de origem eram facilmente rompidos e os imigrantes tornavam-se antes consumidores de nações concorrentes, como a Inglaterra. Deste ponto de vista, acreditava-se que o direcionamento da emigração para regiões onde pudessem ser mantidos os elos culturais, o germanismo, seria um procedimento que, se efetivado, viria ao encontro do desenvolvimento econômico alemão. Visto sob outro prisma, o incentivo à emigração minimizaria as tensões sociais, geradas também pela superpopulação (Cunha, s/d, p. 11-19).

⁸⁹ Os quantificadores da imigração variam segundo o autor, o período e até mesmo o prisma adotado para o levantamento. A título de demonstração, tomamos dados comparativos, fornecidos por Cunha (s/d, p. 17-20) Em Hamburgo e Bremen, a saída de emigrantes para o Brasil, em quinquênios, foi assim registrada: 1855/59, - 10.815 emigrantes; 1860/64, - 4.624; 1865/69, - 8.903; 1870/74, - 11.658; 1875/79, - 8.566; 1880/84, - 8.343; 1885/89, - 8.451; 1890/94, - 11.184; 1895/99, - 5.059. As estatísticas tomadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para a entrada de imigrantes alemães registram: 1855/59, - 10.491 imigrantes; 1860/64, - 10.597; 1865/69, - 5.917; 1870/74, - 3.922; 1875/79, - 10.705; 1880/84, - 10.107; 1885/89, - 9.094; 1890/94, - 13.005; 1895/99, - 4.029.

⁹⁰ Interesses manifestos já no primeiro quartel do século XIX, ao apontar-se a ausência de um “cunho nacional” entre os brasileiros e acreditar-se que uma boa relação entre os “alemães dos dois hemisférios” poderia vir a suprir a “carência” de colônias alemãs. Arquivo Estadual de Bremen, C. 12, a. 1, n. 26, datado de 1826 e citado em Schröder (2003, p. 45). Ao final do século XIX, a criação de zonas de comércio onde os produtos alemães pudessem ter aceitação atraía bancos e empresas comerciais-exportadoras alemãs. Vínculos formados entre a “comunidade de negócios” alemã e empresas criadas no Brasil atendiam a ambas as partes, pois estas, ao encontrar canais de financiamento que viabilizariam seus projetos de criação/expansão, tenderiam a comprar equipamentos e matéria-prima européia, principalmente alemã. Mais detalhes dessa relação, numa análise que contemplou a documentação da Cervejaria Brahma, podem ser consultados em Marques, 2003.

Esse projeto desenvolveu-se vinculado ao sentimento crescente de nacionalismo, de preservação de uma identidade nacional e de unificação dos Estados alemães, tomando formas oficiais após a queda do chanceler alemão Otto Von Bismarck (1862-1890). A partir de então, verifica-se uma ênfase na política expansionista do Imperador Guilherme II, estimulado pela Liga Pangermânica, ou *Alldeutsche Verband*, uma entidade que concebia um nacionalismo sem território demarcado ou limites geográficos, incluindo todos os alemães e seus descendentes como membros de uma comunidade nacional, objetivando “a união total do *Deutschtum*”, o esforço conjunto para tornar a Alemanha uma forte potência mundial, seja abrindo-lhe mercados, seja divulgando a índole e os costumes de seus ancestrais (Seyferth, 1981, p. 35-36). Embasado na idéia de um “sangue comum”, utilizando-se de critérios de raça, língua, cultura e espírito alemão, o *Deutschtum* evidencia uma pertença, um conceito de nacionalidade herdada, embora a cidadania possa ser vinculada ao local onde o indivíduo estivesse radicado, a pátria de sua escolha, na qual ele devia trabalhar com afinco, conforme sua condição germânica.

Com vistas a preservar o germanismo no exterior, várias instituições foram criadas, algumas antes da unificação alemã,⁹¹ concedendo apoio às escolas de língua alemã⁹² ou à organização da Igreja protestante.⁹³ A política pangermanista procurava direcionar a emigração para regiões do interesse do *Reich*, onde a nacionalidade do imigrante pudesse ser preservada e previa também o acompanhamento tanto dos agentes e grupos envolvidos no destino da emigração quanto das localidades onde os imigrantes estavam assentados, estas inspecionadas pelos cônsules e por agentes enviados pelo Ministério do Exterior (Cunha, s/d).⁹⁴

⁹¹ *Verein für das Deutschtum im Ausland* (VDA ou Liga pela germanidade no exterior), com núcleo em Viena, após 1871 dividiu-se em órgãos regionais (Klug, 1997, p. 113). A organização reestruturou-se em diversos momentos e não agia em parceria com o governo imperial. Em 1881, transforma-se em organização própria e a denominação acima mencionada só foi assumida em 1908, numa fase de adaptação à política expansionista e com a colaboração do Ministério das Relações Exteriores, *Auswärtiges Amt* ou AA (Schubring, 2003).

⁹² *Allgemeiner Deutscher Schulverein* (ADS ou Liga das escolas alemãs), um departamento da VDA criado em 1881, em Berlim, por exemplo, por meio de doações e contribuições, financiava construções, doava materiais, concedia subvenções, enviava professores para as escolas e patrocinava estudos a alguns imigrantes, na Alemanha (Magalhães, 1998, p. 105-106). De suas diversas sessões, *Ortsgruppen*, a de Hamburgo enviava subvenções financeiras para o Chile, Paraguai, África do Sul, África Oriental e Brasil, sendo este último o maior beneficiário (Schubring, 2003; Paiva, 1987).

⁹³ Como o “Comitê para os alemães protestantes no sul do Brasil”, que deu origem à “Sociedade evangélica para alemães protestantes na América”, em 1881; Sociedades missionárias da Basileia, de Berlim e de Crischna; além do Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, dependente dos interesses de Estado prussiano, e após a queda de Bismarck, com direcionamento em defesa da germanidade (Klug, 1997, p. 30).

⁹⁴ Algumas acusações de atividades contrárias à política de preservação da germanidade chegavam ao conhecimento do Império alemão, como é o caso reportado por João Klug (1997, p. 131). Em 1897, o pastor e professor, Hermann Faulhaber, que realizava sua prédica em português, para uma comunidade etnicamente heterogênea, no atual município de Luiz Alves (SC), transcrevera “artigos agressivos contra católicos”, prejudicando a unidade germânica na colônia de Blumenau. Recebeu então uma carta de advertência da

O movimento pangermanista, entretanto, conflitava com os objetivos traçados pela política imigratória brasileira, voltada para a integração, a “assimilação” destes indivíduos, em favor do engrandecimento do Brasil.⁹⁵ No período abarcado por nossa pesquisa, mesmo que o imigrante alemão fosse apontado como “laborioso e progressista” (Gazeta Paranaense, 17 out. 1885)⁹⁶, faziam-se críticas ao seu “charater germanico”, que, se por um lado não o integrava aos outros grupos, por outro, contribuía para que se lhe atribuisse a imagem de indivíduo atrelado à sua comunidade, um dos “élos de uma só cadeia” (Dezenove de Dezembro, 21 nov. 1884). As discussões se desenvolvem nesse sentido, entre as elites políticas e intelectuais, trazendo à baila o “perigo alemão”, ou seja, a possibilidade de a “Magna Germania” efetivar o “sonho dourado dos imperialistas alemães”, anexando o sul do Brasil ao seu império: “*Deutschland über Alles* – e o povo allemão conta conseguil-a com as armas pacificas do commercio e da diplomacia” (Diário da Tarde, 26 mar. 1906). Pela imprensa eram transcritas ou resumidas as notícias recebidas do exterior, alertando-se para a forma não armada de “conquista”, o *Deuschtum*, “por esse processo colonizador, o germanismo é infiltrado lenta, mas seguramente” (Diário da Tarde, 12 abr. 1906).

Paralelo a esse processo, a sociedade brasileira atravessa um período de transição e sofre transformações estruturais, passando de uma economia escravista para a implantação do trabalho livre e de um regime monárquico para o republicano. Da movimentação de idéias que visavam definir rumos e canalizar expectativas para a República, a construção de uma identificação coletiva para o país tomava forma, como instrumento mobilizador e de legitimação do regime político. Mitos, alegorias, bandeiras, hinos passaram a ser utilizados para provocar aspirações coletivas e representar valores e sentimentos nacionais (Carvalho, 1990) e evidencia-se certa apreensão em relação à imigração alemã, aos símbolos representativos de sua nação, às escolas onde ensinavam “uma língua qualquer, engrolada por professores estrangeiros”, enfim, ao “estrangeiro absorvente”⁹⁷ que colocava em risco nossas leis e nossos costumes.

Nesse contexto, os símbolos de uma “outra” nação, utilizados por membros da colônia germânica radicada em Curitiba, estandartes, faixas e pavilhões tricolores, empunhados por

Embaixada do Império Alemão, *Kaiserlich Deutschen Gesandtschaft*, sob a acusação de não estar trabalhando em prol do *Deuschtum* no Brasil.

⁹⁵ No contexto da política imigrantista de arregimentação de braços europeus para a lavoura, estimulavam-se as iniciativas particulares. Estas visavam à comercialização de terras e eram divulgadas como esforços a serem apreciados, como é o caso de Fredolim Wolff (O Democrata, 21 jun. 1892).

⁹⁶ Órgão do Partido Conservador, veio a público em 1882.

⁹⁷ “Antes de tudo, o respeito e acquiescencia aos nossos costumes, ás nossas leis, ao nosso idioma; do contrario esta nacionalidade periclitaria nas mãos do estrangeiro absorvente” (Domingos Nascimento in: Paraná. ANNAES... , 1906, p. 241-242. Ata da 27ª sessão ordinária, em 7 mar. 1906).

representantes de suas associações ou “arvorado” no alto da fachada de seus edifícios comerciais, “tremulando galhardamente” (Dezenove de Dezembro, 15 out. 1884), aguçavam os contrastes. Os alemães não demonstravam nenhuma intenção de esconder suas dessemelhanças, de “assimilarem-se”, mas antes, pretendiam ser aceitos pelo que eram ou pelo que tinham a oferecer, ocasionando muitas vezes momentos de tensão. Um episódio ocorrido em 1892, em comemoração ao centenário da “descoberta” da América, é representativo dessa perspectiva.

Por conta da data festiva “brasileira”, os alemães teriam aproveitado para sair em “imponente passeata”, antes de dirigirem-se ao “bosque dos Atiradores”, onde passariam o dia “em agradáveis diversões”. Talvez, em decorrência dessa programação ao ar livre e no aguardo de condições climáticas favoráveis, o cortejo realizou-se no dia vinte e três de outubro. Precedido de uma banda de música, o desfile obedeceu à seguinte ordem: “1º Os alunos da escola da *communa* alemã; 2º A sociedade dos Atiradores; 3º A sociedade *Saengerbund*; 4º O *Hadw.-Unterst.-Verein*; 5º Um numeroso grupo de cidadãos não pertencentes a nenhuma dessas associações.” Após a tarde festiva, onde proferiram discursos o “padre Schultz” e o Sr. Berthold Adam,⁹⁸ o préstito voltou às ruas, por volta das 18h30min, com as sociedades todas trazendo “à frente os seus estandartes e a bandeira alemã”. Ao entrarem na Rua da Liberdade, atual Rua Barão do Rio Branco,

um grupo de desordeiros começou a assobiar, atirando chufas e ridicularizando os festejos. Mais adiante, aproveitando-se da meia escuridão, esse grupo meteu-se brutalmente por entre as alumnas e os alunos da escola alemã, que marchavam á frente do préstito, e, procurando debandal-os, arrebatou-lhes a bandeira alemã, deitando-se a fugir. Este facto brutal e indigno podia ter graves conseqüências si a multidão não fosse tão compacta de modo a impedir que as sociedades alemãs, que marchavam mais atraz, o presenciassem. Consta que o facto foi levado ao conhecimento do dr. chefe de policia, afim de que este providencie no sentido de ser a bandeira alemã restituída á *communa* (A Federação, 26 out. 1892).

Entre zombarias e tumultos, a bandeira tricolor (preto, branco e vermelho) do Império Germânico toma o centro da atenção. Os alemães que promoveram o desfile participavam da comemoração de uma data festiva brasileira e traziam para as ruas apenas os seus símbolos, numa atitude para eles simbólica de associar-se aos sentimentos patrióticos brasileiros. Populares que acompanharam o préstito acreditavam ser necessária a presença do panteão nacional para demonstrar esse envolvimento e o incerto jogo simbólico teria percorrido a cidade, durante o decorrer do dia, fazendo germinar a indignação de alguns. O lusco-fusco de final de tarde e o clima descontraído que reinava entre os participantes da passeata

⁹⁸ Os nomes citados nos levam a crer ter sido um evento alavancado pela *Communa Evangélica Allemã*, que no período tinha como pastor Emil Schulze.

propiciaram a investida de populares, “desordeiros”, que, após ridicularizar a manifestação, conseguiram arrebatá-lo o que lhes parecera mais estranho. O fato culmina com a queixa formal ao representante da ordem social e, na impossibilidade de identificar os responsáveis pela “brutalidade”, o que se reivindica é o retorno da bandeira alemã à comunidade, numa afirmação de sua nacionalidade.

Os matizes da descrição denotam as dificuldades inerentes ao momento histórico, quando as relações entre alteridade e singularidade passam a representar interesses antagônicos e a comprometer a organização da sociedade brasileira. O jornal, cujo redator era um dos integrantes da colônia alemã, deixa transparecer sua indignação, contrapondo a comemoração ordenada e pacífica, promovida por alemães, às atitudes de “desordem” e de “brutalidade”, demonstradas pelo grupo de anônimos, numa linguagem que sugere distanciamento e evoca um modo indireto de imposição de critérios distintivos em face à pretendida identidade nacional.

As relações entre brasileiros e alemães desenvolvem-se nesse sentido, no campo do simbólico e das representações, na tentativa de definir/impor suas identidades. Em outro contexto, ao tratar do regionalismo e sua dominação simbólica, Pierre Bourdieu (1998, p. 124-125) se refere às lutas de classificação, nas quais indivíduos e grupos investem todo o impensado pelo qual eles se constituem como “nós” por oposição a “eles”, uma vez que o que está sendo posto em jogo são os critérios e os princípios de construção e de avaliação de sua própria identidade, produzindo sentidos, consensos e divisões. A problemática do assimilacionismo esteve presente nessas relações de forças simbólicas, na medida em que a miscigenação era enfatizada como a base de formação da sociedade brasileira, necessária para a integridade da nação, e os alemães entendiam que deveriam preservar sua germanidade e manter seus laços de sangue que lhes conferia particularidades. Como afirma Giralda Seyferth (1989, p. 151),

são divergências irreconciliáveis, exatamente porque tem um ponto em comum – a crença de que a unidade nacional está relacionada à homogeneidade racial e lingüística que, por sua vez, produzem uma civilização que se confunde com a nação. Ou seja, ambas as ideologias incorporaram um ideário nacionalista, comum no século XIX, que equacionava a nação com uma raça, uma língua, uma cultura! Mas admitiam, antes de tudo o primado da raça.

Em seu artigo, do qual o extrato acima foi pinçado, a autora nos fala das teorias raciais, utilizadas como justificativas tanto para o ideal de branqueamento, que iria solucionar os problemas brasileiros, quanto para a construção do mito da superioridade ariana, que respaldava a expansão imperialista. O critério biológico presente nessas teorias, desenvolvidas

a partir da simples observação ou por meio de um instrumental que lhes dava a conotação de cientificidade,⁹⁹ revelava diferenças que seriam consideradas como atributos herdados, permitindo associações várias entre características físicas e comportamentais. Entre estas, a imprensa divulgou resultados empíricos,¹⁰⁰ utilizando-se da perspectiva biológica como concepção etnocêntrica. O que torna a notícia relevante para nossa análise é o fato de a amostra incluir a colônia alemã curitibana e de ter sido suscitada a partir das considerações elaboradas/selecionadas pelo pastor da *Communa Evangélica*, aquele que atendia a população majoritária da *Deutsche Schule*. Segundo o autor da pesquisa:

Ha alguns annos conversavamos a esse respeito [o grande número de alemães residentes em Curitiba] com um distincto allemão que aqui residio – Pastor Siegfried Schultz – homem recommendavel por todos os titulos, intellectuaes e moraes. Comquanto nosso ponto de vista religioso fosse inteiramente antagonico, evitavamos tocar em principios e desenvolviamos, na condição de nossas relações, as convergencias estheticas que entre ambas existião. Cultivamos juntos as linguas portugueza e allemã, conseguindo assim, na troca da conversação, nos familiarisarmos com as duas linguas respectivamente.

Como nossas palestras versavam ordinariamente acerca dos costumes brasileiros e allemães, discutiamos um dia a influencia que estes poderão no futuro exercer sobre aquelles. Pensava o sr. Schultz que essa influencia seria insignificante, porque o allemão degenera no Brazil. Sendo nosso interlocutor um aferrado *kaiserlich* e vendo de revez as nossas instituições republicanas, nossa alma de patriota revoltou-se, attribuindo a degeneração argüida ao influxo de nossos ideaes de liberdade política e civil... Foi preciso que com sua habitual delicadeza procurasse elle fazer-nos comprehender seu juízo, de modo algum offensivo ao nosso modo de ver. Referia-se a uma degenerescencia real, que alias não attribuia a causa alguma. Desde então, e vão disso uns 8 annos, temos nos dedicado a uma observação seguida e cuidadosa dos factos (Diário da Tarde, 4 nov. 1905).

A idéia de “degenerescência”,¹⁰¹ por ter sido trazida pelo pastor, remete-nos ao período em que este atuara junto à *Communa Evangélica*, exigindo mudanças curriculares que lhe permitissem estender o ensinamento religioso ao ambiente escolar. Em sua exigência subjazia, pois, o ensejo de fortalecer os vínculos entre Igreja e germanidade, congruente com a idéia de que a possível assimilação dos jovens resultaria também em sua degenerescência. Nomeado como *Kaiserlich*, nos é revelado o súdito alemão, comprometido com sua Igreja, os

⁹⁹ As teorias, desenvolvidas sobretudo em meados do século XIX e sob as luzes das interpretações da época que legitimavam seu caráter científico, envolvendo a questão da “raça” e hierarquizando a espécie humana, não fazem parte de nossa problemática e, pela sua complexidade, exigiriam um trabalho à parte. Apenas citamos alguns autores que teriam sido interpretados na construção do nacionalismo brasileiro, como Arthur de Gobineau e seu *Essai sur l'inegalité des races humaines*, de 1853, que esteve no Brasil entre 1869-70; Francis Galton que escreveu, em 1869, *Hereditary Genius*, obra fundadora da concepção eugênica; e Cesare Lombroso, um professor universitário e criminologista italiano, que se tornou mundialmente famoso por seus estudos e teorias no campo da caracterologia, ou a relação entre características físicas e mentais (Oliveira, 2003, p. 12).

¹⁰⁰ A pesquisa, apresentada por Carvalho de Mendonça, magistrado, tendo como amostragem os alemães no sul do Brasil, tenta demonstrar alguns “phenomenos” desqualificantes, provenientes do “cruzamento” de alemães com indivíduos de outras “raças” Cf. Diário da Tarde, 2, 4 e 7 nov. 1905.

¹⁰¹ A teoria da degenerescência foi criada por Auguste Morel, médico francês que, em 1857, publicou o *Traité des dégénérescences phisiques intellectuelles et morales de l'espèce humaine*, tratado onde se fundiam idéias de hereditariedade, ambiente e declínio racial (Oliveira, 2003, p. 12).

aspectos formais de religiosidade e com os ideais pangermanistas, acreditando-se investido de uma ação política, apoiando a monarquia,¹⁰² militando em favor de suas pretensões e “pregando o evangelho da pessoa sagrada do Imperador” (Tonnelat, 1994, p. 60). Além das qualidades a ele atribuídas, poderíamos acrescentar a diplomacia, pois, como representante do *Reich*, nas relações externas à sua comunidade, demonstra certa habilidade. Ao perceber desagrado em seu interlocutor, o pastor se retrai, dizendo não encontrar explicação para as alterações percebidas e procurando dirigir a conversação para um terreno mais neutro, da mesma maneira com que os temas relacionados à religião eram evitados.

Ao tentar se fazer compreender, o pastor poderia ter enfatizado sua lealdade ao Brasil, sem que com isso deixasse de cultivar a fidelidade à Alemanha, numa perspectiva adotada como necessária e inerente a todos os que partilhassem a mesma ascendência. Marcando sua conduta pela fidelidade, uma virtude que se investe de sacralidade nos versos a ela dedicados, – “um coração fiel tem o valor de um tesouro, ajuda a enfrentar todo o mal, a beleza se vai com o tempo, o coração fiel permanece, é eterno”,¹⁰³ – o pastor teria desenvolvido o argumento de que esta seria a base para a formação do bom cidadão, leal e trabalhador, que produz e contribui para com o progresso do Brasil sem, contudo, deixar de ser fiel à sua nacionalidade. Sua ótica teria sido semelhante à da maioria dos indivíduos de ascendência germânica, que entendiam a lealdade e a laboriosidade como padrão valorativo, próprio do “caráter alemão”, que só poderia ser conservado se fosse mantida sua pureza étnica (Seyferth, 1981).

A valorização deste e de outros atributos morais são apontados como patrimônios genéticos, identificadores e diferenciadores do indivíduo alemão, que o orientava e o amparava em momentos difíceis e presentes em muitos versos que cantam “as virtudes dos ancestrais e seus tradicionais costumes” (Gebhardt, 1898, p. 68). Elas também foram percebidas por Imgart Grützmann (2003), ao analisar um livro de cânticos editado, em 1922, por um imigrante alemão residente em Porto Alegre. A autora lembra que os articuladores do germanismo tomaram como modelo o patriotismo do século XVIII, na Europa, “fundamentado na ética iluminista na qual predomina o aspecto moral desse vínculo”, e o patriotismo nessa ótica não pressupõe a integração à nação brasileira, pelo contrário, era uma

¹⁰² Mesmo identificando-se com a monarquia e lamentando a queda de D. Pedro II, os alemães reconheciam algumas vantagens advindas com o novo regime, principalmente os protestantes, com a liberdade de culto, regularizando os matrimônios e a escola laica (Der Beobachter, 14 nov. 1894). O Império alemão teria logo demonstrado disposição para o reconhecimento formal à República (Dezenove de Dezembro, 18 jan. 1890) e os primeiros imigrantes alemães aqui aportados desejavam apenas o bem para o Brasil, o que dependeria antes “do patriotismo dos brasileiros” (Dezenove de Dezembro 8 jan. 1890). Nos festejos de aniversário de Guilherme II, também se fazia homenagem à República do Brasil (Der Kompass, 17 jan. 1904).

¹⁰³ “Canção da fidelidade” (Gebhardt, 1898, p. 82).

das atitudes sancionadas, contrárias ao modelo de conduta a ser seguido, “o modo de ser alemão”, pautado por um código de virtudes, inclusas a retidão de caráter e a fidelidade nas ações, de maneira a fazer predominar a pureza, consolidar a unidade biológica, instaurar uma confraternização, dissimulando as diferenças internas.¹⁰⁴

Os recursos simbólicos utilizados para mobilizar o sentimento de pertença eram reforçados nas práticas associativas, difundidos no ambiente escolar, veiculados nos periódicos impressos em língua alemã e reelaborados pelas levas constantes de imigração, que traziam indivíduos com interesses variados, alguns visando à realização de empreendimentos ou parcerias,¹⁰⁵ cientes da disponibilidade de mão-de-obra, de um mercado consumidor e do crescimento econômico que viabilizava a urbanização e o desenvolvimento de setores industriais, mas nem todos engajados nessa articulação.¹⁰⁶ No início do século XX, a colônia alemã, etnicamente distinta da sociedade mais ampla, encontrava-se fragmentada em relação aos diferentes níveis socioeconômicos, à vinculação afetiva com a terra natal, ao período em que se deu a imigração, à religião, e a própria imprensa redigida em alemão encarregava-se de alimentar conflitos, com a publicação de acusações mútuas, gerando partidários, principalmente entre os seus dois principais órgãos, “Der Beobachter”, de tendência socialista, editado por Anton Schneider,¹⁰⁷ e “Der Kompass”, católico, com suas instalações e oficinas em edifício de propriedade dos padres franciscanos (Diário da Tarde, 10 jun. 1909).¹⁰⁸

Dirigido àqueles que dominavam a escrita alemã, Schneider também editou o *Curitybaner Deutscher Volkskalender für das Jahr 1895-1896*, objeto de análises de Irgart

¹⁰⁴ Os jornais do período noticiaram rixas entre vizinhos, conflitos e agressões domésticas, abandono de lar, dívidas, transações ilícitas, furtos, defloramentos, envolvendo imigrantes alemães e/ ou seus descendentes, além de casos de suicídios, alcoolismo, demência.

¹⁰⁵ Algumas fábricas sediadas em Curitiba, no início do Novecentos, denotam a viabilidade de algumas parcerias, importando da Alemanha a matéria-prima para a fabricação de produtos. Este é o caso da “fábrica de pregos de Müller & Filhos; de espartilhos e gravatas, Theodoro Schaitza; de espartilhos, Adolpho Gaertner; de tecidos, de Hilário Hoffmann, de meias sem costuras, Antonio Möller” (Paraná. *Relatório ...*, 1908a, p. 10-11).

¹⁰⁶ A historiografia que trata da imigração alemã aponta para diferenças entre os *Brummer*, emigrados após 1848 por razões políticas, e os *Reichsdeutsche*, alemães do Império, e entre estes e os *Deutschländer* ou *Neudeutsche*, cidadãos da Alemanha ou alemães novos, denominações produzidas no contexto nacional brasileiro. Na Alemanha unificada, a imposição da hegemonia prussiana sobre outros estados alemães gerara tensões e divisões entre grupos a favor e contra o Império, portanto nem todos os imigrantes nutriam sentimentos que os levassem a esse alto grau de manutenção da germanidade (Magalhães, 1998, p. 19-48).

¹⁰⁷ Anton/Antonio Schneider atuara em outra área, segundo a nota do jornal que afirma ter ele “largado a tesoura para pegar na penna” (A Tribuna, 11 fev. 1913), e antes de firmar-se como editor do *Der Beobachter* (1889-1917), foi redator do *Deutsches Wochenblatt* e do *Deutsche Volkszeitung*. Curitiba contou com várias publicações em língua alemã, em sua grande maioria de curta duração. Para o período 1854-1907, podemos contabilizar 19 iniciativas da colônia alemã, do total de 282 periódicos compilados por Romário Martins (1908).

¹⁰⁸ Situado na Praça da República, n. 3, atual Praça Rui Barbosa.

Grützmann (2005).¹⁰⁹ Esse gênero de publicação anual, estruturado sobre a divisão e ordenação do tempo do calendário,¹¹⁰ informando e entretendo os leitores por meio de temas variados e dados úteis para seu cotidiano, possibilitava consultas frequentes e fazia parte das práticas de leitura familiares. No exemplar acima citado, predominando matérias referentes ao Paraná, as páginas traziam anúncios publicitários, ilustrações, fotografias e textos relacionados com a economia, com a medicina, com a escolha do cônjuge, “baseada na emoção e na razão”. Pelo conjunto do material analisado, Grützmann afirma que o objetivo principal dos almanaques editados em Curitiba foi o de informar os leitores sobre as características e as possibilidades do meio em que viviam, tendo a defesa da germanidade ocupado uma posição secundária, o que os diferencia de seus similares, editados no Rio Grande do Sul.¹¹¹

Aferindo-se a si mesmos como alemães, trazendo conhecimentos necessários para o desenvolvimento da agricultura ou participando ativamente no comércio e no setor de exportação, como representantes de empresas comerciais e de navegação, ascendendo socialmente e demonstrando grau elevado de associativismo, o “perigo alemão” tornava-se cada vez mais presente no contexto curitibano. Os jornais teciam comentários sobre a necessidade de assimilação, faziam ver que, “com tantas vantagens e tantos privilégios, como o Paraná garante aos imigrantes, estes não encontram em nenhuma parte do mundo. Seria, por essa razão, um sagrado dever de gratidão d’elles, assimilarem-se” (A República, 12 set. 1907). Os alemães, contrários a essa imposição por se sentirem diferentes, consideravam o Brasil como um antimodelo, “uma comunidade aleijada, de 16 milhões de almas frívolas, anti-artísticas, anti-militares; que não sabem colonizar, nem estabelecer meios de comunicação”.¹¹²

As concepções diferenciadas e conflitantes dos processos de homogeneização cultural e étnica forneciam elementos para discussões acaloradas, acusações mútuas e atitudes mais contundentes. O chamado “caso do Der Kompass”, que teria ofendido o “brio brasileiro” ao

¹⁰⁹ Outros exemplares que fogem de nosso período estiveram inclusos nessa análise: o *Curitybaner Illustrierter Volkskalender*, 1929; Calendário para os brasileiros de descendência germânica 1925-1926 / *Kalender für die Brasilianer germanischer Abkunft für das Jahr 1925-1926*; e *Neue Heimat. Illustriertes Jahrbuch für das Deutschtum in Brasilien* (1928-1930; 1934), todos editados em Curitiba e caracterizados pela sua efemeridade.

¹¹⁰ Segundo a autora (p. 84), os almanaques curitibanos apresentavam uma coluna em branco para registros pessoais, em cada página do calendário mensal, permitindo a organização de ações cotidianas, num papel semelhante ao das agendas atuais.

¹¹¹ Estes privilegiados em GRÜTZMANN, Imgart. Leituras sob o céu do Cruzeiro do Sul: os almanaques em língua alemã no Rio Grande do Sul (1855-1941). In: SIDEKUM, Antônio. *Às sombras do carvalho*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

¹¹² Segundo o jornal, essa seria a declaração do Sr. Kundt, defensor do “partido colonizador”, uma iniciativa alavancada por alemães, em defesa de seus interesses (Diário da Tarde, 12 abr. 1906).

contrapor, para Presidente da República e seu Vice, “os nomes tristemente celebres de Abdul-Hamid e general Cypriano de Castro”¹¹³ (Diário da Tarde, 10 jun. 1909), por exemplo, desencadeou protestos veementes por parte da imprensa, do público leitor, de “diversos subditos allemães” que foram à redação do jornal levar seu protesto, além dos “confrades do Der Beobachter” (Diário da Tarde, 11 jun. 1909), culminando com o “enterro” do jornal, quando estudantes “em felicíssimo instante de verve”, organizaram um “prestito funebre”, descrito de forma hilária (Diário da Tarde, 14 jun. 1909). O caso, porém, fora bem mais sério, como indica o seguinte relatório:

Examinando detidamente o presente inquerito, conclue-se que no dia 11 do corrente, às 9 horas da manhã, mais ou menos, agruparam-se á rua 24 de Maio, em frente ao edifício do jornal “Der Kompass”, para mais de cincoenta meninos e rapazes, protestando contra um artigo publicado nas columnas do mesmo jornal, sob a responsabilidade do Redactor Chefe Snr. Emilio Heins, artigo que os meninos e rapazes julgavam offensivo ao Brazil. Um dos do grupo ao fazer uso da palavra, foi convidado pelo Snr. Emilio Heins para uma conferencia, tendo nesse momento se dividido em dois o mencionado agrupamento. A primeira parte conformou-se, após a conferencia, com as explicações fornecidas pelo Snr. Heins, que promettera retratar-se pela imprensa (...). a outra parte, porém, não assentindo, pretendeu continuar o seu protesto, no momento em que se assoma a janella do andar superior do edifício o Snr. Emilio Heins, armado de uma espingarda de fogo central (...) em attitude ameaçadora. Em face de tal ameaça, os meninos e rapazes atiraram para o ar bombas pyrotechnicas, tendo algumas alvejado a parede do edifício, produzindo o damno (...) avaliado na importância de trinta mil reis: os meninos dispersaram-se em seguida (Paraná. *Relatório*, 1909, p. 41-42).

Ofendidos naquele momento, pelo procedimento “indigno” e o “insulto à nossa nacionalidade” (Diário da Tarde, 10 jun. 1909), apontava-se para a importância do civismo que deveria ser desenvolvido desde o ambiente escolar, pois “sem educação civica e sem o patriotismo não se forma uma nacionalidade” (Diário da Tarde, 3 dez. 1913). A linguagem persuasiva da imprensa circunscreve limites para a tolerância e acena a direção para os que queiram se envolver nessa formação nacional. As notícias vindas do exterior, no início de 1917, deixariam todos os brasileiros indignados, feridos em seu orgulho nacional: a Alemanha afundara o cargueiro “Paraná”. Da capital da República, chegava a informação do rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha e da formação de uma “Sociedade de Defesa Nacional”, enquanto que, em Curitiba, acadêmicos e populares dirigiam-se à redação dos jornais, “lavrando seu vehemente protesto” (Diário da Tarde, 10 abr. 1917). Os “meetings”, na Praça Tiradentes, concentravam a população, “uma multidão de cerca de 800 pessoas junto a estatua de Floriano”, que após ouvirem discursos inflamados, saíam em

¹¹³ Abdul Hamid II (1842-1918), Sultão da Turquia, deposto em 1909 em vista de seu governo autocrático. Cypriano Castro, ditador da Venezuela, havia sido derrubado em 1908. O redator isenta os religiosos de qualquer responsabilidade pela nota e se justifica dizendo ter tentado apenas demonstrar sua oposição à sugestão do jornal “Comércio de São Paulo” que apresentara o príncipe D. Luis e o cardeal Arcoverde para os mesmos cargos.

passeata empunhando os pavilhões do Brasil, França, Itália e Inglaterra, entoando os hinos nacional, da Independência “e a marsehesa”. Entre “vivas e morras”, os ânimos se exaltavam. Foram apedrejados os edifícios da redação do jornal “Der Kompass”, as janelas do Teatro Hauer, da “Sociedade Teuto”, da *Deutsche Schule* e “muitas outras casas allemãs” (Diário da Tarde, 11 e 12 abr. 1917).

Os jornais, pelo fato de terem transcrito pedidos de “calma e ordem” à população, durante as “manifestações patrióticas”, lembrando que os alemães domiciliados no Paraná “ainda” não haviam feito nada “que nos melindrassse”, eram acusados de “germanophilos” (Diário da Tarde, 13 abr. 1917). Mas o momento não era para concessões (Diário da Tarde, 19 abr. 1917). A situação preocupante levou um grupo de moças à residência de Edgar Stellfeld, proprietário da “Pharmacia Allemã”, “pedindo áquelle cavalheiro para mudar o nome” de seu estabelecimento comercial, enquanto o jornal noticiava que dois alemães haviam sido presos, nas proximidades da “Penitenciária do Ahu”, armados de carabinas, dando morras ao Brasil e vivas à Alemanha (Diário da Tarde, 16 abr. 1917).

Até que se fosse decretado o estado de guerra entre o Brasil e a Alemanha, o tema “escolas estrangeiras” foi recorrente na imprensa curitibana, com destaque para aquelas que, subvencionadas pelo “governo allemão”, faziam “uma campanha tenaz e permanente contra os brasileiros” (Diário da Tarde, 18 abr. 1917). Ali existiria a “infiltração allemã, um perigo para a nossa estabilidade de povo”. Então, pela “salvação dos nossos patriciosinhos, que o Brazil abandona e entrega á germanização” (Diário da Tarde, 17 maio 1917) e em nome da soberania nacional, da harmonia de sentimentos, a propaganda estrangeira que “estende raízes no país” deveria ser abolida, a começar pelo “banimento completo” dessas escolas “que timbrem em desprezar o ensino de nossa lingua” (Diário da Tarde, 17 jul. 1917). Apontando para os interesses da Alemanha em relação ao Brasil Meridional, faziam-se referências a livros e a papéis esparsos, escritos em alemão, os quais revelariam o objetivo de “preparar a decadencia da lingua portugueza e a consequente perda do sentimento nacional” (Diário da Tarde, 21 jun. 1917).

Os extratos nos dão a perceber ansiedade e urgência de decisões. O perigo parecia eminente e tinha duas faces, a manutenção da língua germânica e um sentimento enraizado de nacionalidade alemã. O retrato coloca o imperativo de se definir contornos para uma identidade coletiva, construir o corpo da nação e cultivar o sentimento de nacionalidade, um projeto republicano que ainda estava por se efetivar. Para aquele momento, entretanto, era imprescindível acabar com a “anomalia” e impor “um rumo que assegure á nossa Patria dias

mais tranquillos. (...) O interesse da unidade nacional nos obriga a olharmos com escrúpulo para todos os cantos onde se formam os homens do futuro” (Diário da Tarde, 19 maio 1917).

O Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Enéas Marques dos Santos, por intermédio do serviço de fiscalização às escolas, havia percebido a ausência do ensino do português e determinara o fechamento de quatro unidades, declarando-se disposto a “não permitir o funcionamento de uma só que faltar á obrigação legal” (Diário da Tarde, 17 jul. 1917). Neste sentido, também formulara algumas disposições e as encaminhara ao Congresso Nacional para que fossem apreciadas e transformadas em leis. Divididas em seis artigos, elas determinavam sobre a fiscalização das escolas particulares, seus programas curriculares e corpos docentes, sujeitando seu funcionamento a uma série de obrigações (Diário da Tarde, 17 maio 1917). As notícias nos levam a crer que a *Deutsche Schule* teria sido visitada com certa freqüência pelos agentes de fiscalização, embora não tenhamos encontrado fontes que nos revelem os resultados deste trabalho. Porém, o desenrolar da Primeira Guerra Mundial iria selar o destino da escola e o ano de 1917 ficaria marcado como o de seu fechamento, muito provavelmente no dia vinte e oito de outubro.

Nesse mês de outubro, outro navio brasileiro, o Macau, é afundado. O Congresso Nacional decreta o estado de beligerância (Diário da Tarde, 27 out. 1917). O governo federal ordenou então a suspensão das aulas no interior das “escolas allemãs” e proibiu a publicação de jornais em alemão, ficando a cargo do chefe de Polícia fazer cumprir a resolução (Diário da Tarde, 29 out. 1917). As manifestações populares voltaram às ruas:

... em todos os semblantes desenhava-se a indignação contra a Allemanha. A um dado momento uma voz elevou-se da turba convidando o povo a visitar as sociedades allemãs e de lá trazer os retratos do Kaiser que por lá existissem afim de incineral-os nas vias publicas. A turba não vacilou” (Diário da Tarde, 29 out. 1917).

De posse de retratos e bandeiras, os “tropheus allemãs”, fez-se uma grande fogueira na Rua XV de Novembro. Da *Deutsche Schule*, após seu mobiliário ter sido danificado, foi levado também o seu sino, aquele que marcara os ritmos imperativos do tempo escolar.

Esses dados, inseridos no conjunto de nossa análise, demonstram que a escola foi impedida de manifestar qualquer reação. As manifestações de repúdio à população “estrangeira” e às suas instituições, as notícias sobre a “germanização” dos estados do sul do país, afrontando a soberania nacional, as medidas “preventivas” que atingiam os alemães – suspendendo a circulação dos jornais redigidos em alemão, proibindo reuniões em que se pudesse cultivar o espírito germânico, confiscando as armas desta população – os submeteram a uma posição de imobilidade. Somente após o final da guerra, em 1919, seria possível

solicitar, junto às autoridades, a licença para a reabertura de sua instituição de ensino, já então com outras feições.

As expectativas destes indivíduos em relação à sua escola, condenadas ao ostracismo naquele momento de conflito, por “desnacionalizar” a infância, promover o ensino em alemão e não se preocupar em repassar os “costumes brasileiros”, farão parte de nossas discussões no capítulo seguinte. As ações educacionais desenvolvidas durante o período de nosso recorte temporal serão abordadas no contexto curitibano, procurando trazer ao palco as oportunidades plurais de escolarização no idioma alemão.

2 Ações educacionais

Durante os anos de 1884 a 1917, a instrução pública foi tema recorrente nas páginas da imprensa curitibana, direcionando o fluxo das discussões e o movimento de opinião para a importância de se estabelecer um tempo obrigatório para a escolarização, em locais apropriados, providos de professores e de material, que atenderia às crianças “ansiosas por instrução”. Tal frequência chegou a ser considerada por um articulista como um “assumpto estafante”, pela inconveniência de “fartar o publico, cansado de ouvir a vibração de uma só corda, exausto de ler copiosas explanações sobre a mesma these”, embora justificasse sua “permanência em expoente” até “satisfactoria solução”, qual seja, atender as “dezenas e dezenas de crianças mergulhadas nas trevas do analphabetismo” (Diário da Tarde, 19 fev. 1909).

Este propósito esbarrava em uma série de obstáculos, desde estabelecer a instrução escolar como uma necessidade compartilhada por toda a sociedade até a dificuldade de conseguir recursos financeiros junto aos cofres públicos. Como solução paliativa, enquanto não eram criadas “cadeiras de instrução” e “casas escolares” suficientes para a população escolar, optara-se por subvencionar as escolas particulares já existentes, concedendo um auxílio ao professor para que ele mantivesse sua escola e ministrasse o ensino gratuito aos alunos impossibilitados de pagamento, suprindo assim as necessidades mais emergenciais, pois, como afirmara Oliveira Bello, Presidente da Província, “o campo de acção era vasto, mas, os meios de agir, em demasia escassos” (Paraná, *Relatório*, 1884b, p. 37). No final do período provincial, de acordo com o jornal, o “adjutorio” concedido ao professor particular para “difundir a instrucção elemental” era pensado como meio de alcançar objetivos eleitorais, “principalmente, que o direito de voto vae ser extensivo a todos que souberem, ler e escrever” (Dezenove de Dezembro, 11 fev. 1889). A assinatura do eleitor fora exigência de uma reforma imperial, de 1882, que fomentou “os discursos das autoridades” sobre a necessidade da instrução pública, estimando-se que, por essa época, 8.000.000 brasileiros não sabiam ler. No Paraná, sobre o total aproximado de 150 mil habitantes, a estimativa era de 120 mil indivíduos que não decifravam os códigos da escrita, atingindo o índice de 80% (Wachowicz, 1984, p. 50).¹¹⁴

¹¹⁴ O quadro paranaense não sofreu alterações no final do período pesquisado, de acordo com o censo escolar de 1916, quando 83,4% do total da população escolarizável não estava matriculada (Paraná, *Relatório...*, 1917a, p. 212).

No alvorecer da República, preconizava-se o desenvolvimento do “gosto pelo estudo” e afirmava-se que o “pejo de não saber ler nem escrever já desceu até a gente desfavorecida da fortuna” (A República, 24 abr. 1892), na tentativa de chamar a atenção da população para a importância da instrução escolar e de difundi-la como sendo “um modo especial de vida e proceder” (A República, 24 maio 1892), trazido pelo regime republicano. Os argumentos eram apresentados no sentido de dotar a instrução de um poder libertário, “uma obra de redenção” capaz de combater a “desordem moral”, operando de forma lenta, mas decisiva, “pela filicidade do bem colectivo” (A República, 24 maio 1892).

A educação do povo, por meio da instrução escolarizada, passa a ser vista como condição para a formação da cidadania e como solução para os problemas nacionais, possibilitando espriar valores condizentes com o novo momento político, enquanto legitimava-se e consolidava-se o regime. O projeto articulava-se às inovações enunciadas em nome da ciência e da razão médica, visando a combater “os elementos perniciosos e dissolventes do organismo social e político” (O Município, 12 fev. 1898),¹¹⁵ todas girando em torno da educação popular como instrumento para instaurar a ordem e organizar a sociedade. Em Curitiba e em outras capitais, a escolarização extingiria a “pustula social do analfabetismo” e concorreria para a nação “entrar no caminho do progresso” (O Município, 19 fev. 1898), um processo que se desenvolvia concomitantemente aos da urbanização, da higienização dos costumes, da valorização da infância,¹¹⁶ da construção do papel da mulher, esta encarregada de transmitir princípios e despertar sentimentos pátrios nos futuros cidadãos.¹¹⁷

Neste contexto, a escola primária deveria obedecer a um novo modelo de organização, atendendo um grande número de alunos, agrupados em um único prédio, o edifício-escola, mas divididos em classes graduadas, um modelo implantado no Estado de São Paulo, em 1893 (Souza, 1998), e adotado posteriormente em todo o país. Na capital do Paraná, um prédio projetado nestes moldes foi inaugurado em 1903, antes de estar concluída sua construção, aproveitando a data comemorativa da emancipação política do Estado e o final do mandato do governador (Bencostta, 2005). Embora a escola graduada estivesse presente desde

¹¹⁵ O jornal, “O Município”, fundado em 4 de dezembro de 1897, previa publicar notícias de interesse geral da municipalidade e convidava, em seu artigo de apresentação, aos profissionais da saúde e higiene pública para colaborar no sentido de “aconselhar a população” para evitar-se a origem e propagação de moléstias epidêmicas ou não (CATALOGO, 1908, p. 51).

¹¹⁶ Sobre a infância como objeto de intervenção higiênica e disciplinar, consultar Carvalho, 1997.

¹¹⁷ Entre os vários estudos que discutem a construção do perfil feminino atrelando-o a um sentimento “natural” de maternidade, ver a obra clássica de BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, enquanto o contexto nacional foi privilegiado por D’Incao (2001). Trindade (1996) analisa este perfil sob a ótica do positivismo, imaginado por Augusto Comte.

então, sua consolidação processou-se de maneira lenta, uma vez que em 1913, o Diretor Geral da Instrução Pública afirmava não haver “grupos” em Curitiba, mas sim “diversas escolas independentes perturbando-se mutuamente”, no interior dos edifícios escolares (Diário da Tarde, 18 dez. 1913). De qualquer forma, como afirma Bencostta (2005, p. 135):

Dar origem aos *grupos escolares*, como modelo de escola racionalizada e padronizada, significava estar atento às necessidades de um projeto de integração social e política pensado como fundamentação para a estabilidade da República.

A propagação deste ideário visava ainda a organizar as desigualdades e criar a unidade nacional, uma identificação com um todo, que permitiria formar a sociedade participativa. Nesse sentido, os deputados paranaenses discutiam sobre a amplitude da ação educativa e as possíveis mudanças a serem efetuadas dentro do orçamento exíguo do Estado,¹¹⁸ e o que estaria mais próximo de seu alcance seria o de “preparar a base desse edifício, que deve ser solido, consistente e amplo”, ou seja, propor mudanças no Regulamento da instrução pública.¹¹⁹ Sugeria-se a unificação dos livros didáticos, ventilava-se a remuneração dos inspetores escolares, debatia-se sobre o currículo, sua carga horária e a obrigatoriedade do ensino da língua vernácula, nas escolas particulares, considerando-se que deveria haver maior fiscalização para que fosse “punida essa obstinação, essa falta praticada pelas escolas estrangeiras em nosso Paiz, falta que é um crime grave, é um crime nacional!” (Annaes..., 1906, p. 241).

As chamadas “escolas estrangeiras”, alavancadas pelos grupos de imigrantes, nas quais o ensino se processava nos respectivos idiomas que os identificavam, atendiam primordialmente a estes segmentos populacionais e não consistiam em uma característica paranaense, estendendo-se a todas as regiões que haviam recebido populações imigrantes. À medida que o movimento de cunho nacionalista expandia-se, impunha-se a utilização de uma linguagem comum a todos, a “língua oficial”, que deveria ser também ensinada e praticada em todas as escolas, formando no alunado o “sagrado dever do amor à pátria”, como externou um articulista, após a seguinte experiência:

Ha poucos dias, andando em passeio por uma estrada, nas circumvisinhanças d’esta capital, em um carro, cuja lotação achava-se incompleta porque só era ocupado por quem escreve

¹¹⁸ Mesmo que vários projetos e pedidos de criação de escolas não tenham sido aprovados por falta de recursos financeiros, o deputado Benjamin Pessoa propôs o aumento dos vencimentos dos magistrados. Ao ser lembrado destas prioridades e da necessidade de contenção de despesas para conseguir pagar os funcionários públicos, o deputado argumentou: “Então vamos supprimir todas as escolas” (Annaes..., 1906, p. 435).

¹¹⁹ Trata-se do Regulamento de 1901, que estava sendo revisto, naquele momento. Mais tarde, em 1907, foi elaborado um novo Regulamento, que entrou em execução em 1908 e, suspenso no mesmo ano, voltou a vigorar o de 1901.

esta narração, o acaso fez com que encontrasse na estrada referida um menino que poderia contar aproximadamente 9 anos de idade. Conhecendo que este menino dirigia-se para a escola, no centro da capital, fiz com que elle entrasse para o meu carro. Interrogando este menino, qual o nome de seu pae; para que escola se dirigia se não conseguiram resposta alguma as minhas interpeleções, visto o menino não entender uma palavra sequer da lingua portugueza! Perguntei-lhe então em allemão, se era brasileiro ou europeu, respondeu-me ser allemão, porem ter nascido no Brazil!... Mais adiante ainda consenti acceitar no meu carro mais dois outros meninos, que por uma coincidencia deram iguaes respostas ás do antecessor. Produzio em meu espírito tal procedimento a mais completa decepção, porque ficou provado que, nas escolas onde estes meninos aprendem os principios da educação social, propositalmente omittem os professores o ensinamento do sagrado dever do amor à patria (O Município, 12 mar. 1898).

Predominava a idéia de que a escola poderia tornar-se um “meio de assimilação”, portanto, a escola ideal seria “aquella que instrue e nacionalisa” (Diário da Tarde, 25 set. 1906). No Congresso Legislativo paranaense, o tema já estivera em debate anteriormente, em 1897 e 1899, mas, como disposição, havia sido rejeitada, segundo afirmação do deputado Generoso Marques. Em sua fala, diante de outros deputados, ele explica que a disposição havia sido considerada inconstitucional e inexequível, “porque fere a liberdade de ensino e porque não há poder humano capaz de obrigar o individuo que se dedica ao ensino particular, a ensinar qualquer disciplina que elle não queira ensinar”. Sua exposição provocou discussões acaloradas, entre os partidários de uma intervenção do Estado, acreditando que a legislação em vigor seria “impatriótica”, “anti-nacionalista”, e os que entendiam a imposição como “contrária à constituição”, denotando um “excesso de nativismo”, chegando-se a afirmar que na questão de civismo, estes e aqueles estariam em “fronteiras oppostas” (Annaes..., 1906, p. 350-351).

Os debates dos congressistas paranaenses estenderam-se ao longo dos anos a ponto de serem rotulados de “discussões estéreis”, pela imprensa:

O ensino publico no Paraná só é lembrado em discussões estereis no Congresso estadual e em relatórios de fim de anno. Também os governos quando iniciam o seu quatriennio, delle se lembram, promettendo um mundo de modificações, afim de o tornar digno da época que atravessamos. É só isso. Os annos passam, e o nosso systema de ensino é sempre o mesmo (A Tribuna, 25 nov. 1913).

O levantamento estatístico realizado nessa época apresentara um total de 23 mil alunos matriculados, representando 25% de crianças em idade escolar, com uma frequência média de 15.300 alunos, dois terços do total de matrículas, em todo o Estado do Paraná, no final de 1912. As 543 escolas primárias paranaenses dividiam-se em 343 públicas, 182 particulares subvencionadas, 18 particulares não subvencionadas. Curitiba, inclusa neste levantamento,

contava ainda com uma escola mantida pela sua municipalidade e dois “Jardins de Infância”, mantidos pelo Estado (Diário da Tarde, 18 dez. 1913).

Em relação às chamadas “escolas estrangeiras”, ao longo da pesquisa foram encontradas, sediadas em Curitiba, a “italiana”,¹²⁰ a “polaca”¹²¹ e a “Escola Americana”.¹²² Ministrando o ensino no idioma alemão,¹²³ o leque de ofertas se amplia e podemos perceber a mobilidade de professores que, por algum motivo ou razão, desvinculam-se de uma instituição de ensino e estabelecem-se com sua escola particular, como demonstra o quadro abaixo, em relação a Theodor Hermann:¹²⁴

Quadro 1: Escolas particulares de ensino em língua alemã, 1903-1906.

		Diretor ou responsável	Endereço
1903	Communa Allemã	Theodoro Hermann	Pç 19 de Dezembro
	Evangelista Lutherana	Otto Kuhr	R. América
	Teuto-Brasileiro	Roberto Offer	Rua Borges de Macedo
	Bom Jesus	Frades franciscanos	Pç da República
	Imaculada N. S. da Conceição	Ir. da Divina Providência	Pç do Rosário
	Internacional	Paulo Kramer	-
1906	Theodoro Hermann	Theodoro Hermann	R. Barão do Serro Azul, 18
	Allemã	Alberto Hess	R. América
	Particular Allemã	Carlos Kauschmann	R. 13 de Maio, 83
	Collegio Allemão	Frei Philippe	Pç do Rosário

Fontes: Paraná. *Relatório ...*, 1903; 1907; DEAP, AP 699, 1903; Der Kompass, 1903; A República, 1906, 1907.

¹²⁰ Em 1900, a escola italiana dividia-se em duas “secções”, a Dante Alighieri, na Praça Eufrásio Correia, e a Giuseppe Garibaldi, no “vasto edifício collocado no Alto do São Francisco” (A República, 4 dez. 1900); enquanto que para o ano de 1906, encontramos a “Escola Feminina Italiana”, em Santa Felicidade, com 170 matrículas (Paraná. *Relatório ...*, 1907, p. 25).

¹²¹ Em 1907 foram arroladas a “Escola Parochial Polaca”, na Rua Paula Gomes, dirigida pelo Padre Estanislau Frzebiatowski, e o estabelecimento “Two Szkoly Ludowej”, na Rua Ébano Pereira (Paraná. *Relatório ...*, 1908b).

¹²² Esta, uma iniciativa da Igreja presbiteriana, tinha como diretoras Mary P. Dascomb e Elmira Kuhl, em 1906. Já em 1917, o nome do diretor “ou responsável” aparece como sendo W. M. Hallvek (Paraná. *Relatório ...* 1917). Suas listas de alunos publicadas no Diário da Tarde arrolam sobrenomes de origem alemã, tais como, Hauser, Hatschbach, Burgel, Bichels, Pospissil, Mehl, Weckerlin (6 dez. 1904), Hasselmann, Schimmelpfeng (3 dez. 1906).

¹²³ No Paraná, ao longo do período, podemos citar o “Collegio Becker”, de Guarapuava, onde os alunos, “além das materias do regulamento” aprendiam “gymnastica, equitação, esgrima, natação, etc.” (Diário da Tarde, 25 fev. 1904); em São Mateus, uma escola dirigida pelo “dedicado e inteligente professor Arthur Staude” (A República, 26 dez 1907 e 5 jan. 1910); em Castro, uma escola filiada à “Sociedade União Alemã”, *Verein Deutsche Einigkeit*, e fundada em 1896 (Sociedade Educacional, 1990); em Rio Negro, uma escola católica dirigida pelo Pe. José Ernser (Der Kompass, 22 abr. 1905); além de outras escolas fundadas em Ponta Grossa, Imbituva, (1895), Lapa (1902), Irati, (1911) (Niemeyer; 192[9]).

¹²⁴ Theodor Hermann, ex-professor da *Deutsche Schule*, abriu sua escola particular em janeiro de 1905, “próximo à fábrica Müller & Filhos”, fazendo concorrência à escola onde atuara. Oferecia aulas ao ar livre, “conforme o tempo”, e à noite caso houvesse procura (Der Kompass, 24 dez. 1904).

Além das escolas arroladas,¹²⁵ durante o ano de 1900, esteve em funcionamento uma escola confessional dirigida pelo professor Carlos Händler e sua esposa, a *Evangelische Schule*, que apresentara 72 alunos a exames. Segundo a nota jornalística, a banca examinadora foi composta pelos senhores “dr. Inspector Escolar, dr. Carvalho de Mendonça, Juiz Seccional, e o sr. Pastor Siegfried Schultz, que também lecciona na referida escola” (A República, 16 dez. 1900). A informação nos remete às discussões desenvolvidas anteriormente, quando aventamos a hipótese de parte da membrazia evangélica estar sentindo falta de uma escola que proporcionasse a seus filhos uma educação formal atrelada à religiosa. Ela também nos fornece pistas para reconhecermos esta escola como o local onde o pastor da *Communa Evangélica Allemã*, Siegfried Schultz, teria podido aprimorar o conhecimento religioso dos alunos, preparando-os para a confirmação de fé. A ausência de notícias posteriores sobre esse estabelecimento de ensino, por um lado, pode confirmar o retorno do pastor para a Alemanha, por exigência do Conselho Superior Eclesiástico, por outro, nos induz a pensar que esta escola tenha sido incorporada a uma outra esfera. Formada com o apoio dos membros descontentes com o atendimento religioso ofertado pela *Communa Evangélica* e/ou a atuação da Sociedade Escolar na educação formal, ela teria oferecido condições para a composição de uma nova comunidade evangélica, o que também explicaria o chamamento do pastor Schultz pela Igreja da Prússia.

O pastor Otto Kuhr, como vimos, havia reunido fiéis para estabelecer uma comunidade independente da Igreja estatal alemã, promovendo a fundação desta, no início de 1901, ou seja, o projeto escolar confessional já teria congregado famílias em número suficiente para viabilizar o projeto da Caixa de Deus, ao qual se vinculava pastor Kuhr. Visivelmente descontente com a atuação desagregadora do pastor Schultz e a perda de fiéis, o Conselho Superior Eclesiástico teria reclamado seu afastamento. A nova comunidade e a então Escola Evangelista Lutherana ficaram sob a direção de Otto Kuhr, provavelmente em sua moradia ou casa pastoral. Seu sucessor, pastor Albert Hess, teria dado continuidade na obra escolar até 1911, quando veio a falecer, assumindo o cargo pastor Carlos Frank. Este, em 1915, fundou também um Jardim de Infância (Schmidt, 1980).

O Colégio Internacional, fundado em 1896 pelo pastor Huldreich von Graf, tinha então como diretor Guilherme Stein Jr., ambos de origem germânica e membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A serviço de sua fé e objetivando o proselitismo, estes

¹²⁵ Encontramos ainda a escola de Mathilde de Drusina Meissner que deixou o magistério em 1893 (Heisler, 192[9], p. 77); e outras, anunciadas pelo jornal *Der Kompass*, dirigidas por Bertha Kalkmann Gaertner, com uma escola para moças (11 dez.1903); e por Rudolf Pfeiffer, na “Rua Visconde de Guarapuava” (31 ago. 1904).

missionários pretenderam atrair os filhos das famílias germânicas e polonesas de fala alemã, utilizando-se desse idioma para a educação e a comunicação. Desta maneira e por intermédio do método de Ellen Gould White, educadora metodista norte-americana, aquele ambiente escolar não contribuía para alicerçar os fundamentos da cultura alemã, mas difundia “os valores, as idéias e os princípios do "way of life" norte-americano, à semelhança do que faziam os seus "primos" metodistas em outras escolas espalhadas pelo Brasil, em particular, na Região Sudeste do País” (Mesquida, 2003).

Entre as escolas alemãs católicas, temos o atual Colégio Bom Jesus, fundado pelo padre Franz Auling (1896), e o Colégio Imaculada Conceição, originado na secção feminina daquele e dirigido pelas Irmãs da Congregação Divina Providência, onde eram aceitos meninos apenas para as duas séries iniciais (Trindade, 2003). A primeira, a *Katholische Deutsche Volksschule*, passou a ser dirigida pelos padres Franciscanos e dividida, posteriormente, em duas seções, masculina e feminina, esta a cargo das Irmãs, a partir de julho de 1903 (Der Kompass, 26 jul. 1903; A República, 31 jul. 1903).¹²⁶ A escola de meninas desde então investia na formação das alunas de forma a ser “correspondente às exigências de uma escola alemã de moças” (Der Kompass, 31 dez. 1903). Ao lado das matérias elementares, e das línguas francesa e portuguesa, podia-se optar por aulas de “modernos” trabalhos manuais, de música, de pintura e desenho. As alunas eram “treinadas na ginástica” e danças de roda além de aprender as maneiras de administrar corretamente uma casa (Der Kompass, 31 dez. 1903). No ano de 1905, após a compra do edifício-sede, as 137 alunas alemãs e as 90 alunas brasileiras podiam contar com cinco salas de aula que foram consagradas pelo padre Franciscano Luzinius Korte (Der Kompass, 5 abr. 1905). Conhecida primeiramente como *Deutsche Töcherschule*, passou a denominar-se “Collegio Nossa Senhora da Conceição”, em 1906 (Diário da Tarde, 20 jan. 1906), e mais tarde adquiriu o nome da congregação religiosa,

¹²⁶ Em meados de 1903, a *Katholische Deutsche Volksschule*, atendendo à Rua do Rosário, n. 2, residência de Pe. Auling, ainda estava sob sua direção (Der Kompass, 1 jan. 1903; 28 maio, 1903), mas, em julho planejava-se um remanejamento de alunos que seriam distribuídos entre Auling, os padres Franciscanos e as Irmãs da Divina Providência, que estavam por chegar (Der Kompass, 2 jul. 1903). Já no final do ano, o endereço acima foi publicado como sendo o local de matrículas para a escola alemã feminina, a *Deutsche Töcherschule*, dirigida pelas Irmãs (Der Kompass, 31 dez. 1903), enquanto a escola alemã masculina, *Knabenschule*, tinha à frente Pe. Cyriacus OFM (Der Kompass, 3 jan. 1904). Embora as notas sugiram conflitos que fogem de nossos propósitos de pesquisa, Pe. Auling recebeu do Império alemão, a condecoração *Roten Adler-Orden*, pelos seus méritos em elevar a organização do ensino alemão no Brasil (Der Kompass, 21 dez. 1904).

Colégio Divina Providência.¹²⁷ A escola de meninos posteriormente foi chamada de Colégio Bom Jesus.¹²⁸

O Collegio Teuto-Brazileiro era um estabelecimento voltado para o ensino bilíngüe, como sua denominação sugere. Desde 1903 até o final do período abarcado por nossa pesquisa, este colégio foi dirigido pelo Sr. Roberto Offer Junior,¹²⁹ que organizava exposições anuais dos trabalhos de seu alunado e promovia “espetaculo de quadros vivos”, com representações teatrais e orquestra, nas quais seus alunos atuavam e tocavam (A República, 15 dez. 1903), sob a batuta de “um renomado professor de música” (Der Kompass, 31 dez 1903). Ofertando a instrução primária, intermediária e secundária para ambos os gêneros, a partir de julho de 1904, as meninas poderiam aprender bordados “a vontade” e costuras, ficando totalmente separadas da escola dos meninos e sob a direção de uma professora que terminara seu curso superior na Alemanha (Der Kompass, 28 maio 1904). “Duas vezes por semana tem exercicios gymnasticos (...). A um preço razoavel nunca visto, ha aulas de piano, rebeca, flauta, violão, (citara), bandolim” (Diário da Tarde, 4 jan. 1904), sendo que a exposição escolar de 1904 deixava à mostra os trabalhos de agulha, desenhos à *crayon* e pinturas em aquarela e malacacheta sobre vidro (Der Kompass, 24 dez. 1904).

O Collegio Particular Allemão (*Deutsche Privat Schule*), fundado em 1902 por Carlos Kauschmann, tinha sua sede na Rua Treze de Maio, n. 83 (A República, 15 abr. 1907). Fazendo-se representar como “escola promiscua”,¹³⁰ afirmava-se que os alunos ali matriculados teriam inclusos nas matérias de ensino os “cursos completos” de alemão, português e francês. Seu corpo docente era formado, além do diretor, por Raul de Almeida Faria, Clara Kauschmann e Carlos Frank, este ministrando o “curso” de música e aquela o de trabalhos manuais (Diário da Tarde, 7 mar. 1911).¹³¹

Pelo conjunto de escolas alemãs é possível aquilatar a importância que estas representavam para a colônia alemã, sendo que para os protestantes, a leitura e compreensão do idioma alemão era a habilitação mínima exigida do fiel, que deveria extrair, de uma Bíblia específica, os ensinamentos da fé, possibilitando-lhe pautar sua vida cristã sem a intermediação de outros agentes. Ainda que nas famílias as crianças mantivessem um contato

¹²⁷ Sem podermos precisar quando este nome foi oficializado, sabemos que, em 1917, o estabelecimento já era citado como “Divina Providencia” (Paraná. *Relatório...*, 1917a), hoje incorporado ao Colégio Bom Jesus com o nome de “Bom Jesus Divina” (Gazeta do Povo, 4 out. 2005, p. 19).

¹²⁸ Mais informações sobre o Colégio Bom Jesus, consultar Valquiria Renk (2000).

¹²⁹ Por vezes o nome aparece simplesmente como Roberto Offer, principalmente nos Relatórios oficiais.

¹³⁰ No Paraná, a escola que atendesse a alunas e alunos, até seus 10 anos de idade, recebia a denominação de “escola mixta” ou “escola promiscua”.

¹³¹ Em 1907, foram registrados os nomes de Rodolpho Speltz, professor de português, e Hübsck [Hübsch], de música (A República, 7 dez. 1907).

constante com o idioma alemão, por falta de tempo ou competência, eram raras as vezes que a estas fossem oportunizadas condições de se iniciarem nos meandros do idioma ou de sua construção gramatical. Além de satisfazer a estas necessidades, a escola alemã era entendida como uma “obrigação cultural”, lugar onde se mantinham os elos entre o imigrante e sua terra natal. “Os professores e os meios didáticos vindos da Alemanha, especialmente os livros de história que contam os grandes feitos da nação alemã, contribuem, e muito, para a conservação da maneira e da consciência dos imigrantes” (Giesebrecht, 1899). A diversidade de ofertas, entretanto, leva-nos a crer que esta exigência ocorria com maior ou menor intensidade, em cada um destes espaços escolares, atendendo aos diversos graus de comprometimento das famílias para com esta “obrigação”. Para um público tão diversificado, também não seria suficiente criar uma escola que quisesse apenas oferecer o ensino e a prática do alemão e cada iniciativa buscava proporcionar um serviço de qualidade superior ao de sua(s) concorrente(s), oferecendo maior pluralidade de atividades, ambientes e material humano.

Somada a essa variedade bastante expressiva de escolarização em língua alemã, outras escolas particulares anunciavam também o ensino deste idioma, embora como matéria curricular. É o caso do Colégio Parthenon Paranaense, do Colégio Vianna e do Pereira Pitta, o qual divulgava que “a língua allemã será fallada constantemente” (Diário da Tarde, 26 jan. 1904), demonstrando interesse de investir nesse público escolar. Nesse mercado competitivo, era necessário buscar alternativas para atender às expectativas várias e encarar o desafio de ampliar seu público. Podemos pensar que nesse momento, o início do século XX, desenvolviam-se relações de contato mais estreito entre “brasileiros” e “alemães”, na sociedade curitibana, um entrelaçamento de dependências numa fase em que estes cresciam em número e em importância, nos setores comercial e fabril. Nesta lógica da interdependência, tensões e competições estão muito presentes entre os diversos grupos sociais, numa relação de concorrência e equilíbrio de poder.

O jornal católico *Der Kompass*, em seus três primeiros anos, deixa entrever alguns conflitos a permearem as relações de concorrência entre as escolas que ministravam em idioma alemão. A *Deutsche Schule*, representando-se como uma instituição não confessional, não recebia espaço em suas páginas, exceção feita a algumas críticas veladas, tais como, pautado em estatísticas internacionais, atribuir o crescente índice de “criminalidade” ao fato de jovens freqüentarem escolas sem ensino religioso (*Der Kompass*, 18 set. 1902). Ou então quando o jornal concorrente, *Der Beobachter*, a citava como modelo escolar, dando margem para que este fosse acusado de divulgar inverdades: “se o *Der Beobachter* quer elogiar a

Deutsche Schule, deve falar a verdade e não compará-la com escolas que estão muito acima dela” (Der Kompass, 21 dez. 1904). O diretor do Collegio Teuto-Brazileiro, numa réplica, também conseguira publicidade para sua escola, declarando que “o colocador de janelas e pintor Fritz Rummert, é no momento, professor da *Deutsche Schule*” (Der Kompass, 31 dez. 1904), externando seu julgamento quanto à qualidade do ensino desta escola, em proveito da sua.

O jornal também nos oferece pistas para algumas questões instigantes sobre qual a predominância lingüística do alemão, falado entre os imigrantes radicados em Curitiba, entre tantas formas dialetais por eles trazidas. Sem pretender entrar em questões léxicas ou lingüísticas que fogem de nosso conhecimento, pretendemos apenas aventar a possibilidade de que os periódicos impressos em língua alemã, juntamente com as escolas, tenham contribuído para uniformizar o idioma. Além de produzir as práticas de leitura, trazendo familiaridade com uma forma de escrita, os jornais constituíam-se em fontes de consulta para aqueles que estavam distantes geograficamente das modificações processadas em sua terra natal,¹³² provocando certo estranhamento em alguns ao se depararem, nas páginas impressas, com vocábulos ou expressões até então desconhecidas. É o que indicam alguns artigos do Der Kompass, pinçados por acaso, explicando ao leitor regras gramaticais, pronúncias, ortografia e declinações e afirmando que as “novas regras para a literatura alemã” haviam sido introduzidas em 1880,¹³³ dividindo opiniões, mas por trazer benefícios e “por ser mais fácil e melhor, ela foi avançando passo a passo na Alemanha, devagar, mas com segurança” (Der Kompass, 23 out. 1902).

Podemos perceber a existência de um *décalage* no âmbito lingüístico, entre as levas de imigração que se processavam ao longo das décadas, principalmente no início do século XX. Um leitor, por exemplo, dizendo-se acostumado com as edições de outros jornais, como o Der Beobachter, estranhava a leitura do recém-lançado Der Kompass, questionando o emprego das preposições, das declinações, da “ousadia das construções das frases”, muito diferente do

¹³² “Mesmo morando isolados, não estávamos sós”, afirmara o professor de uma escola alemã paulista, ao referir-se às leituras dos periódicos editados em alemão (Keller, 1937, p. 197).

¹³³ Ao traduzir a Bíblia em linguagem acessível (1522), Martin Lutero foi o primeiro a tentar uma língua alemã unificada e, em 1782, o lingüista Johann Christoph Adelung definiu uma forma escrita para cada palavra, em “Normas da ortografia alemã”. Estas normas, que antes serviam apenas de orientação para uso geral, foram impostas sob a forma de legislação em determinadas regiões alemãs e talvez resida aí a referência de 1880, balizada pelo jornal. Entretanto, foi apenas com a Conferência para a Unificação da Ortografia Alemã, em 17 jun. 1901, que foram impostas as regras fundamentais para a língua, uniformizando-a pelo trabalho apresentado na ocasião - “Dicionário ortográfico completo da língua alemã” de Konrad Duden, - hoje conhecido como Duden, comparável ao “Aurélio” brasileiro. Cf. MÖDERLER, Catrin. *Unificação da ortografia alemã*. Disponível em <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,576990,00.html>>; acesso em 22 jul. 2006.

alemão que estava acostumado a utilizar. Resolveu então enviar uma carta à redação, com alguns exemplos de vocábulos encontrados que lhe causaram estranhamento e o jornal fez publicar as explicações (Der Kompass, 9 out. 1902).

Outros questionamentos eram suscitados pelos conteúdos veiculados no novo jornal. Um outro leitor alemão, afirmando-se colecionador de jornais mais antigos, dentre eles o Der Beobachter, com o hábito de folheá-los esporadicamente, escrevera à redação para comentar alguns de seus achados, perguntando sutilmente se seria de interesse do jornal “remexer em um ou outro assunto”. Pelo que se pode apreender do longo artigo, o leitor havia provocado uma discussão ao aventar a hipótese de que os padres católicos estariam “querendo se apropriar das escolas” e, embasado nas leis republicanas, lembrara que “o Estado havia sido fundado para proteger os direitos de todos mas não para fazer leis que prejudiquem a liberdade de religião de cada um.” Citando um artigo de 1896, produzido pelo jornal Der Beobachter, o qual postulava a liberdade da escola “contra o poder católico”, fez valer seu ponto de vista apontando para uma possível luta de interesses entre os dois jornais. De um lado, o Der Beobachter acreditando que a escola deve se desenvolver “ateísta”, de outro, o Der Kompass, afirmando que o caráter cristão das crianças é formado por professores cristãos e aulas cristãs (Der Kompass, 1 nov. 1903).

A concorrência entre os jornais obrigava os editores a buscar alternativas de sobrevivência. Neste caso, fugir do chamamento do leitor seria prejudicial ao caráter de confiabilidade que o Der Kompass pretendia adquirir/manter. Então, mesmo dando espaço para seu concorrente, o jornal manteve-se em sua linha editorial, em defesa da religião e de sua importância na formação do escolar. Com a polêmica criada, poderia também conseguir atrair um público simpatizante que viria a ampliar suas edições. O tema, educação formal, ao ser discutido pela imprensa redigida em alemão, mesmo que pela ótica da confessionalidade, colaborava para que fossem visibilizados os esforços empreendidos pelo grupo e sua preocupação em relação à formação escolar de suas crianças. E, neste sentido, mesmo que não de forma generalizada, reconhecia-se a contribuição das iniciativas privadas, suprimindo as necessidades mais emergenciais, como podemos apreender pelo extrato:

Incontestavel o poderoso auxilio que os estabelecimentos particulares de ensino fornecem ao[s] governos, secundando-os no bello “desideratum” de ser a instrucção propagada quanto possivel. Ninguem mais, hoje em dia desconhece esse valioso concurso, havendo mesmo quem opine mais completo e robusto o ensino em collegios particulares do que aquelle ministrado em escolas publicas, á vista da falta de uniformidade dos livros adoptados, deficiência de methodo, e por diversas outras causas, graves algumas (Diário da Tarde, 23 mar. 1904).

Ao discutirmos sobre as ações educacionais promovidas por e para a colônia alemã de Curitiba, trazendo as experiências escolares criadas para esta clientela específica, buscamos elementos de compreensão para nosso objeto de estudos. Em meio a tantas outras ofertas, além das escolas públicas, como a *Deutsche Schule* teria conseguido manter um público numericamente significativo que lhe fornecesse condições de sobrevivência? Estas iniciativas plurais também nos levaram a refletir sobre as características próprias de cada escola e a diversidade de seu público, aquele alfabetizado no idioma alemão, para os quais os jornais exerciam um relevante papel de guiar as escolhas desta população. A seguir, iremos focar o grupo alemão em seus espaços de sociabilidade, quando seus integrantes se reuniam, especialmente em seus momentos de descontração, buscando as formas pelas quais foram sendo construídos seu aparelhamento cultural.

2.1 Associativismos

Os imigrantes e seus descendentes, no novo ambiente urbano que haviam escolhido para estabelecer-se, desenvolveram formas de convivência alternativas para o lazer e ajuda mútua, inteiramente comunitárias, buscando uma compensação para os momentos difíceis de nostalgia e de adaptação à nova terra.¹³⁴ Em relação aos alemães, sua interação dava-se, principalmente, por meio de práticas associativas, estas organizadas conforme a demanda, onde se desenvolviam atividades recreativas, beneficentes, intelectuais. Assim foram fundadas associações – *Verein* – das mais variadas, sendo que alguns alemães filiavam-se a mais de uma, atendendo a seus diferentes interesses.¹³⁵

A prática do associativismo não é exclusiva do mundo ocidental, como nos lembra Peter Burke (2002, p. 3), trazendo exemplos de sociedades secretas da África Ocidental e da China. No ocidente, elas remontam à Idade Média e exerceram papel importante, promovendo solidariedade ou fraternidade entre os membros das guildas de artesãos e das confrarias religiosas, sendo que nos séculos XVIII e XIX, com o crescimento das cidades, clubes e associações com interesses especiais, foram fundadas por toda a Europa, “da Espanha à Rússia”, com reuniões regulares e diretorias eleitas pelos associados. O autor afirma que essas instituições, “a meio caminho entre o mundo privado da família e o mundo público do Estado”, contribuíram para o que hoje se entende como esfera pública ou sociedade civil.

Para os protestantes alemães, a formação desses espaços comunitários de convívio já havia sido proposta durante a Reforma empreendida por Lutero. Ao advogar a separação entre o poder político e a Igreja, ele propôs a criação de “caixas comunitárias”, um fundo de reserva mútuo, como alternativas viáveis para empreendimentos que atendessem às carências da própria sociedade. Por meio dessa participação coletiva, a cotização poderia ser destinada para demandas comunitárias – a escola, as construções, a estocagem de cereais, as atividades

¹³⁴ O mutualismo foi desenvolvido entre outros segmentos de populações imigrantistas, como japoneses (Wawzyniak, 2004), italianos (Corrêa, 2000) e portugueses, em sua Sociedade Beneficente Primeiro de Dezembro, fundada em Curitiba, em 1878 (Catálogo..., 1908, p. 74). Durante o período abarcado, a imprensa curitibana cedeu seu espaço para a publicação de notas referentes a diversos “clubs” e associações: Litteraire Gauloise; Lacznosc i Zgoda; Beneficente Austro-Hungara; Deutsche Doppelquart; Espanhola de Beneficência Cervantes; Tadeusz Kosciuszko; Beneficente Graciosa; Escandinava; Suissa Helvetia; Giuseppe Garibaldi.

¹³⁵ O Almanach do Paraná de 1899 elencou nove associações alemãs, de um total de 41, existentes na capital do Estado. No conjunto de fontes, porém, não foram encontrados elementos indicadores de divisões marcadas por crenças religiosas e acredita-se que, na esfera do lazer, predominava o sentimento compartilhado de pertença a uma origem comum. Como afirma Ranzi (1996, p. 135), apoiada em depoimentos, nestes espaços desconsideravam-se “as diferenças religiosas que ficavam postergadas”.

filantrópicas e o ministério pastoral – enquanto seriam desenvolvidas relações cooperativas, proporcionando um estreitamento de laços entre os membros das comunidades (Klug, 1997).

Em Curitiba, é possível perceber algumas dessas características em sociedades fundadas pelos imigrantes alemães, com alto grau de autonomia. Neste sentido, vimos que a Igreja procurava acionar alguns mecanismos de fraternidade, sob o prisma da religiosidade e da fé cristã, mas outras associações, com finalidades as mais diversas, também formaram seus fundos de reserva, os quais concorreriam para minimizar as despesas de seus sócios em eventuais necessidades. A Sociedade Beneficente dos Operários Alemães, *Handwerker-Unterstützungs-Verein*,¹³⁶ por exemplo, fora fundada a partir de uma casualidade, um acidente de trabalho ocorrido com um imigrante alemão, Eduard Engelhardt, que sofrera uma queda enquanto trabalhava nas obras de construção da igreja católica – a Catedral Metropolitana de Curitiba. Impedido de continuar na profissão, ele percebeu a necessidade do auxílio mútuo e reuniu compatriotas para que, juntos, constituíssem uma associação que lhes atendesse em casos extremos. Efetivada a idéia inicial, em julho de 1884, tornou-se seu primeiro presidente e cedeu sua residência na Rua São Francisco para as reuniões (Reinhardt, 2002). A manutenção de uma “caixa de socorros” já havia sido concretizada pela Sociedade Germânia, fundada em abril de 1869, objetivando:

Auxiliar ao socio indigente que enfermar, e fazer-lhe o enterro se fallecer. O socio doente, prestando atestado medico, percebera a diária de 1\$000, desde o dia em que chamar o medico. Nenhum dos sócios socorridos poderá gozar do auxilio da caixa por mais de um anno effectivamente n’uma só enfermidade. O sócio que tiver gozado do socorro n’uma só enfermidade por espaço de um anno, só poderá de novo gozar deste favor seis meses depois. Não terá auxilio: o que estiver atrasado em suas mensalidades, de quatro mezes para mais, e o enfermo, cuja enfermidade provier de embriaguez ou de brigas (Nadalín, 1972b, p. 9). As viúvas honestas dos sócios poderão ser auxiliadas quando estiverem necessitadas e terão o direito de assistir às reuniões recreativas que a sociedade levar a effeito (Heisler, 192[9], p. 82).

As disposições estatutárias em relação aos deveres, às condutas, aos códigos de ética, considerados padrões de comportamento daquele quadro associativo, estão implícitas nas restrições elencadas. O combate aos vícios, à violência e às transgressões de regras de conduta e de honra evidencia uma ação moralizadora, na qual a mulher seria a maior vítima.¹³⁷

¹³⁶ Atual Sociedade Rio Branco, a maioria de seus sócios era formada por artesãos. Em março de 1896, encontrava-se sediada na Rua Carlos de Carvalho e uma de suas características foi a de permitir a entrada em seu quadro associativo de indivíduos do gênero feminino, desde 1895.

¹³⁷ Os sentimentos, as responsabilidades e obrigações impostas à mulher imigrante, a quem nem mesmo coube a decisão de emigrar, foram discutidos por Renaux (1995), abordando também as exigências direcionadas ao público masculino, relacionando-as às corporações de ofício que ditavam princípios semelhantes de honradez, ofertando em troca, ao artesão, auxílio e solidariedade. Trindade (2004) nos faz refletir sobre esse papel feminino na organização familiar, enquanto esteio na manutenção de um modo de ser alemão.

Dependente das atitudes do marido e/ou de sua inadimplência, na falta deste, ela deveria ser incluída na categoria de “viúva honesta”, ficando à mercê de avaliações fundamentadas em medidas subjetivas e julgamentos de valor, arriscando-se a viver à míngua e a ser banida das comemorações festivas e das dependências sociais. As penas impostas aos que não se portassem segundo as normas estabelecidas, implicando no abandono ao enfermo, à viúva, e por extensão, à orfandade, eram formas de dominação simbólica, socialmente legitimadas, que obrigavam o associado a uma conduta exemplar, evitando qualquer deslize.

As preocupações relacionadas com a moralidade estiveram presentes no interior das associações italianas, em Campinas (SP), segundo Rosa Lydia Corrêa (1999; 2000), que as vinculou ao processo de reconhecimento da etnia pela sociedade local e à influência exercida pela religião sobre os imigrantes italianos. É muito provável que estes dois fatores tenham se combinado também no caso dos imigrantes alemães, fornecendo-lhes o molde para seu comportamento que iria ecoar na sociedade. Podemos ainda interpretar a preocupação como um mecanismo de controle atrelado aos ideais de germanidade, subordinando a todos a um determinado código de conduta pertinente ao modelo do alemão que se queria dar a ver.

Os estatutos visibilizam ainda uma ênfase no auxílio aos enfermos, tornando os momentos mais suportáveis para as famílias dos associados. Esta era a tônica das outras sociedades, algumas incluindo a ajuda financeira em casos de falecimento, conforme a premissa contida nos versos, “Quando o caminho se estreitar e a atribulação apertar, mãos amigas virão nos confortar” (Gebhardt, 1898, p. 40). Os mecanismos de solidariedade e assistência mútua poderiam estar respondendo aos seus medos e ansiedades em relação ao futuro, numa sociedade que poderia ainda lhes parecer estranha. Neste sentido, a primeira organização formada em Curitiba, pelos protestantes de origem alemã, partiu da necessidade de encontrar um local onde enterrar seus mortos. Enquanto acatólicos, estavam impedidos de utilizarem-se de cemitérios públicos levando-os a demandar, junto à Câmara Municipal, uma área para essa finalidade.¹³⁸

Uma outra forma de organização, constituída em 1897, pela necessidade de prestar serviço de extinção de incêndios, ou ao menos evitar o alastramento do fogo, e prestar assistência às possíveis vítimas. Esta foi chamada de “Sociedade teuto-brasileira de bombeiros voluntários”,¹³⁹ prestigiada pela imprensa.

¹³⁸ Concedido o terreno para além do alto da Glória, em 1857 (Boletim do Archivo Municipal de Curitiba, v. LX, p. 76).

¹³⁹ Fundado por Rudolph Schmidt, Rudolf Rosenau, João Podlek, Wenceslau Glaser, João Schmidt, Antonio Pospissil, Alberto Schoneweg, Ferdinand Poppe, Frederico Seegmüller, Emilio Verwiebe. Ver convite para sua apresentação ao público, no Caderno Iconográfico.

Por iniciativa patriótica de alguns cidadãos de origem alemã, criou-se nesta capital um corpo de bombeiros voluntários que já conta com grande pessoal dedicado aos interesses públicos. Esse corpo, destinado a prestar relevantes serviços, tem feito já exercícios e faz gosto ver a ordem e a disciplina que nele predominam (O Município, 11 dez. 1897).

Os membros desta associação formaram um estreito vínculo com a sociedade curitibana que lhes permitiu atuar, por meio de doações, até o início do século XX, quando um grande incêndio lhes colocou diante da realidade. Seus equipamentos eram por demais precários e os recursos financeiros não eram suficientes para novas aquisições de equipamentos que lhes permitissem dar continuidade a um trabalho seguro e eficiente.

Outras associações passaram pelas mesmas dificuldades e algumas optaram pela fusão, oportunizando melhores condições de sociabilidade e lazer aos seus membros e, com a arrecadação financeira mais significativa, parte desta era aplicada no aumento do patrimônio, distinguindo-o no cenário urbano. O caso da *Verein Deutscher Sängerbund* (atual Clube Concórdia) é representativo. Sua fundação, em quinze de junho de 1884, com duzentos e quinze associados, foi resultado de uma fusão entre a já citada Sociedade Germânia, – que havia incorporado o patrimônio da *Deutscher Wohlthätigkeits Verein*, – com a Sociedade Concórdia.¹⁴⁰ Esta nova composição permitiria uma conjugação de esforços, formando “uma só [associação], porém, forte e que dispuzesse de maior raio de acção para o seu desenvolvimento”. Durante a assembléia realizada, na qual se formalizou a configuração da *Sängerbund*, os sentimentos de coesão grupal fortaleceram-se e, após demonstradas as vantagens da junção, resolveu-se adotar o lema “a união faz a força!” (Heisler, 192[9], p. 83).

Da união partiram para a ação. Logo após ser constituída a diretoria, foi nomeada uma comissão que se encarregaria de escolher o local para a construção da sede. Ofereceu-se o prêmio de 40\$000 para o melhor projeto, abriu-se a concorrência para as obras da construção e terraplanagem, contraíram-se empréstimos e foi suspensa temporariamente sua Caixa de Socorros. Um empreendimento considerável, mas que resultou na inauguração das obras em agosto de 1886. Em dezembro do mesmo ano, festejaram a cumeeira¹⁴¹ e em 26 de junho de 1887, dez meses após o início dos trabalhos de construção, o prédio foi inaugurado e aplaudido, contando com a assistência “honrosa” das autoridades estaduais e municipais

¹⁴⁰ A Sociedade *Gesangverein* Concórdia havia sido fundada na década de 1870 – setembro de 1872 (Diário da Tarde, 12 jun. 1906) ou 1º julho de 1873 (Nadalin, 1972a, p. 8) para as práticas de canto folclórico alemão – e o processo de filiação atinge sua fase final com a adesão da *Deutscher Turnverein* (1887), a primeira associação de ginastas de Curitiba.

¹⁴¹ A “festa da cumeeira” acontece quando a estrutura da construção é completada, um costume que remonta à Idade Média, quando os vassallos deveriam pagar ao senhor por toda a construção realizando uma festa.

(Dezenove de Dezembro, 28 jun. 1887). O edifício¹⁴² estaria afirmando a presença desse grupo na vida da cidade, em sua capacidade de empreendimento, pretendendo se fazerem notar e reconhecer, não apenas em seu ato inaugural, mas em todas as etapas da construção, marcadas que foram por atos simbólicos durante as comemorações. Mais tarde, o edifício passou a hospedar indivíduos de origem germânica, conforme nota na imprensa:

Chegou à Curitiba nos últimos dias a Sra Lídia Paez, nascida Loewel. Hospedada no *Deutscher Sängerbund*, a senhora Lídia apresenta-se como professora de música, especializada em canto e piano. Oferece-se ainda para dar aulas particulares de Português, Francês, Espanhol e Latim. D. Lídia Paez vem do Rio de Janeiro, de onde traz excelentes recomendações. [...] Da nossa parte, temos a convicção que uma professora alemã de música e canto encontrará aqui modo de vida seguro e desejamos que sua permanência se perpetue entre nós (Der Beobachter, 5 out. 1895).¹⁴³

Para o articulista, junto ao seu grupo, a professora não teria dificuldades para exercer sua profissão, pois as práticas de canto eram fartamente executadas naqueles espaços sociais, apreciadas em festas particulares e reuniões comemorativas e exercitadas no ambiente familiar. As canções do folclore germânico, *Lieder*, eram evocadas para afirmar pertenças mas também para amainar saudades e reavivar lembranças, como em “Despedida da terra natal”¹⁴⁴ ou “Loreley” (Gebhardt, 1898, p. 81), uma figura lendária feminina, cuja aparição em uma curva do Rio Reno encantava e distraía os pilotos das embarcações, causando acidentes.¹⁴⁵ Nostálgicas ou lendárias, consideradas “fragmentos da alma alemã” ou “flores da poesia teutônica” que animavam e perfumavam a vida cotidiana, proporcionando ânimo e disposição (Josetti, 192[9], p. 129), as cantigas difundiam a poesia e a música de seus poetas e compositores.¹⁴⁶ Seus temas e melodias variadas uniam vozes numa “Motivação para cantar”:

¹⁴² O edifício foi ampliado posteriormente. Em 1912 foi aberta a concorrência para sua ampliação (Nadalin, 1972, p. 18).

¹⁴³ Aqui, as traduções do original, em alemão, foram realizadas de forma livre por Paulo Grötzner, que contribuiu com a seguinte informação, colhida em suas memórias: “O clube mantinha, em seu sótão, vários quartos que eram alugados, principalmente para professores da *Deutsche Schule* que, vindos de fora, tinham a possibilidade de morar perto da escola até conseguirem estabelecer-se. Ali também poderiam fazer suas refeições.”

¹⁴⁴ “Muitas, muitas lágrimas derramei,/por ter de partir daqui./Porém meu pai decidiu,/da nossa terra emigramos. [...] Passem bem minhas rosas,/e do jardim todas outras flores./Não poderei mais cuidar de vocês./Flores! Chorai comigo a despedida. [...]” (Gebhardt, 1898, p. 80).

¹⁴⁵ Uma das mais conhecidas do folclore germânico, a imagem de Loreley chegou a ganhar uma estátua de bronze, no alto da curva do rio.

¹⁴⁶ Compositores alemães como Haydn, Mozart, Beethoven, Schumann, Schubert musicaram poesias de autores renomados como Goethe e Schiller, algumas incorporadas ao folclore alemão. Outras são universalmente conhecidas como *Lied der Freude* ou Canção da alegria, do poeta Friedrich Schiller, usada por Ludwig van Beethoven, no coral do terceiro movimento de sua Nona Sinfonia, e apresentada durante as comemorações da queda do muro de Berlim, sob a regência do maestro Leonard Bernstein, que trocou a palavra *Freude*-alegria por *Freiheit*-liberdade, mantendo o sentido do poema.

Deixemos as melodias soar,
Sempre com entusiasmo,
Deixem-nos alegrias cantar,
Pois cantar é muito bom.

Cantar com alegria e devoção,
Melhora qualquer canção.
E assim deverá soar,
Por toda a nossa vida.

Cantem canções, cantem.
Cantem sempre outra vez,
Ouçam alegres os cantos,
Felizes da nossa gente (Gebhardt, 1898, p. 3).

Eram freqüentes também as apresentações de bandas de instrumentos musicais,¹⁴⁷ como a de Josef Glaser, a de Hübsch, o professor de música do Collegio Particular Allemão, e a da Sociedade dos Atiradores Allemães (*Deutsche Schützenverein*).¹⁴⁸ Esta, como outras associações, constituiu-se primeiramente como uma sociedade de canto, enquanto aguardavam-se os procedimentos necessários para que seus associados pudessem dedicar-se à prática de tiro ao alvo, num local adequado e seguro. Foi adquirido um terreno próximo ao Rio Belém, além da linha férrea, que, por sua vegetação, passou a ser denominado de “Bosque dos Atiradores”.¹⁴⁹ Em momentos predeterminados, o bosque transformava-se em área de lazer e confraternização, ideal para os passeios e piqueniques das famílias alemãs, ou em local de comemorações, quando os estampidos produzidos pelos exercícios concorriam com as algazarras infantis e os instrumentos musicais.

Realizam-se amanhã e depois de amanhã no bosque dos atiradores, grandes festas promovidas pela sociedade dos Atiradores Allemães. Haverá nesse lugar, entre outras diversões, exercícios de tiro ao alvo. A Sociedade dos Atiradores, incorporada, irá a casa do *rei*, afim de leval-o ao local dos festejos (A República, 30 maio 1903).

Chamando a participação dos curitibanos, a nota referia-se à “Festa do Tiro de Rei”, que coincidia com o domingo da Páscoa, saudado desde o raiar da manhã. Esta festa continuava durante todo o dia de segunda-feira, com as “diversões” mencionadas pelo

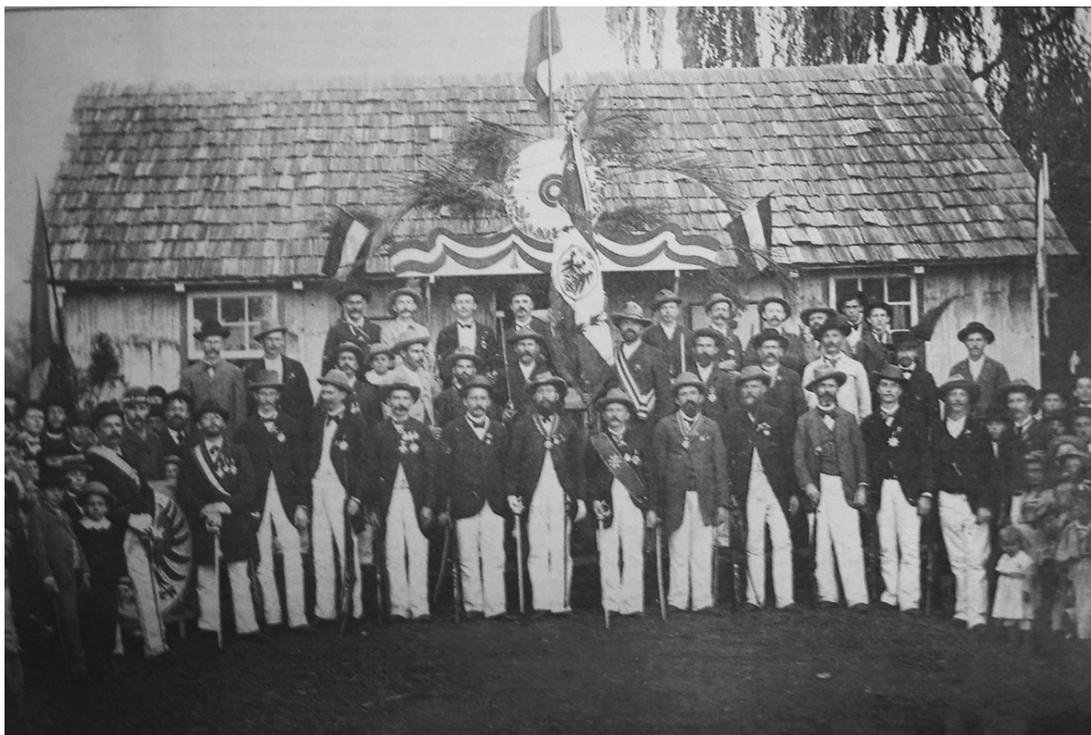
¹⁴⁷ Durante a cerimônia de inauguração do “novo mercado”, uma “associação musical allemã precedida de seu estandarte” recepcionava os convidados (Dezenove de Dezembro, 14 out. 1874).

¹⁴⁸ Associações de Atiradores originaram-se nas corporações de ofício medievais, em regiões hoje ocupadas pela Alemanha, como preparação para os períodos de guerras. Em São Bento do Sul (SC), usava-se como munição, balas de chumbo de 8 mm. que os próprios atiradores fundiam e depois carregavam, um a um, os cartuchos. Cf. PFEIFFER, Alexandre. *São Bento na memória das gerações*. São Bento do Sul: Do Autor, 1997.

¹⁴⁹ Criada em 1885 (A Tribuna, 14 mar. 1913), já em 1889, anunciava-se a inauguração do novo prédio “a rua de Mato Grosso (Batel), na chacara do Sr. A. Souza”, sendo que a prática de tiros, no século XX, continuou a realizar-se no “parque da Providência” (Diário da Tarde, 8 abr. 1912). O *Sängerbund* também servira de local para torneio de tiro ao alvo e boliche (Dezenove de Dezembro, 26 out. 1889; *Der Beobachter*, 14 nov. 1894).

articulista, e havia iniciado no “sábado de aleluia”, com a participação de membros da colônia alemã, encarregados de seus preparativos (Seyferth, 1981, p. 150-151). No ano de 1900, os integrantes da sociedade pousaram para as lentes do fotógrafo, diante de sua sede.

Figura 4



MEMBROS DA *DEUTSCHE SCHÜTZENVEREIN*. 1900.
Fotografia de J. Weiss. FONTE: Gazeta do Povo, 7 mar. 2004.

Com vestimentas típicas – uniformes e chapéus característicos – e ostentando as medalhas conquistadas em anos anteriores, o rei aparece ao centro, com sua faixa indicando que havia vencido o último torneio. Antes de chegar ao local dos festejos, em meio aos quais se decidiria quem seria o vencedor do novo torneio, o grupo de atiradores costumava andar em marcha pelas ruas, em direção à casa do rei, para prestar-lhe a última homenagem, apanhá-lo e seguirem todos juntos à sede do clube, quando então a faixa seria repassada ao novo campeão. As armas ornadas de flores, “precedidos por uma banda de musica, pelo estandarte da sociedade e pelas figuras de costume: o porta alvo, o rei, os dois immediatos e o comandante” (Diário da Tarde, 8 abr. 1912), proporcionavam uma exibição estardalhante que desfilava seus símbolos e sua hierarquia, tornando mais visível a existência de uma alteridade.

Ainda ao ar livre, percorrendo “grandes” distâncias e reunindo pessoas do gênero feminino e masculino¹⁵⁰ para passeios de bicicleta, o *Radfahrer-Club*, ou “Club de ciclistas”, fora fundado em 1895 e mantinha sua sede social na Rua José Bonifácio. A “esforçada sociedade” realizava torneios que incluíam premiações, sendo que em 1905, “a distancia a percorrer ser[ia] desta cidade ao Xaxim, isto é, 22 km”. Ao vencedor caberia uma taça de prata e ao segundo colocado, “um rico thermometro”, alongando-se as comemorações tarde à dentro, com “pic-nic no Portão,” hoje um bairro de Curitiba (Diário da Tarde, 18 mar. 1905; 30 set. 1905).

No quesito diversões, a capital do Paraná não oferecia grandes alternativas a seus habitantes. “São por demais aborrecidos os dias em Curityba. Nem um divertimento siquer a não ser a praça Tiradentes, isto mesmo só aos domingos, se nos mostra aprazível para espancarmos o *espleen* [sic] que neblinea nossa alma” (Diário da Tarde, 23 jan. 1905). Sebastião Paraná (Almanach, 1900) de certa forma concordava com o articulista ao dizer, no início do século, que a cidade “ainda” era isenta de “logradouros publicos, de diversões intellectuaes, artisticas ou affectivas”, e não fossem os “clubes” a oferecer “um interessante ponto de reunião nos dias e horas destinados ao descanso”, faltar-lhe-iam “attractivos”. Nas lembranças de Nestor Víctor dos Santos (1996, p. 76), a Curitiba da segunda metade da década de 1880 não era muito diferente, quando a mocidade freqüentava “*soirées*” dançantes em clubes ou casas particulares. Havia ainda “espetáculos teatrais” vez ou outra, “de muito pobre representação”, as concorridas “festas de igreja” e o jogo, “bebia-se e jogava-se principalmente para quebrar a monotonia da vida.” As opiniões são concordantes em alguns pontos, principalmente no que se refere às associações, que viabilizariam o afastamento da “monotonia insossa” que pairava no íntimo dos curitibanos, como também se exprimiu o articulista. Não é sem motivo que as festas promovidas pelas associações alemãs, quando abertas ao público em geral, causavam-lhes certo fascínio:

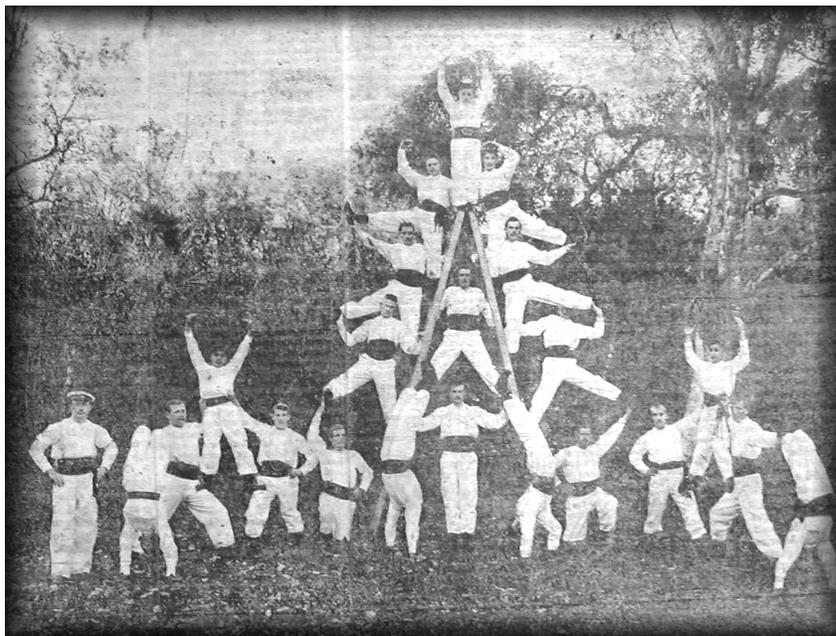
As festas allemans, alem de outros, tem este encanto: são barulhentas como seiscentos. Cinco germanicos, rubios e ruivos, reunidos em palestra, fazem uma algazarra só comparavel a de um grupo papagueante de moças, discreteando sobre a serigaitice das amigas ausentes. Ora contrariando muitas opiniões - inclusive a de Gautier que pelos modos era avesso ao ruido á vista de sua sentença sobre musica, - julgamos uma delicia o movimento, a vozeria, o phrenesi, a confusão, a alacridade, a balburdia, emfim. Ao menos isto tudo quer dizer febre, quer dizer vida, felicidade. Os allemães, sob esta face, são incomparaveis: quando se resolvem a regabofes, atiram, no que fazem muito bem, para as costas todos os pezares e toda a tradicional sisudez.

¹⁵⁰ A afirmação tem por base o documento iconográfico registrado em Heisler (192[9], p. 89), e pertencente ao acervo da Casa da Memória, em Curitiba. Seus diretores em 1895: Oscar Gerhard, Ewald Wendler, Edmund Meissner, Julio Meister Sobrinho, Paulo Kopp, Carlos Hauer, Albano Gaensly.

Não há, então, povo mais expansivo, mais risonhamente gentil e franco. Eis porque são encantadoras as suas festas, infallivelmente regadas com amazonas de cerveja de espumas claras e adubadas com sandwiches e todas a casta de comezainas frias, saborosas a valer. De resto ha nesses esplendidos festivaes, uma nota louira cantando, victoriosa: as cabelleiras flavas despedem extranhas fulgurações, apotheosando os perfis femininos. O louro, o invencivel louro, dominando afinal por toda parte, parece que há, no alto, um novo Jove a despenhar-se outra vez transformado em chuva de ouro em pó... (Diário da Tarde, 28 jan. 1904).

Durante o período analisado, essas associações deram mostras de particularidades culturais que não eram familiares ao olhar da maioria da população curitibana e esta poderia sentir-se atraída pela curiosidade. Instaurando modalidades e práticas diferentes, em espaços abertos ou em suas sedes próprias, além de bailes e apresentações teatrais, como a Sociedade Thalia,¹⁵¹ os alemães eram exímios em exercícios de ginástica, formando pirâmides humanas, treinadas na Sociedade de Gymnastica Teuto-Brasileira,¹⁵² cujo princípio era desenvolver quatro atitudes: *Frisch* (lépido), *Fromm* (devotado), *Froelich* (alegre) e *Frei* (livre).¹⁵³

Figura 5



TURNENPYRAMIDEN. FONTE: A República, 19 mar. 1910.

¹⁵¹ Fundada em 1º abr. 1882, visava especificamente à encenação de grupos de teatro, amadores e profissionais e o projeto especial do palco de dez metros de fundos foi patrocinado por um único sócio (Heisler, 192[9], p. 85).

¹⁵² *Teuto Brasilianischer Turnverein*, atual Clube Duque de Caxias, fundado em 7 dez. 1890, inaugurou sua nova sede em novembro de 1913 (DS, *Relatório*, 1913). O clube contava com uma significativa biblioteca, coral, grupo teatral e uma cancha para a prática de boliche.

¹⁵³ Os chamados “4 F”, presentes no escudo símbolo de associações do gênero (Seyferth, 1981, p. 153), e como tal, em Curitiba, a “devisa da sociedade” estava inscrita em seus “reposteiros”, tendo sido traduzidas como “Coragem, Fé, Alegria e Liberdade” (A Tribuna, 11 out. 1913).

Nesses espaços de convivência, na escrita dos estatutos, na fala dos atores teatrais, no canto dos corais e nas conversas entabuladas em seus salões e corredores, fazia-se uso do idioma alemão, preservando-se a germanidade, e se tomarmos como referência uma associação de Castro (PR)¹⁵⁴ que recebia regularmente auxílio financeiro, por intermédio do consulado alemão, possivelmente associações em Curitiba também se beneficiassem deste tipo de subsídio. O que emerge, entretanto, destas práticas conjuntas, é a diversidade de entretenimentos, as diferentes lógicas associativas e as formas de controle e regulamentação impostas pelas atividades comunitárias. A pluralidade de associações demonstra certa hierarquia, uma escala de prestígio que sugere patamares econômicos díspares e desvela a heterogeneidade da colônia alemã curitibana.

Os que não possuíam condições para arcar com as despesas mensais requeridas por uma associação poderiam efetuar suas reuniões/festas em salões alugados. Com mobiliário facilmente removível poderiam ser adaptados para a finalidade do momento e os mais noticiados pela imprensa foram o Theatro Hauer, na Rua dos Alemães,¹⁵⁵ e os “salões” do senhores Wosgrau, Lindemann¹⁵⁶ e Grummt, este na Rua da Graciosa, os quais beneficiavam-se da propaganda secundária, com os donos ou inquilinos emprestando seus nomes aos locais. Por ocasião da “Revolução Federalista”, quando Curitiba fora “invadida” por federalistas, posicionados contra a revolta alavancada por Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul, o Theatro Hauer anunciava um “grande festival dedicado ao Corpo do Exército em operações” nos estados do Paraná e Santa Catarina, no qual “tomavam parte, por especial obsequio,” membros da colônia alemã de Curitiba.¹⁵⁷ Estes “salões” chegaram a ser alugados para comerciantes alemães e alguns funcionaram como bares, espaços de encontro e confraternização do gênero masculino. Situados próximos às igrejas católica e evangélica, o intervalo entre a saída da missa/do culto e o horário do almoço em família servia para o *Schnaps*, a cerveja, a troca de informações.

As mulheres também estiveram presentes em associações esportivas, “Sociedade de ginástica de senhoritas” (*Turnerkränzchen*, 1885); e beneficentes, atendendo a camadas

¹⁵⁴ Segundo o histórico da Sociedade Educacional de Castro, em 1916, mesmo em época de guerra, receberam “do reino alemão, através do consulado, 710\$000 Rs para a nova construção e para a escola” (p. 13), sendo que, na mesma época, também por intermédio do Consulado, fazia-se coleta para “o esforço de guerra”, na Alemanha (p. 15).

¹⁵⁵ Atual Rua Treze de Maio.

¹⁵⁶ Pertencente a Adolpho Lindmann, situado na Rua do Fogo, posteriormente Rua São Francisco, recebera os nomes de Tivoli e Strobel (Rodrigo Júnior, 1993, p. 216), possivelmente conforme a escolha do(s) novo(s) proprietário(s), de acordo com a notícia de inauguração do Salão Strobel, em 1884 (Dezenove de Dezembro, 18 ago. 1884).

¹⁵⁷ Na listagem nominal dos participantes, de um total de vinte, dez pertencem ao sexo masculino (A República, 20 jun. 1894).

menos favorecidas, como a Sociedade Elisabeth, fundada em quatro de dezembro de 1884. No exercício da filantropia e da caridade, promoviam-se festas, audições de música e canto, declamações e leilões, nas dependências da sociedade alemã, onde reuniam o montante necessário para cumprir com seus objetivos.

Tendo a Directoria desta sociedade, deliberado dar um baile e leilão de prendas, que effectuar-se-há no dia 11 do corrente no edificio da Sociedade Saengerbund, em beneficio das pessoas necessitadas; as quaes a mesma tem até hoje socorrido, vem pedir em nome d'esses, o auxilio das pessoas convidadas para contribuírem com qualquer offerta; bem como o comparecimento para essa festa de caridade. As prendas offertadas podem ser enviadas a directoria abaixo [assinada].¹⁵⁸

A nota no jornal estendia o convite a todos os colaboradores e as pessoas signatárias desejavam ser identificadas pela sua nacionalidade e pelas suas iniciativas em favor do próximo. Percebe-se que não estava em questão a quantia material obtida, “qualquer oferta” seria bem-vinda, e quanto maior o número de pessoas cientes/presentes, maior visibilidade teria aquele gesto de caridade, vindo de membros da colônia alemã.

Nesta perspectiva, a filantropia pode ser interpretada como uma forma de obter/consolidar uma posição de destaque, de prestígio ou ainda como meio para alcançar outros benefícios junto à sociedade local. A “Sociedade Protectora dos Operários Allemaes”,¹⁵⁹ por exemplo, apelando para seu caráter beneficente, buscou legitimação e subvenção junto às autoridades municipais. Em ata de sessão da Câmara Municipal, do dia dois de dezembro de 1902, foi lido seu ofício, reivindicando “os mesmos favores” que haviam sido concedidos à “Sociedade Protectora dos Operários”, dando-se a ver como local respeitável, pois “a casa só era freqüentada pelos seus sócios”. Sua argumentação foi aceita e o Parecer n. 39 isentou a “Handwerker” do pagamento de impostos, durante dois anos.

Estas organizações, envolvidas ou não com parcelas da dinâmica do poder, mas sem depender de seus recursos financeiros, organizavam bibliotecas para uso dos associados e contavam com jornais impressos em sua língua materna. A *Deutscher Sängerbund*, por exemplo, fazia publicar um periódico dedicado a descrever as festas promovidas por aquela associação, e, em maio de 1908, o número especial, *Der Bazar*, com quatro páginas, foi editado em benefício da Igreja Evangélica Alemã (Catálogo..., 1908, p. 92).

¹⁵⁸ Assinam o convite as fundadoras Carlota Stellfeld, Ernestina Henke, Lucia Klüppel e Hulda Gaertner (A República, 5 out. 1894). Algumas vezes essa associação é referenciada como “Santa Elisabeth” (Heisler, 192[9], p. 89) podendo mesmo ter relação com as sociedades fundadas a partir de congressos católicos na Alemanha, num período de reestruturação da Igreja católica, na 2ª metade do século XIX, e dirigidas pela nobreza alemã para auxiliar operários necessitados.

¹⁵⁹ Contava ainda com grande número de sócios pertencentes ao quadro associativo da Sociedade Beneficente Cabral, fundada em 1900, por uma maioria de indivíduos alemães.

Ainda outras associações formadas deixaram poucos registros para uma análise de sua atuação, — como a Sociedade de Agricultura Teuto-Brasileira ou o Club Regional do Milho do Paraná;¹⁶⁰ a “Loja Concórdia IV” (1877), cujo nome sugere ser uma loja maçônica;¹⁶¹ o *Deutsche Harmonische Spiritualische Grupe*, vinculado à Federação Espírita do Paraná;¹⁶² e ainda a Junta Alemã¹⁶³ — mas seu elenco contribui para que possamos refletir sobre o leque de opções, de espaços; suas diferentes formas de organização e de desenvolvimento; e o grau de complexidade presente nessas formações.

Associações, clubes, cooperativas, sociedades de assistência mútua buscavam formas autônomas de desenvolvimento e constituíam-se em locais de entretenimento, de normatização de condutas, de afirmação social. Atuavam também como canais de expressão criadora, contribuindo para a construção de um ideal coletivo, de uma memória cultural, enquanto estabeleciam relações com outros grupos e sentiam-se partícipes de “alguma coisa da Alemanha” (Seyferth, 1981, p. 154). Por meio de códigos culturais específicos, imigrantes e seus descendentes organizavam-se e associavam-se, revelando para a sociedade “quem eles são, de que forma vivem e se comportam e quais são os seus valores” (Wawzyniak, 2004, p. 135).

Sendo assim, a educação formal das novas gerações não poderia deixar de constituir-se em elemento motivador para a formação de uma outra organização, a qual estaria investida de poder de decisão sobre os rumos da *Deutsche Schule*, a escola que atendia os integrantes da colônia alemã. Esta sociedade escolar será o objeto de reflexão para o próximo item.

¹⁶⁰ Fundado em 1916 e filiado ao Nacional, com sede em São Paulo, visava dar assessoria aos lavradores do estado (Heisler, 192[9], p. 92).

¹⁶¹ As “festas maçônicas” anunciadas no jornal Dezenove de Dezembro de 1876 incluem nomes alemães, como Theodoro Stresser, Emil Prohmann, secretário, com reuniões “em casa do Sr. Schutz ao alto do Mayer/Meyer”, confirmando Heisler (192[9], p. 87) que declara ter sido realizada a primeira reunião desta loja em 24 janeiro de 1877, sob a presidência de João Sigismundo de Bonavo, estando presentes Ferdinand Schneider, Rudolph Wolf, Adolph Lindemann, Peter Henrichs, Emil Prohmann, Fridolin Wolf, Johann Schmidlin. A “loja” teria sido responsável pela fundação do Conservatório de Música do Paraná, cujas origens datam do ano de 1913, no Salão Hauer, constando como fundadores Leo Kessler e Georg Wucherpennig, professor de canto.

¹⁶² Em reunião do Triunvirato (Presidente, Secretário Geral e Tesoureiro), fora aprovado o pedido feito por Armando Mann para instalação, na sede da Federação Espírita do Paraná, do *Deutsche Harmonische Spiritualische Grupe* (FEP. Atas..., sessão de 15 de ago. de 1909).

¹⁶³ Fundada em 1915, a *Deutschsprcheden Paraná*s ou *Deutscher Ausschuss* reunia representantes de várias associações unindo-as em defesa de interesses comuns (Nadalin, 1972a, p. 17). Entre dirigentes e assessores, Alfredo Heisler, João Garbers, Frederico Rummert, João Kopp, August Schauenburg, José Koerbel, P. Berchner, Edgard Stellfeld, Berthold Hauer, Emil Heins, Carlos Quentel, Hermann Beckert, Julius Hoffmann, Max Rosenmann.

2.2 *Verein Deutsche Schule*: à procura de uma união fraterna

A Sociedade Escolar Alemã, *Verein Deutsche Schule*, fez parte do universo de práticas associativas objetivadas pelos imigrantes alemães, em Curitiba. Fundada em 15 de junho de 1884,¹⁶⁴ a associação de ensino iria fornecer as diretrizes educacionais para sua escola comunitária. A trajetória dessa escola havia sido gestada em 1866, com a articulação efetiva desse grupo de imigrantes para fundar a *Communa Evangelica Allemã*, em 2 de dezembro daquele ano, convidando o pastor itinerante, Johann Friedrich Gaertner, para o atendimento religioso.

Ariclê Vechia (1998a, p. 224-226), ao focar as escolas curitibanas no período provincial, informa-nos que, em 11 de dezembro de 1866, nove dias após a comunidade ter sido instalada, o então pastor Gaertner solicitou licença à Província para ensinar as primeiras letras em língua alemã. Essa escola foi fechada logo em seguida, por estar em desacordo com as leis educacionais, e reaberta em fevereiro de 1867, depois das reivindicações de alguns alemães protestantes terem sido aceitas pelo Inspetor Geral de Ensino. Funcionando de maneira irregular até por volta de 1869, quando teria eclodido “uma divergência política” entre a membrazia e uma das facções recebera o apoio do pastor, a autora considera que a solicitação formulada por Gaertner, em 1866, teria marcado o momento da fundação da escola da comunidade.¹⁶⁵

Entretanto, as fontes consultadas por ocasião de nossa pesquisa anterior, contemplando a década de 1930, informam-nos que a fundação da escola ocorrera no ano de 1869 e que Gaertner já possuía uma escola em 1865 (Heisler, 192[9], p. 74), ou seja, antes da instalação da *Communa Evangelica Allemã*, em 1866. Os documentos escolares – *relatório anual de 1913, circular de propaganda de 1933, prospecto de 1937* –, a revista *Deutsche Woche*, de 1937,¹⁶⁶ e o jornal *Der Kompass*, de 25 de setembro de 1929, que noticiou os festejos comemorativos ao sexagésimo aniversário da escola, todos apontam para o ano de 1869 como sendo a data que marcou a fundação da *Deutsche Schule*. Esta data também é confirmada pelos documentos cartorários que tivemos oportunidade de analisar (Cf. Souza, 2002).

Diante destas considerações, podemos perceber a ausência de um registro, embasado em fontes históricas, que indique a data do início do funcionamento, claramente definido,

¹⁶⁴ Revista do Club Curitibano. Curitiba, 3 maio 1900, p. CIX.

¹⁶⁵ Em outro artigo (1998b, p. 303), porém, a mesma autora sugere nova data para sua criação: “Em 1867 surgia a primeira escola vinculada à comunidade alemã em Curitiba”, fundada por Johann Friedrich Gaertner.

¹⁶⁶ Um boletim promocional da “semana alemã” realizada em Curitiba, entre 24 de abril e 2 de maio daquele ano. A edição única teve entre seus patrocinadores o órgão local do NSDAP, o Partido Nacional Socialista dos trabalhadores Alemães.

dessa instituição de ensino. Por diversas vezes nos deparamos com informações desencontradas e mediações simbólicas de ação da própria colônia alemã, na tentativa de estabelecer uma baliza temporal que pudesse responder aos seus imperativos institucionais, ou seja, uma data oficializada que pudesse ser ensinada na escola e celebrada publicamente. A mobilização em busca de uma “memória autorizada”, atrelada a um componente temporal, remete-nos às reflexões de Paul Ricoeur (2000) sobre a memória e o esquecimento como instâncias de poder, aliadas à reivindicação de uma identidade comum. Sob o título de “eventos fundadores”, subjaz a memória manipulada e as chagas reais ou simbólicas armazenadas nos arquivos da memória coletiva. Aos mesmos eventos celebradores, glorificando a ação de uns, pode corresponder a tentativa de anular – ou execrar – a ação de outros (p. 99).

Apesar da intenção de estabelecer-se uma data a ser memorada, no fazer histórico, a documentação consultada revela o funcionamento irregular de uma escola vinculada à *Communa Evangélica Allemã*, tendo como único professor o pastor que atendia aos membros de sua comunidade. Pensando o contexto histórico, no qual parcelas da sociedade não atribuíam valor à educação formal e a organização estatal ainda discutia formas de promover o atendimento educacional básico à população, esta casa escolar sofria os reveses da situação e deveria buscar, dentro do grupo que a provia, soluções para sua atuação. A própria organização comunitária, entretanto, encontrava-se em fase de estruturação, tentando encontrar alternativas até mesmo para o atendimento pastoral. Sendo assim, somente após o ano de 1872, com a vinda do pastor Wilhelm August Boecker e sua permanência por mais de uma década junto à *Communa Evangélica Allemã*, a escola experimentara continuidade em seu atendimento educacional.

Desde sua chegada, divisa-se certo empenho de membros da comunidade para que o referido pastor conseguisse subvenção dos cofres imperiais, garantindo-lhe uma estabilidade financeira e, à comunidade, uma constância no atendimento espiritual. No início do ano de 1873, uma petição foi enviada ao vice-presidente da Província, na “boa esperança” de que ele interviesse “perante o trono de Sua Majestade Imperial” no sentido de obter tal auxílio. Fazendo-se reconhecer como “allemães”, moradores no município de Curitiba, apelavam para o “bem reconhecido senso justiceiro” do solicitado: “V. Exa. sabe bem apreciar nossas necessidades espirituais e moraes e que nós allemães, sem uma escola bem dirigida, não estamos no caso de dar uma boa instrução aos nossos filhos.” Assinam o documento os

senhores F. Warnecke, Augusto Hecke, João Meister,¹⁶⁷ Wilhelm Schneider e Augusto Schütze.¹⁶⁸

Buscar o melhor para seus filhos – a boa instrução – era entendido pelos evangélicos como um dever dos pais, assim como a negligência em relação à sua educação poderia ser considerada um pecado, perante Deus (Lutero, 2000, p. 16). Diante desta responsabilidade, esses indivíduos procuraram colaborar para com a manutenção do novo pastor na “boa esperança” de que ele não os abandonasse e nem aos seus filhos. Como mestre e cura evangélico, o pastor Boecker mantinha uma relação muito próxima dos alunos. Durante a semana, ele os atendia em sua residência e, aos domingos, encontrava-os no culto. Seu nome e a casa pastoral já haviam se fundido no imaginário popular, sendo conhecida como a “escola do pastor”, todavia ela não comportava a demanda devido ao número crescente de alunos, a cada ano.¹⁶⁹ Com a inauguração do templo, as aulas teriam sido então transferidas para o interior da igreja.

Em janeiro de 1884, início de nossa baliza temporal, a "escola promiscua dirigida pelo Pastor protestante" contava com 275 alunos matriculados, alguns, isentos de pagamento,¹⁷⁰ sendo que no final do ano anterior o pastor havia encaminhado um ofício ao presidente da Província pedindo a retirada de seis dentre os doze alunos que recebiam a instrução de forma gratuita, alegando que os pais tinham condições de efetuar o pagamento das mensalidades e se diziam indigentes.¹⁷¹ O pedido, em desacordo com o regulamento que exigia o aceite de matrículas gratuitas como condição para subvencionar a escola, também nos leva a pensar nas dificuldades encontradas pelo pastor que dividia seu tempo entre o atendimento à comunidade e o escolar, com um número expressivo de alunos sob sua responsabilidade. A divisão de tarefas já vinha sendo tentada e o pastor contava com a possibilidade de obter auxiliares,¹⁷²

¹⁶⁷ Hans Meister, (1814-1879), nascido no cantão de Schaffhausen, Suíça, era sapateiro e tinha 9 filhos (CELC, n. 5625).

¹⁶⁸ À margem da página consta: “Encaminhe-se. Palácio da Presidência do Paraná, 24 de março de 1873” (Paraná. *Requerimentos*, AP. 0424, 1873).

¹⁶⁹ Em 1873, o número de matrículas da “Escola Allemã” totalizava 81; e em janeiro de 1876, constatou-se um total de 150 matrículas (Paraná. *Requerimentos*, AP 427, 1873; *Ofícios*, v.1, AP 482, 1876, p. 3-4).

¹⁷⁰ A lista de alunos, correspondente ao primeiro trimestre de 1884, já acrescida de 16 matrículas e com 28 alunos beneficiados pela gratuidade, pode ser visualizada no Anexo 1.

¹⁷¹ No ano de 1884, o pastor deveria receber dos cofres provinciais uma subvenção anual de Rs 1:200\$000, e em jan. 1885, Gaertner, como diretor da Sociedade Escolar, pede que lhe seja revertida a subvenção. As Correspondências do Governo revelam que este pagamento era incerto, algumas vezes suspenso ou vindo com atraso. (Paraná. *Ofícios*, v. 20, 1883; v. 6, AP 712, 1884; *Requerimentos*, v. 1, AP 675, 1882; v. 4, AP 734, 1884; v. 1, AP 761, 1885).

¹⁷² Wilhelm August Boecker regia uma cadeira de primeiras letras desde 1.º de março de 1873, mas, em 1882, afirmava cumprir a função de regente da primeira classe, sendo auxiliado pelos mestres J. H. Rickli/Richli e Gustav Geisler, dirigentes da segunda e terceira classes, respectivamente (Paraná. *Correspondência do Governo*, 1882; *Requerimentos*, 1873, AP. 0427). Gustav Geisler veio posteriormente a pastorear a comunidade luterana de Petrópolis, entre 1896-1907 (Cf. <<http://www.luteranos.com.br/202/mensagem/2002-jul2.htm>>). Segundo

porém os baixos salários ofertados eram os responsáveis pela alta rotatividade desses funcionários. Como solução para o problema, o pastor teria optado por descontar-lhes a importância mensal de cinco mil réis (5\$000) que lhes seria devolvida apenas ao final do contrato de trabalho, fazendo com que este fosse cumprido.¹⁷³

Nessa época, a instrução em Curitiba realizava-se em oito escolas públicas, cinco subvencionadas – das quais três eram mistas e duas aceitavam somente meninas. Havia também as particulares, as noturnas e ainda uma formação diferenciada do modelo escolar, envolvendo sessenta e cinco crianças que recebiam instrução por meio das práticas domésticas de escolarização (Paraná. *Relatório*, 1884, p. 51). E, embora existissem outras casas escolares que proporcionassem o ensino formal em alemão, a possibilidade da retirada do ensino religioso do currículo escolar da *Deutsche Schule* foi levantada até como uma forma de expansão, atraindo maior número de matrículas.¹⁷⁴ Diante da proposta, o presidente da *Communa Evangélica Alemã*, Gottlieb Mueller,¹⁷⁵ ponderou que a abertura de uma escola separada da igreja implicaria em mais gastos para os pais, uma vez que os móveis e o imóvel para a instalação dessa nova escola teriam de ser adquiridos/alugados. Essa posição desencadeou uma série de conflitos, sendo formada uma comissão¹⁷⁶ para deliberar um parecer e a questão financeira esteve na pauta das Assembléias.

Por mais que esses indivíduos se sentissem vinculados a uma origem comum ou pertencentes a um mesmo círculo, as discussões deixam entrever uma situação de confronto e de relações conflituosas, algumas não-explicitas, mas todas alavancadas em nome de um consenso, que poderia ser entendido como o eixo em torno do qual giravam as concepções discordantes sobre o encaminhamento da educação formal. Na concepção de Norbert Elias (1997), a unificação tardia da Alemanha e as guerras constantes, travadas em defesa de suas fronteiras, haviam proporcionado peculiaridades na formação de sua estrutura social e na composição de códigos de comportamento. Segundo o autor, os valores militares pautados na

Lemke (1992, p. 328), “Richli” [possivelmente Johann Ulrich Rickli] era formado pelo seminário de [St] Crischona e professor auxiliar desde março de 1877, tendo vindo de Pedreira, na Colônia Dona Francisca [atual Pirabeiraba] onde também lecionara. Entre 1878 e 1879, João Rickli manteve escola mista com 66 e 74 alunos, respectivamente (Paraná. *Ofícios*, v. 21, AP 554, 1878; *Relatório*, 1879b). Na década seguinte, foi encontrada a escola de “W. Richli”, com 85 matrículas (Gazeta Paranaense, 31, out. 1885).

¹⁷³ A informação, trazida por Heisler (192[9], p. 74), indica que, em 1884, o diretor recebia mensalmente 100\$000, os professores, 60\$000, com exceção da professora de trabalhos manuais, cujo salário era de 15\$000. As mensalidades eram de 1\$500 por aluno de 1.ª e 2.ª séries, e 2\$000 para os de 3.ª e 4.ª séries.

¹⁷⁴ Em 1879, talvez com esse mesmo objetivo e, conseqüentemente, mais fundos para pagar “o ajudante do professor”, a escola se representava como “mista de religião evangelica e católica” (Paraná. *Ofícios*, 1879).

¹⁷⁵ Gottlieb Mueller, de origem suíça, fundou a Fábrica Marumby, em 1878, na qual também se fundia ferro, aço e metais e, segundo David Carneiro (1976, p. 233), em 1894, fabricava munição para artilharia.

¹⁷⁶ Composta pelos elementos: Franz Johnscher, Emil Prohmann, W. Escholz, Gustav Tenius, Eduard Senff. (Heisler192[9], p. 74-75).

defesa de honra desempenharam importante papel em suas relações sociais, até as primeiras décadas do século XX, permitindo o desenvolvimento de um modelo de comportamento, um *ethos* guerreiro, adotado por amplos círculos burgueses, e nessa estrutura de relações, em que os direitos de exigir e dar satisfação eram privilégios de algumas camadas sociais, desfrutá-los seria indicativo de distinção social.

Nessa análise realizada pelo autor e adotando a sua perspectiva de que as relações sociais são sempre relações de poder, encontramos alguns elementos para interpretar as discussões travadas entre os imigrantes alemães e/ou seus descendentes, “portadores” de, ao menos, resquícios desse código de comportamento. As características apontadas por Elias poderiam estar contribuindo para a ausência do almejado consenso uma vez que, para boa parte dos membros do grupo, o fato de assentir ou de ceder poderia denotar, perante os outros membros, uma falta de brio e de coragem, incompatível com a forma que cada um queria ou gostaria de ser visto e dar-se a ver. Não opinar, não reivindicar, não lutar pelos direitos ou critérios selecionados como ideais denunciaria certa fraqueza, colocando o passivo em posição de inferioridade perante os demais.

Sem conseguir chegar a um acordo que atendesse a toda a colônia alemã, optou-se então pelo abandono do caráter de formação religiosa, a qual vinha sendo utilizada como justificativa para seu funcionamento até então. Foram redigidos os estatutos, determinando que a escola estaria isenta de qualquer confissão religiosa e seria dirigida pelos membros dessa nova associação. Dessa maneira, poderia vir ao encontro das necessidades “dos pais de origem alemã de confissão catholica desta capital de também gozar a instrução para seus filhos” (Paraná. *Relatório da Escola Alemã*, 1876).¹⁷⁷

Falando em nome do grupo que representa, o presidente da Sociedade Escolar estaria direcionando-se a toda a colônia alemã, fazendo circular a idéia de que as barreiras religiosas, que poderiam obstaculizar a união fraterna do grupo, estariam sendo derrubadas, em prol da instrução formal. A argumentação não era isenta de sentido, uma vez que as pesquisas realizadas (Ranzi, 1996; Nadalin, 1978) indicam certo conagraçamento entre os alemães católicos e evangélicos, durante as décadas de 1880 e 1890.¹⁷⁸ Esta mobilização investe então na representação de coesão do grupo, de modo a conseguir maior prestígio diante do conjunto

¹⁷⁷ Klug (1997, p. 86) atribui a esta variante – a reivindicação de uma escola isenta de qualquer influência religiosa – uma relação com os ideais de liberalismo e da maçonaria.

¹⁷⁸ “Um período de fortes contatos inter-religiosos representados pelos casamentos mistos na Igreja Católica, como também pelo contato de famílias luteranas com os rituais da I. Católica.” (Ranzi, 1996, p. 152). Registramos também que foi a partir de então (27 abr. 1892) que Curitiba passou a sediar a Diocese, fator importante para o reavivamento da religião católica e até de combate ao protestantismo. Na década anterior, segundo a afirmação de Reverendo Lenington, pastor da Igreja Presbiteriana, por volta de 1885, “o povo de Curitiba era indiferente às cousas religiosas” (Boletim..., 1988, p. 9).

da sociedade e a atrair indivíduos de outros grupos, sem distinção religiosa,¹⁷⁹ em um movimento de negociação que se inscreve na própria dinâmica das relações de poder.

A opção pela neutralidade religiosa era compactuada pela redação do jornal impresso no idioma germânico *Der Beobachter* que, em sua coluna “notícias de cá e lá”, teceu comentários sobre o campo educacional brasileiro e a discussão sobre a separação Igreja/Estado:

Já era tempo que finalmente as atenções se voltassem para o cambalido sistema escolar. Todavia teme-se que as tais reformas nos tragam um retrocesso, ao invés do avanço tão esperado. Antes de qualquer coisa, a escola deveria ser completamente neutra, do ponto de vista religioso. (...) Depois, o novo regime escolar, uma vez introduzido, deverá ser cumprido com toda a energia necessária, principalmente nas regiões de maior densidade habitacional (*Der Beobachter*, 14 nov. 1884).

Demarcando a posição favorável ao ensino laico, o jornal ressalta a necessidade de cumprir com as normas estabelecidas, e, neste sentido, iria atuar de forma decisiva junto à sociedade escolar. No início de 1885, os estatutos foram lidos e aprovados, ocasião em que foram eleitos os membros de sua diretoria¹⁸⁰ — presidente, Augusto Gaertner¹⁸¹; secretário, Gottfried Mettler,¹⁸² tesoureiro, Eduardo Senff,¹⁸³ professor-diretor, Paul Issberner¹⁸⁴ - e decidiu-se pelo pagamento de 40\$000 mensais de aluguel (Heisler, 192[9], p. 74-75).

Podemos perceber a ausência do pastor, ao menos no rol nominal da diretoria, o que supõe seu afastamento do campo das decisões e o coloca na posição de subordinado. Enquanto isso, a polêmica sobre o aluguel se fez presente durante boa parte do primeiro ano de atuação da sociedade escolar. Pastor Boecker, destituído de seu cargo de diretor, provavelmente descontente com o caráter não-confessional da escola e com o possível atraso do referido aluguel, convocou os membros da comunidade para participarem de uma

¹⁷⁹ As fontes revelam que a escola abrigava alunos com ascendências diversas e praticantes de outras religiões, inclusive não-cristãs. Como exemplos, podemos citar os alunos Odete Pereira de Leão, David Carneiro e Bernardo Schulman, este membro de família judaica, além dos inclusos no Anexo 1.

¹⁸⁰ Ao longo do período, como presidentes da Sociedade Escolar, foram identificados – além de August Gaertner (1884-1890) – os nomes de João Schmidt (1891); Theodoro Stock (1900); Manoel Roskamp; engenheiro Rudolf Lange e Schmidlin (1907); Rudolf Schwab; Albert Schoneweg; Francisco Schaffer (1916). Fugmann (1929, p. 86) cita ainda W. Escholz, G. Mueller, F. Jonscher, B. Amhof, J. Schmidlin, W. Krueger, A. Sabatke, E. Prohmann.

¹⁸¹ August Gaertner exercia a função de secretário na *Communa Evangélica Alemã* e era descendente do primeiro pastor, Johann Friedrich. Os arquivos (CELC, n. 3569) apontam para a possibilidade de August Carl ser seu filho, nascido em 1857, ou seu neto, August Adolph Otto Paul, nascido em 1868.

¹⁸² Gottfried Mettler era “pintor alemão”, artista e “amador teatral”, segundo nota de seu falecimento, ocorrido em 2 de fevereiro 1885 (Dezenove de Dezembro, 15 fev. 1885).

¹⁸³ Ou Fernando Senff, como consta na assinatura dos membros em requerimento de agosto de 1884 (Paraná. *Requerimentos*, v. 4, AP 734, p. 7 1884).

¹⁸⁴ Paul Robert August Issberner (CELC, n. 4760), natural da Pomerânia, foi posteriormente (julho de 1886 a dezembro de 1888, ano de seu falecimento) diretor do atual Colégio Visconde de Porto Seguro, em São Paulo.

assembléia geral (julho de 1885). Não se sabe a pauta da reunião, mas a fonte produzida pelo presidente da sociedade escolar afirma que o pastor teria conseguido persuadir a maioria dos participantes, os quais decidiram pela anulação do contrato (Paraná. *Ofícios*, 1885, p. 26-28). Desta feita, a escola teria de encontrar um outro local para seu funcionamento.

Durante o primeiro semestre do ano de 1885, os conflitos entre Boecker e a nova sociedade, que se impunha como defensora de um ensino não-confessional, podem ter levado o pastor a acionar outros mecanismos para manter ao menos parte de seu alunado. É o que nos aponta a informação trazida pelo superintendente do “14º distrito”, Capitão Lavor, após uma visita às escolas públicas e particulares, com a intenção de verificar a frequência escolar:

Quadro 2: MAPA DE FREQUÊNCIA ESCOLAR DAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS

Schleder	60	A. Boecker	83
D. Senhorinha	30	D. Narcisa	60
D. Rosina	45	C. Loco	76
D. Luiza Netto	70	D. Iria	71
Rouxinol	72	D. Zelic	20
Parthenon	54	Collegio Inglez	20
Collegio Coritybano	75	Sociedade Allemã	155
A. Magno	34	D. B. Kalkmann	26
D. Constança	55	D. Meissner	40
D. Presciliana	39	J. Cupertino	36
J. Durski	15		

FONTE: Dezenove de Dezembro, 16 jun. 1885.

A listagem de escolas¹⁸⁵ nos revela aspectos significativos da instabilidade daquele momento, o meio do ano de 1885. Primeiramente, ela aponta para uma clara separação de espaços entre as aulas ministradas pelo pastor “A. Boecker” e aquelas proporcionadas pela “Sociedade Allemã”, ou seja, o pastor Boecker tinha uma escola própria. E ainda que somemos os resultados obtidos pelo “mapa da frequência” dessas duas escolas – 238 alunos – não conseguiremos obter o montante de alunos obtido no ano anterior – 275 matrículas. Estas duas considerações levam-nos a constatar algumas evasões, talvez em busca de um ambiente escolar mais tranqüilo, e permitem-nos inferir que o pastor continuava a atender aos alunos cujos pais pretendiam que seus filhos continuassem a receber o ensino religioso. Mesmo em desvantagem, com pouco mais da terça parte do total de alunos, o pastor tentava arrebatar adeptos para sua causa, e muito possivelmente os pais desses oitenta e três alunos remanescentes participavam ativamente em prol desse intento.

¹⁸⁵ O superintendente explica a ausência da escola “do Schmidt”, adoentado e sem poder dar aulas para seus 14 alunos, das escolas noturnas, do Instituto Paranaense e das “escolas dos corpos que são todos adultos” (Dezenove de Dezembro, 16 jun. 1885).

Durante a assembléia acima mencionada, e no calor das discussões, os demais membros presentes teriam concordado com as considerações e justificativas trazidas pelo pastor e seus adeptos, desta feita, a anulação do contrato tornou-se decisão da maioria. Esse fato pode também trazer elementos explicativos para a atitude tomada pelo presidente Gaertner que, ao tomar conhecimento da decisão majoritária, falou em nome da diretoria da sociedade escolar, solicitando à membrazia uma revisão de seu posicionamento e de seus conceitos, visando a emendar os fios sustentadores do projeto societário laico. Argumentou que durante a realização da assembléia requisitada pelo pastor, no mês de julho, “contra a escola, direção e professores”, havia sido “imposta” uma proposta pela maioria. A tomada de decisão, segundo ele, ia “contra todo o raciocínio lógico.” Afirmando que os membros ali reunidos haviam sido “mal aconselhados,” alegava que muitos já haviam reconhecido seu erro e voltado atrás em sua decisão, pois haviam percebido que votaram “contra o interesse da comunidade.” Na argumentação de Augusto Gaertner, teria ficado claro que o aluguel de quatrocentos e oitenta mil réis (480\$000) anuais era impraticável. Não teriam recursos disponíveis para arcar com o aluguel e manter os salários dos professores, “sem que a contribuição mensal dos membros seja aumentada”. Além disso, enfatizara o diretor da sociedade, muitos ameaçaram retirar-se da comunidade “caso a escola se mude de lá” (Paraná. *Ofícios*, 1885, p.27-28).

Justificando sua intervenção na decisão majoritária, fazia ver a todos que era “obrigação de a diretoria evitar esse prejuízo ameaçador” (Paraná. *Ofícios*, 1885, p.27). Dividindo responsabilidades com a suposta membrazia consultada, e em nome do próprio desenvolvimento da comunidade, solicitou/intimou aos que concordassem com a permanência da escola nas dependências da comunidade, que o demonstrassem, assinando o documento. Conseguidas cento e vinte assinaturas, Augusto Gaertner enviou seu parecer ao presidente da Província, anexando o abaixo-assinado. Pedia sua apreciação no sentido de “mandar continuar a funcionar, no edifício da igreja evangélica desta capital, a escola alemã, como tem acontecido até hoje” (Paraná. *Ofícios*, 1885, p.26). A resposta obtida foi favorável a manter a escola onde ela estava.¹⁸⁶ O processo culmina com o retorno do pastor Wilhelm August Boecker para a Alemanha.¹⁸⁷

¹⁸⁶ O documento que colheu as assinaturas, datado de 16 de outubro de 1885, fora encaminhado ao então presidente Taunay, dia 29 de dezembro 1885, e sua resposta foi lavrada imediatamente: no mesmo dia 29 de dezembro.

¹⁸⁷ Não foram encontrados registros datados de sua partida, as fontes indicam apenas que o pastor havia permanecido junto à comunidade até o ano de 1885. Sabe-se que, em 1908, pastor Boecker residia em Wiesbaden, onde aceitava pensionistas (Hatschbach, 1981).

Talvez Augusto Gaertner não estivesse muito confiante em relação à sua atitude e seus possíveis desdobramentos, talvez temesse ser alvo de pressões maiores que poriam em risco sua autoridade perante a comunidade, talvez almejasse apenas colocar fim aos conflitos internos da comunidade, daí a tentativa de legitimar sua decisão recorrendo aos poderes constituídos. O fato se despe de qualquer estranhamento se considerarmos a existência de uma conciliação de interesses, naquele momento, com indícios de uma boa articulação entre o presidente da sociedade escolar e o poder maior da província. O presidente em exercício, Alfredo d'Escagnolle Taunay,¹⁸⁸ posicionava-se como favorável à imigração, creditando como “incontestáveis” os benefícios dela decorrentes, inclusive no campo educacional, âmbito no qual os imigrantes poderiam trazer “novas luzes e fecundos ensinamentos” (Gazeta Paranaense, 16 e 20 out. 1885), o que lhe permitia uma grande aceitação por parte dos imigrados e facilitava a aproximação entre estes e o governante. Segundo Heisler (192[9], p. 75), em visita à escola, o Presidente Taunay assistira “varias aulas”, tecendo elogios aos alunos e à direção, e o dia de seu aniversário configurou-se como ocasião propícia para manifestações públicas de “consideração”, quando um grupo de alunas da “escola alemã” fez “allocuções”, enaltecendo sua administração:

Hoje, faustoso dia, de vosso anniversario natalício, nós vimos á vossa presença render um preito de amizade e de apreço á vossa distincta pessoa.

Significa esta nossa visita uma modesta, mas muito sincera prova de reconhecimento ao bem que tendes feito com vossas luzes de patriotismo, á Província que sabiamente administraes, ao estrangeiro que n'ella encontrou acolhimento, e portanto ao Paiz; porque o resultado de vossos serviços sera o engrandecimento d'elle.

Nestas singelas expressões acceitai, Exm. Snr. os votos mais fervorosos que fazemos para que seja longa e venturosa a vossa existencia, pois a ella se prende a felicidade de vossa illustre prole; e da vossa vida publica cheia de patriotica abnegação emanarão sempre crescentes beneficios.

Nossas saudações a S. Exc.

VIVA O EXM. SR. DR. TAUNAY! (Gazeta Paranaense, 24 fev. 1886).

A ênfase na sapiência do administrador público, que havia dado seu aval ao pedido feito pelo presidente da Sociedade Escolar, fortalecia a resolução tomada anteriormente e amainava as possíveis tensões da comunidade. Nessa discussão, retomamos a análise de João Klug (1997) sobre as Comunidades Luteranas de Santa Catarina, que considerou a dificuldade de estabelecer limites entre as comunidades escolares e as eclesiásticas. Com diretorias próprias, muitas vezes atuando lado a lado, uma vez que a religião tinha um peso significativo

¹⁸⁸ Visconde Alfredo d'Escagnolle Taunay (1843-1899), engenheiro, bacharel em matemática e ciências físicas, transitou pelo campo da música, pintura e literatura, foi professor na Escola Militar do Rio de Janeiro, deputado provincial por Goiás, e o 23.º Presidente da Província do Paraná (setembro de 1885 a maio de 1886) (Carneiro, 1994).

junto aos imigrantes, essa proximidade gerava conflitos e impunha escolhas, podendo ocasionar a fusão de ambas as comunidades ou, em alguns casos, uma separação definitiva. Em período anterior ao nosso recorte, na década de 1870, as tensões internas da colônia alemã de Petrópolis também foram decorrentes de desavenças entre as comunidades escolar e religiosa (Canstatt, 1954), e em Curitiba, os conflitos teriam ocorrido num âmbito maior, a aquilatar os dissensos emersos das fontes e a análise de Ariclê Vechia (1998a) sobre os desentendimentos ocorridos entre professores, pastores, famílias, diretoria e Sociedade Escolar.

Consultando o jornal *Der Pionier* de 1885, a autora detectou divergências em relação aos conteúdos de ensino¹⁸⁹ selecionados pelo professor Herzberg, o qual julgara oportuno levar ao conhecimento dos alunos, durante as aulas de História Natural, os fundamentos teorizados por Darwin,¹⁹⁰ sendo acusado de heresia pelo pastor Boecker, que acreditava que o professor estaria criando condições para afastar os alunos da religião e conduzi-los ao ateísmo. Por outro lado, a escola, ao exigir a participação ativa dos pais, dava margem para que os descontentes com o ritmo que se imprimia na aprendizagem dos saberes interferissem no processo. A ausência de consenso levou o jornal a imputar o fato à “teimosia alemã” e sair em defesa do professor, como mestre de ensino e especialista na área. No início do ano seguinte, 1886, tudo indica que os professores haviam sido afastados do poder de decisão da escola, sem poder votar ou participar das reuniões, provocando a nota veiculada pelo jornal, na qual, sob a forma de protesto, questionava-se se um professor que aprendera bem seu ofício deveria aceitar humildemente as decisões vindas de pessoas leigas.

Os extratos do jornal *Der Pionier*, apontados pela autora e aqui sintetizados, levam-nos a interpretar a existência de conflitos e incertezas, num momento de transição entre uma diretoria e outra, no qual pais, professores, membros da sociedade escolar e pastor procuravam interferir na seleção dos conteúdos escolares, criando prioridades e fazendo emergir tensões e pressões. A escola tornava-se o que Ivor Goodson (1998, p. 53) chama de “terreno de enfrentamento”, no qual atuam forças diversas, sociais e políticas, que contribuem para a construção do currículo, defendendo a análise deste, como elemento portador e distribuidor de prioridades e propósitos os mais diferenciados.

Juntamente com esse processo, o campo religioso também fornecia elementos de desestabilização, decorrente da saída do pastor Boecker após quatorze anos de atendimento à

¹⁸⁹ Os conteúdos de ensino e a grade curricular serão discutidos em capítulos à parte (3 e 5), quando tratarmos dos tempos escolares e do método empregado pela escola.

¹⁹⁰ Charles Robert Darwin (1809-1882), naturalista inglês, propôs a seleção natural como mecanismo evolutivo em sua obra “Sobre a origem das espécies”, de 1859, desafiando os princípios estabelecidos pela religião.

comunidade e contra a vontade de aproximadamente um terço de seus membros. A atuação de seu substituto, pastor Haarmann (1886-1891), contribuía para que as questões financeiras se tornassem mais um dos pontos de discórdia. Este direcionava seus esforços à administração do cemitério e convocava a comunidade a colaborar para saldar as dívidas contraídas com as obras de construção da residência para o zelador daquele local. No ambiente escolar, o pastor assumiu o encargo de mediar as relações entre pais e professores e entre estes e a diretoria, assegurando maior tranqüilidade na vida escolar (Fugmann, 1929, p. 86).

As pressões impostas ao corpo docente lançaram novos desafios aos seus integrantes. O professor Herzberg, que havia se desentendido com o pastor Boecker, anunciou a abertura do seu “novo collegio allemão”, com opções de externato e internato e ofertando um leque considerável de matérias. As aulas seriam dirigidas por professores “que já provaram sua habilidade nesta cidade e esperam elles merecer dos srs. pais a mesma confiança com que foram até hoje distinguidos”, numa alusão provocativa aos pais que o conheceram como professor da *Deutsche Schule*. Objetivando a arrebanhar sua clientela, Herzberg¹⁹¹ havia escolhido um local muito próximo do seu local de atuação, o edifício da igreja, anunciando o colégio na Rua do Serrito, atual Rua Presidente Carlos Cavalcanti (Dezenove de Dezembro, 30 abr. 1886). Posteriormente, o mesmo jornal nos dá a conhecer os outros professores responsáveis pela nova escola, “R. Thomas e P. Issberner” (Dezenove de Dezembro, 1 maio 1886), este último, ex-diretor e ex-colega de Augusto Herzberg, na *Deutsche Schule*.¹⁹²

Um outro aspecto deve ser considerado nessa mudança de diretrizes educacionais, impulsionada por alguns membros da colônia alemã de Curitiba. Os estudos de Sergio Nadalin, enfocados na comunidade evangélica local,¹⁹³ visibilizam um conjunto de indivíduos portadores de habilidades manuais significativamente urbanas, com conhecimentos específicos desenvolvidos em suas cidades de origem (agrimensor, engenheiro, construtor civil, ourives, médico, farmacêutico, “doutor em filosofia”¹⁹⁴), ou de acordo com as necessidades do momento, no setor de prestação de serviços (empreiteiro, carroceiro, oleiro, marceneiro, lenhador, serralheiro, pedreiro, jardineiro), e de atendimento ao mercado

¹⁹¹ O professor Augusto Herzberg faria parte do quadro profissional do Colégio São José, em 1888.

¹⁹² A *Deutsche Schule* paulista apresentara elementos de conflito muito semelhantes – críticas aos professores, fundação de novas escolas, deposição do diretor – oportunizando a Issberner o preenchimento daquele cargo, em agosto de 1886 (Donato, 1993). Esse fato demonstra uma passagem meteórica de Issberner no quadro professoral do recém-fundado colégio alemão curitibano.

¹⁹³ Sergio Nadalin desenvolveu vários estudos tendo essa comunidade como foco de análise, alguns deles colaborando com o desenvolvimento de nossa análise e elencados nas referências, mas agora estamos nos referindo à sua tese de doutorado (1978), mais especificamente às páginas 534-535, as quais contêm a lista de profissões da membrazia até o final de 1889.

¹⁹⁴ Essa qualificação pode corresponder ao professor Paul Issberner (CELC 4760).

consumidor (padeiro, açougueiro, chapeleiro, alfaiate, cervejeiro, sapateiro). Trabalhando com a forja, com o barro, com o couro, produziam utensílios a serem comercializados, fabricavam carroças e barris para o transporte da erva-mate ou eram simplesmente “colonos”. Além do funcionário do telégrafo e do “Wegoffizier”¹⁹⁵ da Estrada da Graciosa, encontramos um “comprador”, um “proprietário”, um “industrial” e um “fabricante de cigarros”.

Pela lista, elaborada por Nadalin com base na reconstituição das famílias, constata-se uma gama diversificada de atividades profissionais exercidas pelos membros da comunidade, indo ao encontro de nossas discussões já realizadas (item 1. 1 – Construção, transmissão e manifestação de valores culturais) e tornando possível detectar que grande parte desses indivíduos dispunha de conhecimentos – advindos de práticas ou de estudos feitos anteriormente – que lhes permitiram atender tanto à demanda local quanto aos seus próprios interesses. Na compreensão dessa rede de relações, de interdependências, de complementaridade, em processo constante de transformação, podemos interpretar a mudança ocorrida na *Deutsche Schule* como resultado deste processo, correspondendo aos anseios da comunidade, naquele momento. Grande parte da membrazia estava inserida no desenvolvimento econômico da cidade e visualizaria novos horizontes para a educação formal de seus filhos – talvez uma ampliação não apenas física de sua escola – e seus objetivos seriam mais facilmente atingidos se as fronteiras fossem alargadas, agregando contribuições e apoio. Nessa linha de pensamento, torna-se significativo o projeto de professores da *Deutsche Schule* que visavam a oferecer suporte aos jovens já inseridos no mercado de trabalho, oportunizando-lhes freqüentar aulas noturnas, com matérias direcionadas às atividades comercial e industrial, incluindo o “português”, ou o plano abortado da Sociedade Escolar de abrir uma escola de ensino secundário voltada aos alemães, em 1885 (Vechia, 1998a, p. 252).

Podemos também aventar a possibilidade de a Sociedade Escolar ter sido criada visando a uma autonomia nas decisões concernentes à escolarização, o que não impediria a religião de permear e até direcionar a seleção de conteúdos e práticas, promovendo a formação religiosa do alunado. Outrossim, as fontes dão a perceber que, atendendo às prováveis demandas das famílias e da Igreja, católica e protestante, foram desenvolvidos mecanismos de negociação entre estas e a sociedade escolar (Fugmann, 1929, p. 85), os quais permitiram que o ensino religioso se mantivesse no ambiente escolar, ainda que com o caráter

¹⁹⁵ A palavra não foi encontrada nos dicionários consultados, embora, pela sua decomposição (*Weg*, caminho, estrada; *Offizier*, oficial) sugira tratar-se de um emprego público, talvez alguém ligado aos serviços de manutenção do leito da estrada.

de opcional (DS, Relatório, 1895), ao menos até 1897, ano que marca o início do pastorado de Siegfried Schultz.

Contrariando os estatutos da Sociedade que previam a independência religiosa da escola, Berthold Adam¹⁹⁶ requereu a suspensão das aulas de religião, em 1893 (Heisler, 192[9], p. 75), com o apoio do jornal *Der Beobachter* e de seu redator e proprietário, Anton Schneider, defensor da escola laica. O caráter não-confessional da escola continuou a ser discutido até o final da década, envolvendo toda a colônia alemã e provocando reações diversas em seu interior. Parte dos evangélicos resolveu afiliar-se a outra comunidade e transferir seus filhos para outra(s) escola(s), como já foi discutido no primeiro item, quando levantamos elementos explicativos para a desavença formada entre a membrazia, sua mobilização para a retirada do pastor Schultz e ainda a convocação das autoridades eclesiásticas, exigindo seu retorno à Alemanha.

Os alemães católicos, a partir de 1896, passaram a contar com a assistência espiritual do padre Franz Auling. Vindo de Braço do Norte (SC), a pedido do bispo D. José de Camargo Barros, padre Auling participou ativamente da administração eclesiástica, como escrivão dessa “câmara” e “coadjutor da Paróquia” (Almanach Paranaense, 1897, p. 71). Logo após a sua chegada a Curitiba, encaminhou um documento à diretoria da *Deutsche Schule*, solicitando a permissão para ministrar aulas de religião aos alunos católicos ali matriculados. Seu pedido estabelecia a carga horária de duas aulas semanais, um tempo equivalente àquele concedido aos alunos evangélicos, – o que nos confirma a existência dessa matéria no interior da *Deutsche Schule*. Entretanto, a direção da escola, diante do impasse em que havia sido colocado pelo Sr. Adam, declarou-se impossibilitada de atender a esse pedido. Inconformado com a recusa, o padre fundou, naquele mesmo ano, a Escola Elementar Alemã Católica, que viria a proporcionar o ensino confessional das crianças católicas alemãs.

Com base nessa discussão, é possível perceber que o procedimento tomado pela Sociedade Escolar, tentando atender a múltiplas demandas e visando à inclusão de todas as confissões religiosas em seu quadro discente, não obteve o sucesso esperado, gerando antes exclusões e distanciamentos. Compreendendo, porém, a importância da educação formal, a sociedade manteve-se em sua decisão inicial de tomar para si a responsabilidade dessas decisões. O resultado dos esforços empreendidos pelo grupo dirigente será doravante

¹⁹⁶ Bertholdo Adam, prussiano (1849-1932), chegara a Curitiba em 1881, onde exerceu o cargo de agrimensor auxiliar da Estrada de Ferro Paranaguá–Curitiba e da linha telegráfica Curitiba–Guarapuava. Naturalizou-se brasileiro em 1889 (Nicolas, [19--?], p. 25). Encontramos seu nome como membro filiado à “União Republicana” (A Federação, 27 abr. 1892) e diretor da Liga Política “Ordem e Progresso” da qual também fazia parte, como secretário, Antonio Schneider (A Federação, 11 jan. 1893).

analisado por meio do estudo das práticas escolares, desenvolvidas no interior da *Deutsche Schule*. Utilizando-nos das categorias espaço-temporais, da seleção de conteúdos, dos objetos e instrumentos utilizados naquele ambiente, sua historicidade, seus significados e seus valores atuando no processo educativo, na segunda parte deste trabalho, iremos nos aproximar do fazer escolar cotidiano e buscar entendimento/compreensão para as práticas ali realizadas.